



O movimento pelos direitos civis dos negros visto por Hollywood: a monumentalização histórica em *Malcolm X* (1992) e *Selma – Uma luta pela igualdade* (2014)

Camila Peres Lima

Monografia apresentada como exigência parcial
para obtenção do grau de Bacharel em História na
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientador: Professor Dr. Wagner Pinheiro
Pereira

Rio de Janeiro

2018

DEDICATÓRIA

Dedico esta conquista ao meu Deus, de quem sou e a quem sirvo. Sem Ele, nenhuma realização faria sentido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Wagner Pinheiro Pereira, sem o qual este trabalho não teria sido possível. Obrigada pelas dicas, correções, pela paciência e por demonstrar, através do seu trabalho, que pesquisar História é relevante e pode também ser divertido.

Agradeço à minha família, que o tempo todo foi minha base de sustentação: aos meus pais, que nunca deixaram faltar nem recursos materiais nem incentivo para que eu conseguisse concluir esta etapa da minha vida. Às minhas irmãs e meu cunhado, que me ouviram falar desta pesquisa por horas a fio com toda a paciência.

Agradeço a meus colegas de curso, que tanto contribuíram na minha trajetória acadêmica e pessoal, e se tornaram amigos que espero levar para a vida.

RESUMO

LIMA, Camila Peres. **O movimento pelos direitos civis dos negros visto por Hollywood: a monumentalização histórica em *Malcolm X* (1992) e *Selma – Uma luta pela igualdade* (2014)**. Orientador: Wagner Pinheiro Pereira. Rio de Janeiro: UFRJ/ Instituto de História; 2018. Monografia (Bacharelado em História).

O presente trabalho monográfico pretende analisar o tema da representação cinematográfica hollywoodiana do movimento pelos direitos civis dos negros, a partir dos filmes que retratam as duas figuras mais influentes do período: Malcolm X e Martin Luther King Jr. Na primeira parte do trabalho será traçada uma breve exposição teórica dos usos do cinema na História e os métodos empregados nesta análise, além de uma síntese histórica do movimento por direitos civis. Nos capítulos subsequentes serão analisados em profundidade cada um dos dois filmes escolhidos. Para composição da pesquisa, serão utilizados livros, artigos, dissertações, teses, jornais, filmes e sites. Por fim, na conclusão será possível refletir sobre como o cinema se tornou um espaço de afirmação da cultura afro-americana e de resistência à opressão racial existente nos Estados Unidos, e considerar como estes filmes ressignificam o passado de acordo com as demandas do presente, num retorno às raízes do movimento que abalou a estrutura segregacionista e conferiu aos afro-americanos um novo senso de valor.

SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo 1: Sobre o movimento por direitos civis	12
1.1 – Do pós-abolição ao despertar do movimento	12
1.2 – Dois líderes, dois caminhos.....	20
1.2.1 - Malcolm X.....	20
1.2.2 - Martin Luther King.....	24
Capítulo 2 – <i>Malcolm X</i> (1992): um monumento ao herói afro-americano.....	31
2.1 – O contexto de uma geração pós-direitos civis.....	31
2.2 - Spike Lee e a ascensão de um cinema feito por negros e sobre eles.....	33
2.3 – A construção da narrativa monumental.....	40
2.3.1 – Abertura.....	40
2.3.2 – Infância e juventude: de Malcolm Little a Red.....	42
2.3.3 – De Satã a convertido.....	47
2.3.4 – Ministro Malcolm.....	48
2.3.5 – Uma nova etapa e o abrupto fim.....	54
2.3.6 – Vivo na memória.....	57
Capítulo 3 – Martin Luther King em <i>Selma</i> (2014): o homem por trás do mito?.....	61
3.1 – Avanços e retrocessos para os negros nos EUA do século XXI.....	61
3.2 – Ava DuVernay: uma mulher negra em Hollywood.....	64
3.3 – Martin Luther King entre a fraqueza e a glória.....	67
3.3.1 – Abertura.....	67
3.3.2 – O lado mais humano de Martin Luther King	69
3.3.3 – Martin X Malcolm	72
3.3.4 – King como estrategista	74
3.3.5 – A crueza da segregação	76
3.3.6 – O triunfo final	79
4. Considerações finais.....	83

5. Filmografia.....85

6. Bibliografia.....85

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar as representações do movimento pelos direitos civis dos negros - ocorrido nos EUA nas décadas de 1950 e 1960 - presentes no cinema hollywoodiano, com o objetivo de entender de que forma o cinema é mobilizado como ferramenta de monumentalização histórica e conscientização social. Para isso foram escolhidos os filmes *Malcolm X* (dir. Spike Lee, EUA, 1992) e *Selma – Uma luta pela igualdade* (dir. Ava DuVernay, EUA, 2014), que, ao retratarem as trajetórias das duas lideranças mais influentes do período, Malcolm X e Martin Luther King Jr., permitem a reflexão sobre como o cinema se tornou um espaço de afirmação da cultura afro-americana e de resistência à opressão racial existente nos Estados Unidos.

O interesse pelo tema da desigualdade racial na sociedade norte-americana é anterior à minha entrada na universidade. Desde o Ensino Médio, quando nas aulas de História fui apresentada ao sistema segregacionista vigente nos estados do Sul dos EUA do século XX, questionei as diferenças entre o racismo nos EUA e no Brasil, dois países que têm suas histórias marcadas indelevelmente pela escravidão negra. Ao ingressar na graduação em História pretendi, num primeiro momento, pesquisar de que forma os negros resistiram à opressão racial através da cultura, especialmente da música. Tendo contato com o Prof. Dr. Wagner Pinheiro Pereira numa disciplina eletiva que tratava da relação entre História, cinema e cultura de massas, descobri todo um campo de possibilidades a serem trabalhadas, percebendo como a cultura audiovisual possui a capacidade de debater questões sociais relevantes. Ingressando no LHISCA, o Laboratório de História, Cinema e Audiovisualidades, coordenado pelo professor Wagner e vinculado ao Instituto de História da UFRJ, atentei para a grande importância do cinema na sociedade norte-americana e em todo o mundo, e conheci as obras de diretores negros interessados em utilizá-lo como espaço para discussão de questões raciais.

A importância do movimento pelos direitos civis para a cultura audiovisual se tornou evidente devido às inúmeras referências encontradas em filmes, seriados e clipes musicais que revelaram o impacto da luta das décadas de 50 e 60 na construção de uma identidade cultural afro-americana baseada em orgulho e coragem. A escolha de duas cinebiografias – *Malcolm X* e *Selma* - para abordar um período histórico tão significativo baseia-se na concepção de que este gênero cinematográfico é capaz de construir memória histórica valendo-se de todo o poder de atração do cinema, pois sua narrativa, ao personalizar os processos históricos,

favorece a identificação com o espectador e contribui para estabelecer uma versão de um evento histórico que pode se tornar oficial para o público não-acadêmico.

Analisando o perfil de Spike Lee e Ava DuVernay e a forma como abordaram o tema histórico do movimento pelos direitos civis, é possível perceber como a relação entre cultura e identidade afro-americana é importante desde a chegada dos primeiros escravos negros aos EUA. No fim da década de 1980, num contexto de acirramento das tensões raciais e perda de direitos, Spike Lee emergiu como um cineasta inovador e polêmico, que privilegiou as temáticas raciais; seu trabalho abriu caminho para muitos outros, como Ava DuVernay, interessados na luta dos afro-americanos por igualdade. Para eles, recuperar o movimento por direitos civis em seus filmes significa valorizar a história da resistência negra nos EUA, e ensinar às novas gerações a importância de líderes como Malcolm X e Martin Luther King. As temáticas abordadas, a estética dos filmes e a escolha das figuras de Malcolm X e Martin Luther King nos filmes de Spike Lee e Ava DuVernay, transparecem suas opções ideológicas, que têm uma maior identificação com cada um dos já citados líderes. Além do ponto de vista político, os filmes são capazes de influir também na criação de identidade cultural, através de seus símbolos imagéticos e sonoros. Assim, as múltiplas potencialidades do cinema se revelam: no contexto atual, de um mundo cada vez mais dominado por imagens, os filmes históricos, que sempre foram muito populares, exercem papel inegavelmente importante na construção de conhecimento histórico.

Do movimento por direitos civis restaram inúmeros documentos: fotografias, vídeos, discursos escritos, livros, matérias jornalísticas, que nos ajudam a entender de que forma os negros construíram um capítulo memorável da história dos EUA. Aliás, o desejo de manter viva a memória do movimento levou à construção de estátuas de figuras importantes, instauração de feriados e criação de museus, elementos que comumente denominamos como monumentos, como o Dia de Martin Luther King, comemorado na terceira segunda-feira de janeiro nos EUA. Mas o que diferencia documentos de monumentos? Segundo o historiador Jacques Le Goff, a diferença começa a partir da etimologia destas duas palavras: *monumentum*, palavra latina, vem do verbo *monere*, que significa fazer recordar, iluminar, instruir; enquanto *documentum*, advindo do verbo *docere*, significa ensinar, e evoluiu para o significado de “prova”¹. Assim, monumento estaria ligado a tudo que é capaz de evocar o passado, perpetuar a memória; enquanto o documento seria uma prova objetiva de algum fato histórico, um testemunho mais fidedigno do passado que o monumento.

¹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 1990, pág 536.

Ao me deparar com estas reflexões sobre história e memória, algumas perguntas importantes assomaram à minha mente: o monumento seria uma mera “construção comemorativa”, intencional e contaminada pela parcialidade, enquanto o documento seria um rastro não-intencional e imparcial deixado pelo passado, sendo por isso “verdadeiro”? É possível que um documento se torne um monumento, ou que um monumento seja lido enquanto documento? Em sua obra “História e Memória”, Jacques Le Goff afirma que em primeiro lugar é preciso reconhecer que “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”². Por isso, é necessário superar a visão, herdada do século XIX, de que um documento é um registro inteiramente fiel de acontecimentos históricos, capaz de narrar “o que realmente ocorreu”. Ao se deparar com um documento – ou mesmo com a ausência dele –, o historiador tem o dever de investigar suas condições de produção, recepção e conservação, buscando entender a sociedade que o registrou, de que forma foi interpretado em diferentes épocas e quais interesses o levaram a ser conservado, ou, pelo contrário, apagado. Para Le Goff, o que transforma um documento em monumento é sua utilização pelo poder, ou seja, o fato de ser instrumentalizado como meio de referendar uma determinada concepção dos acontecimentos históricos, estabelecendo uma versão “oficial” dos fatos, que se pretende inquestionável. Por isso é tão importante que o historiador não aceite prontamente as informações contidas num documento, analisando seus usos em diferentes contextos para assim desconstruir a visão de que só há uma verdade histórica: “*só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa*”³. E o contrário, a análise do monumento enquanto documento, é possível? Acredito que sim, porém de uma forma diferente daquela praticada pelos historiadores do século XIX. Enquanto naquela época os monumentos (a grande maioria consagrados a celebrar a memória dos Estados-Nação) eram transformados em provas indubitáveis da existência e relevância de certos acontecimentos históricos, atualmente nos interessa mais entender por que certos indivíduos, povos e acontecimentos se tornam dignos de serem monumentalizados, e quem define o que é ou não memorável.

E em que ponto desta discussão sobre história e memória o cinema se insere? Escolher filmes como fonte de pesquisa implica certas desvantagens: há quem ainda veja o cinema, especialmente aquele produzido na indústria hollywoodiana, como mera fonte de

² Ibidem, pág 546

³ Ibidem, pág 546.

entretenimento, incapaz de trazer reflexões mais profundas ou revelar aspectos relevantes da sociedade que o produziu. No caso dos filmes de reconstituição histórica, duas atitudes são comuns: o desprezo de muitos acadêmicos, que veem nos filmes históricos uma falsificação grosseira do passado; e a fascinação acrítica das massas, que prestam maior atenção aos efeitos especiais e às personagens cativantes, sem questionarem se o conteúdo histórico ali exposto corresponde minimamente ao que a historiografia produziu sobre aquele período. Longe de rejeitar a validade da historiografia, o historiador Robert Rosenstone afirmou, em seu livro “El pasado em imágenes: El desafío del cine a nuestra idea de la historia” que “*cada vez mais gente forma sua ideia do passado através do cinema e da televisão, seja através de filmes de ficção, docudramas, seriados ou documentários*”⁴, e que por isso o historiador não pode mais estar alheio ao poder exercido pelas imagens em movimento. Porém, o estudioso que se volta para o cinema não pode exigir que um filme histórico atenda às mesmas exigências que um registro escrito, pois cada meio tem características diferentes. Desta forma, o cinema histórico precisa ser julgado de acordo com critérios que levem em consideração suas especificidades, e o desafio do historiador é explorar, sem preconceitos, essas possibilidades de uso das imagens na produção de conhecimento histórico verossímil e passível de ser apreendido pelo público não acadêmico.

Valendo-me das considerações de Le Goff sobre documento e monumento, entendo que o cinema de reconstituição histórica pode desempenhar as duas funções ao mesmo tempo. Em primeiro lugar, o filme, ainda que ficcional, constrói uma narrativa do passado a partir de referenciais do tempo presente. Mesmo buscando recriar os costumes de outras épocas, ele pode revelar muito sobre o imaginário da sociedade em que foi produzido, permitindo-nos refletir sobre como esta sociedade se relaciona com seu passado. Torna-se assim um documento histórico passível de análise, e sua contribuição dependerá das perguntas feitas a ele pelo historiador. Ao mesmo tempo, o filme, ao resgatar acontecimentos históricos, reveste-os de toda a potência estética e dramática proporcionada pela tecnologia cinematográfica, tornando-se capaz de alcançar não apenas sua época, mas também as gerações futuras. Assim, em que se constitui, se não num monumento destinado a celebrar a memória de determinados feitos, indivíduos ou grupos sociais?

As duas obras – *Malcolm X* e *Selma* -, que retratam um período histórico específico, o do movimento pelos direitos civis dos negros nos EUA, serão analisadas enquanto documentos, que nos permitem acessar o contexto da época em que foram produzidos, e também enquanto

⁴ ROSENSTONE, Robert. *El pasado em imágenes*. Barcelona: Editora Ariel, 1997, p. 29.

monumentos, destinados a perpetuar o legado do movimento para as gerações de afro-americanos herdeiros de suas conquistas. Para que esta análise fosse possível, foi necessário primeiro realizar uma pesquisa bibliográfica, que reuniu leituras sobre a história dos EUA, o movimento por direitos civis, sobre a relação entre cinema e história e também sobre as trajetórias individuais de Malcolm X e Martin Luther King. Estes primeiros esforços permitiram formar um conhecimento considerável sobre o tema, antes de proceder à fase mais importante da pesquisa, a análise fílmica, dividida em duas etapas: análise externa e interna⁵. Neste estudo, utilizo a análise externa para entender o filme como um documento, produto das relações envolvidas em sua produção, realização e recepção, e conto com o amparo da bibliografia reunida. Neste caso, o que nos interessa é saber quem são os diretores responsáveis pelo filme, em que contexto ele foi lançado, como foi recebido pela sociedade ao qual estava destinado, entre outras questões. A análise interna, que se concentra no caráter individual e singular de cada filme, foca em aspectos mais técnicos da produção, e tem como principal objetivo compreender a estrutura interna da narrativa. Aqui, ela nos ajuda a entender de que forma estes dois filmes servem como homenagens a Malcolm X e Martin Luther King, nos permitindo investigar a relação entre as versões da História veiculadas pelos filmes e o discurso histórico mais amplo. Juntas, as análises externa e interna buscam desvendar as intenções e os usos de cada filme ao longo do tempo.

Objetivando tornar a análise mais clara e organizada, esta pesquisa foi dividida em três capítulos. No primeiro, intitulado “História e memória do movimento pelos direitos civis dos negros dos EUA”, recupero brevemente a trajetória de segregação e resistência dos negros desde a Emancipação até a conquista de notoriedade pelo movimento por direitos civis, analisando a historiografia existente sobre o tema a fim de compreender suas origens e principais características. Após delinear o perfil do movimento, apresento as histórias pessoais de Martin Luther King e Malcolm X, os dois mais influentes líderes do período, que apesar de apresentarem duas concepções muito diferentes sobre os problemas e soluções do negro norte-americano, lutaram incansavelmente pela conquista de respeito e dignidade. Além do perfil biográfico destas duas grandes figuras históricas, busco mapear as diferenças e convergências entre os dois, a fim de traçar um quadro mais preciso das vertentes do movimento, de suas conquistas e limitações.

⁵ MOMBELLI, Neli Fabiane e TOMAIM, Cássio dos Santos. *Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos*. Lumina – Vol 8, nº 2, pp. 1-17.

No segundo capítulo, “*Malcolm X* (1992): um monumento ao herói afro-americano”, adentro no estudo do primeiro filme escolhido, estudando a trajetória de Spike Lee e empreendendo primeiro uma análise externa e depois interna para compreender de que forma Lee construiu sua representação de Malcolm X, legando às gerações posteriores um retrato vibrante deste líder. No terceiro capítulo, “Martin Luther King em *Selma* (2014): o homem por trás do mito?”, realizo as mesmas etapas de análise externa e interna para compreender as intenções de Ava DuVernay ao reconstituir uma figura histórica tão famosa a partir de uma nova perspectiva, não alinhada à memória oficial.

Na conclusão, analiso algumas diferenças e semelhanças entre os dois filmes, a fim de entender de que forma eles contribuem para a monumentalização do movimento por direitos civis e para o alargamento dos debates raciais em Hollywood. Por último, avalio a relevância desta pesquisa para minha formação como historiadora e como ser humano.

Capítulo 1 – Sobre o movimento por direitos civis dos negros nos EUA

1.1 – Do pós-abolição ao despertar do movimento

Dizer com precisão como o movimento pelos direitos civis dos negros começou nos EUA não é uma tarefa fácil. Resultado da revolta e inconformismo com a desigualdade racial existente nos Estados Unidos desde a época da escravidão, o movimento fez reverberar as reivindicações de milhões de negros, sendo responsável por abalar a estrutura segregacionista e conferir aos afro-americanos um novo senso de valor. Embora seja comumente situado entre as décadas de 1950 e 1960, entre os historiadores existem divergências quanto ao ano de início e o de término, se é que podemos considerar que um movimento social de tais proporções tem um registro oficial de nascimento ou um prazo de validade.

Em janeiro de 1863 foi proclamada a Lei de Emancipação dos escravos, mas apenas em 1865, com o fim da Guerra da Secessão, ela tornou-se válida, tendo sido incorporada à Constituição como a 13ª Emenda: *“Não haverá, nos Estados Unidos ou em qualquer lugar sujeito à sua jurisdição, nem escravidão, nem trabalhos forçados, salvo como punição por um crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado. O Congresso terá competência para fazer executar este Artigo por meio das leis necessárias”*⁶. Porém, com a morte do presidente Abraham Lincoln, a integração dos negros à sociedade ficou ainda mais distante de se realizar. Nos estados do Sul, após o período da Reconstrução, com a retirada das tropas da União dos territórios, os governantes criaram as leis popularmente conhecidas como “Jim Crow” - assim chamadas devido à associação dos negros à imagem de um corvo (“crow”) - que restringiam a liberdades dos negros em vários aspectos. Eles não poderiam casar-se com brancos, possuir armas de fogo ou atuar em certos ofícios especializados. Além disso, não houve qualquer iniciativa de redistribuição de terras⁷.

Considerados inferiores, os negros eram constantemente intimidados e até assassinados pelos racistas brancos. De acordo com dados do Tuskegee Institute, no Alabama, de 1882 a 1968, 3.446 negros foram linchados nos EUA, e nem todos os crimes ocorreram nos estados

⁶ *Constituição dos EUA*. Disponível em:

<http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/recdida/ConstituicaoEUARecDidaPESSOALJNETO.pdf>

⁷ KARNAL, Leandro. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2017, pág 142.

do Sul. O Mississippi é o estado recordista, com 539 mortes⁸. Estes atos brutais tinham como objetivo aterrorizar os negros e também intimidar brancos que fossem favoráveis às suas causas, paralisando as lutas por igualdade. Contra toda esta opressão, os negros resistiram de diversas formas: pregando o retorno ao continente africano, propondo boicotes econômicos, buscando alívio espiritual na religião ou criando manifestações artísticas como forma de expressão de sua cultura. Desde a abolição, mostravam não estar dispostos a aceitar passivamente sua situação. Porém, a partir da década de 1950 as iniciativas de resistência se tornaram mais frequentes e mais organizadas, além de terem ganhado maior publicidade, dando origem ao que entendemos como o movimento por direitos civis, que encampou uma multiplicidade de grupos que se valeram de diferentes estratégias a fim de alcançar um objetivo comum: a emancipação do negro na sociedade norte-americana.

Para alguns autores, o evento que assinala o início do desmoronamento do sistema Jim Crow é a vitória da NAACP (National Association for the Advancement of Colored People) no caso *Brown vs. Board*, em que a Suprema Corte dos Estados Unidos declarou a inconstitucionalidade do lema “separados mas iguais”, que até então considerava que a segregação espacial entre brancos e negros não significava inerente sinal de inferioridade. Em 1954 a NAACP, arremetendo contra a segregação presente nas escolas, instruiu pais de alunos negros a tentarem matricular seus filhos em escolas para brancos, a fim de tornar patentes as desigualdades educacionais devido à raça. Um destes pais, Oliver Brown, concordou em tentar inscrever sua filha, Linda, numa escola para brancos de Topeka, no Kansas. Diante da recusa em admiti-la, este pai, amparado por Thurgood Marshall, advogado da NAACP, levou à Suprema Corte uma ação reivindicando o reconhecimento de que a segregação racial nas escolas era incompatível com a 14ª Emenda, que garantia que nenhum Estado poderia fazer ou executar leis restringindo os privilégios ou as imunidades de quaisquer cidadãos do país. O tribunal, presidido pelo juiz Earl Warren, afirmou a inconstitucionalidade da segregação escolar, reconhecendo a importância do acesso à educação de qualidade para a formação dos cidadãos dos EUA, e os impactos psicológicos negativos da separação racial. A decisão da Suprema Corte foi considerada por muitos políticos uma intromissão na soberania dos Estados. A partir de então, com a mais importante instância do Judiciário dos EUA declarando que o lema “separados mas iguais” se constituía numa violação da Constituição, o sistema Jim Crow sofreu um duro golpe, agonizando até a década seguinte, quando seria

⁸ Lynchings Whites and Negroes 1882-1968. Tuskegee Institute, as cited by University of Missouri-Kansas City School of Law. Disponível em: (<http://law2.umkc.edu/faculty/projects/ftrials/shipp/lynchingsstate.html>)

definitivamente extinto⁹. O sociólogo Aldon Morris, no livro “*The origins of civil rights movement*”, dá grande ênfase ao papel desempenhado pela NAACP antes e durante o movimento, argumentando que

“Seria enganoso apresentar as batalhas nos tribunais sob uma luz estritamente legal. Sua importância foi maior por demonstrar aos negros do Sul que a estrutura de poder branca do Sul era vulnerável em alguns pontos. Essa vulnerabilidade podia ser encontrada apesar dos imensos esforços sociais, políticos e econômicos e das táticas terroristas usadas pelos sulistas para proteger o domínio branco. Sempre que a NAACP ganhava uma causa, ela serviu para deslegitimar o sistema de racismo branco aos olhos dos negros”¹⁰.

Os esforços da NAACP no campo jurídico somavam-se a outras iniciativas por parte de grupos insatisfeitos com as desigualdades raciais. Embora diversos autores tragam luz sobre diferentes fatos e aspectos que deram origem ao movimento, parece haver concordância quanto à centralidade de um episódio específico: o boicote aos ônibus em Montgomery, Alabama, responsável por tornar conhecido nacional e internacionalmente Martin Luther King Jr. Tudo começou na noite de 1º dezembro de 1955, quando uma senhora negra chamada Rosa Parks embarcou num ônibus para voltar a sua casa depois de mais um dia de trabalho. Cansada, ela sentou-se num dos bancos reservados para brancos. Devido ao fato, o motorista lhe pediu que se levantasse e seguisse para a parte traseira do ônibus. Por causa de sua recusa, a Sra. Parks foi presa, fato que gerou indignação e revolta em toda a comunidade negra da cidade, que a respeitava e admirava. Um pastor da cidade, Edgar Daniel Nixon, pagou a fiança para que ela pudesse ser solta, mas seu julgamento foi marcado para 5 de dezembro, uma segunda-feira. Partiu de Nixon a idéia de fazer um boicote aos ônibus como protesto pela prisão da Rosa Parks. Ele apresentou a proposta a outros pastores da cidade, como L. Roy Bennett, Ralph Abernathy e Martin Luther King, que concordaram com a adoção dessa estratégia e distribuíram panfletos conclamando a população a não utilizar os transportes públicos de Montgomery. No mesmo dia do julgamento da sra. Parks, a comunidade negra atendeu ao apelo destes líderes religiosos e recusou-se a embarcar nos ônibus da cidade,

⁹ ROMANELLI, Sandro Luís Tomás Ballende, TOMIO, Fabrício Ricardo de Limas. *Suprema Corte e segregação racial nos moinhos da Guerra Fria*. Revista Direito FGV, São Paulo, v. 13 n. 1, pp. 204-235, jan-abr 2017.

¹⁰ MORRIS, Aldon. *Origins of the civil rights movement*. Free Press, 1986, pág 26.

recorrendo a táxis, pegando carona ou simplesmente caminhando para suas escolas e empregos¹¹.

Respondendo a este chamado sincero, a população de Montgomery sustentou bravamente o boicote por mais de onze meses até a conquista da efetiva dessegregação dos ônibus, anunciada em 13 de novembro de 1956. A partir desta data a Suprema Corte dos Estados Unidos declarava a segregação nos ônibus inconstitucional. Esta primeira batalha foi vencida, mas não sem dificuldades: ainda no início da campanha, no dia 30 de janeiro de 1956, Martin Luther King teve sua casa bombardeada; duas noites depois, foi a vez da casa de E. D. Nixon sofrer um atentado¹². Apesar dos ataques, Martin Luther King e os outros líderes levaram adiante a campanha e reforçaram sua crença de que a violência dos opositores não deveria ser vingada com atos igualmente violentos. Além da campanha de Montgomery, que adquiriu importância fundamental ao trazer para a cena dos EUA o nome de Martin Luther King, a década de 1950 foi permeada por outros episódios não menos importantes que colaboraram para o fim da segregação racial no país.

Ainda em 1955 foi amplamente noticiado na imprensa o assassinato de Emmett Till. Morador de Chicago, o adolescente de 14 anos passava férias na casa de alguns parentes em Money, Mississippi, quando num passeio com os amigos foi desafiado a “dar em cima” de Carole Bryant, uma mulher branca. Embora tenha havido divergências quanto à conduta de Emmett no dia de seu assassinato, 24 de agosto – seus amigos apontaram apenas um inocente flerte, enquanto Carole o acusou de assédio sexual – o fato é que o episódio foi suficiente para que Roy Bryant, marido de Carole, e seu meio-irmão, J. W. Milam, investissem contra Emmett com tal fúria que desfiguraram seu rosto. Apesar de todas as evidências os apontarem como culpados, ambos foram inocentados por um júri exclusivamente branco e masculino. A brutalidade do crime e a conivência dos agentes da lei com os culpados levaram o caso a ser amplamente discutido em todo o país. As imagens do corpo mutilado de Emmett Till tornaram-se um símbolo dos horrores da segregação racial no Sul¹³.

Em 1957, a decisão da Suprema Corte de dessegregar as escolas passou por um teste prático. No estado de Arkansas, uma decisão judicial obrigou a Little Rock Central High

¹¹ *Montgomery Bus Boycott*. The Martin Luther King, Jr. Research and Education Institute, Stanford. Disponível em: <https://kinginstitute.stanford.edu/encyclopedia/montgomery-bus-boycott>.

¹² CARSON, Clayborne (org). A autobiografia de Martin Luther King. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, pág 105.

¹³ DE LUCA, Kevin Michael, HAROLD, Christine. *Behold the corpse: violent images and the case of Emmett Till*. Rhetoric & Public Affairs, volume 8, número 2, Summer 2005, pp. 263-286.

School, uma escola para alunos brancos, a aceitar a matrícula de nove estudantes negros. No entanto, o governador do estado, Orval Faubus, foi à imprensa declarar que estava disposto a mobilizar tropas da Guarda Nacional do Arkansas para impedir a entrada dos estudantes. A complicada situação atraiu a atenção da mídia, que questionou quais decisões seriam tomadas pelo governo federal. No dia 25 de setembro o presidente Eisenhower ordenou o envio de tropas federais para escoltar os alunos negros e garantir sua entrada na Little Rock High School. Após três semanas sem aula, os estudantes finalmente conseguiram acesso seguro à escola, e ficaram conhecidos como Little Rock Nine¹⁴.

Todos estes exemplos podem acabar nos conduzindo à conclusão de que os problemas raciais restringiam-se ao sul do país, onde estava a segregação formal, o que não corresponde à verdade. No Norte a desigualdade racial manifestava-se sob outras formas. Com a entrada dos EUA na 2ª Guerra Mundial, abriram-se muitos postos de trabalho em diversos setores da indústria, que pela falta dos homens brancos que estavam na guerra, passaram a empregar mulheres e negros. Com isso, muitos negros saíram do Sul em busca de melhores condições de vida. A realidade mostrou-se bem mais difícil: concentrados em bairros sem saneamento básico, conviviam rotineiramente com a miséria e o preconceito. Isto contribuiu para a irrupção de revoltas em várias cidades do Norte, como Detroit, onde em junho de 1943 ocorreram diversos conflitos entre brancos e negros, provocados pela agressiva resistência branca à mão-de-obra negra nas fábricas da cidade durante o esforço de guerra dos Estados Unidos. Os distúrbios de Detroit mataram 34 pessoas - 25 afro-americanos, nove brancos - feriram outras centenas, além de danificaram e destruíram propriedades no valor de milhões¹⁵.

Em Nova York, o Harlem era reconhecido como um centro de resistência ao racismo e atividade política negra. Desde os anos de 1910, o bairro começou a receber um número cada vez maior de negros, boa parte deles saídos das zonas rurais do Sul, tornando-se um gueto dominado pelos afro-americanos. Durante o período da Grande Depressão, foi criado o Sindicato Trabalhista do Harlem, que organizava piquetes à entrada de lojas de brancos que se recusavam a empregar negros. Nos anos 40, Adam Clayton Powell Jr., um pastor batista que mais tarde foi eleito para o Congresso pelo estado de Nova York, organizou protestos contra a

¹⁴ SMITH, David. *Little Rock Nine: the day young students shattered racial segregation*. The Guardian, 24 de setembro de 2017. <https://www.theguardian.com/world/2017/sep/24/little-rock-arkansas-school-segregation-racism>.

¹⁵ COSGROVE, Ben. *Hatred on the Home Front: The Detroit Race Riots During WWII*. Site da revista Time, 18 de junho de 2014. Disponível em: <http://time.com/3880177/detroit-race-riots-1943-photos-from-a-city-in-turmoil-during-wwii/>.

brutalidade policial no bairro e a discriminação nos empregos¹⁶. Na década seguinte, o assassinato de Emmett Till repercutiu também no Norte, e em setembro de 1955 mais de 10 mil pessoas reuniram-se na Igreja Institucional Williams para protestar contra a absolvição dos dois acusados de matarem o adolescente¹⁷.

Um ano antes, em 1954, o Harlem recebeu uma figura que marcou de modo indelével sua história: Malcolm X, um afro-americano que chegou à Nova York para assumir a posição de ministro do templo nº 7 da Nation of Islam (NOI). À época, Malcolm X era apenas um ex-presidiário que deixara um ano antes um emprego simples na Ford para dedicar-se inteiramente à Nação e à Elijah Muhammad, seu líder. A história da Nação do Islã começou no início da década de 1930, quando um homem negro que dizia chamar-se Wallace D. Fard chegou a Detroit apresentando-se como um profeta mandado por Alá para pregar a salvação. Fard escreveu dois textos básicos que fundamentavam sua doutrina, “O ritual secreto da Nação do Islã” e “Ensinos matemáticos para a Nação do Islã perdida e reencontrada”. Suas mensagens mesclavam preceitos muçulmanos, profecias apocalípticas e numerologia, e incluíam a crença de que os homens brancos eram literalmente “o demônio”. Os membros da NOI deveriam abandonar seus sobrenomes vinculados ao passado escravocrata e adotarem o “X”, que simbolizava a identidade perdida dos negros ao saírem da África, para mais tarde receberem um nome original, dado por Alá. Fard atraiu muitos negros desesperançados em meio ao contexto da Grande Depressão, dentre eles Elijah Poole, que foi rebatizado por ele como Elijah Muhammad, e a quem Fard confiou a liderança da NOI antes de desaparecer misteriosamente em 1934. Nos anos seguintes, Muhammad percorreu o país buscando novos adeptos. Durante a década de 40, o número de membros oficiais não passava de 400; porém, Muhammad encontrou nas prisões um excelente ambiente para o recrutamento de novos membros. Mais vulneráveis devido ao confinamento, muitos presos encontraram na Nação do Islã uma nova razão para viver¹⁸. Entre estes estava Malcolm X, que conheceu a NOI através de sua família e experimentou uma experiência transformadora de conversão religiosa, abandonando a vida de crimes e vícios.

A trajetória de Malcolm será analisada mais pormenorizadamente no próximo tópico, mas o que cabe aqui destacar é que em pouco tempo Malcolm se destacou na prisão como um ferrenho defensor do islamismo e um exímio debatedor, o que contribuiu para que, depois de solto, se tornasse rapidamente um dos discípulos preferidos de Elijah Muhammad. Em todos

¹⁶ MARABLE, Manning. *Malcolm X: uma vida de reinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Pág 70.

¹⁷ Ibidem, pág 127.

¹⁸ Ibidem. Pág 107.

os lugares onde passou, conseguiu aumentar expressivamente o número de adeptos, mas foi apenas em 1959 que a Nação do Islã passou a ser conhecida nacionalmente. Em julho daquele ano, uma reportagem da rede de televisão WNTA, intitulada “O ódio que o ódio gerou” apresentou à sociedade os ensinamentos da controversa seita que pregava o ódio aos brancos.

Dirigida pelos jornalistas Louis Lomax e Mike Wallace, a série gerou acalorados debates na imprensa, e promoveu Malcolm ao posto de porta-voz mais influente da NOI. Embora a seita desestimulasse a participação de seus membros na vida política e civil – o voto e o alistamento militar, por exemplo, eram desencorajados – nos anos seguintes Malcolm passou a tratar cada vez mais de temas como a desigualdade racial e a injustiça econômica, tornando-se um dos mais influentes líderes políticos de sua geração. Opondo-se às vertentes do movimento por direitos civis que então operavam no país, Malcolm fazia críticas ferozes à filosofia da resistência não-violenta, acusando seus defensores de subserviência aos brancos. Ao denunciar a hipocrisia dos valores democráticos norte-americanos, Malcolm acabou tornando-se uma referência para aqueles que desprezavam as tentativas de integração racial feitas por Martin Luther King e outros líderes. Apesar disso, no fim de sua vida, após se desvincular da NOI, também colaborou com líderes de direitos civis em comícios no Harlem, como o reverendo Milton Galamison¹⁹.

Na virada para a década de 60, o movimento por direitos civis não arrefecera seus ânimos; antes, passara a contagiar centenas de jovens ávidos por verem mudanças na sociedade. Em fevereiro de 1960, estudantes universitários negros da Carolina do Norte puseram em prática a estratégia do *sit-in* para protestar contra a segregação nos restaurantes e ambientes públicos. O plano de quatro jovens – Ezell Blair Jr, David Richmond, Joseph McNail e Franklin McCain - consistia em entrar numa loja da rede Woolworth’s e sentar-se na área reservada para brancos, pedindo um simples café. Além de não terem sido atendidos, os estudantes foram insultados e agredidos. Contudo, os quatro tornaram-se celebridades em sua faculdade, a North Carolina A&T State University, e os *sit-ins* tornaram-se uma ferramenta amplamente utilizada por jovens negros e também brancos contra a segregação em todo o país²⁰. Outra iniciativa semelhante foram as *Freedom Rides*, viagens organizadas pelo CORE (Congress of Racial Equality) em 1961 para desafiar a segregação em ônibus e terminais interestaduais, que geraram violenta oposição dos racistas sulistas e atraíram grande atenção da mídia²¹.

¹⁹ Ibidem, pág 184.

²⁰ WEISBROT, Robert. *Freedom Bound: a history of America’s Civil Rights Movement*. New York, Norton&Company, 1990.

²¹ *Freedom Rides*. The Martin Luther King, Jr. Research and Education Institute, Stanford. Disponível em: <https://kinginstitute.stanford.edu/encyclopedia/freedom-rides>

Enquanto isso, Martin Luther King investia seus esforços em marchas e manifestações pacíficas. A mais famosa delas ocorreu em 28 de agosto de 1963 em Washington D. C, e foi intitulada Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade. Nela, King realizou seu mais importante discurso, “Eu tenho um sonho”. Em 1964 veio a tão sonhada aprovação da Lei dos Direitos Civis, assinada pelo presidente Lyndon Johnson, que assumira após o assassinato de John Kennedy. O decreto proibia a discriminação racial em quaisquer âmbitos da sociedade norte-americana, e estabelecia que tropas federais poderiam intervir para efetivar a lei. No ano seguinte, mais uma vitória. Como resultado de uma renhida campanha em Selma, no Alabama, veio a Lei do Direito ao Voto, para garantir que os negros conseguiram se alistar nos cartórios eleitorais e exercer sua cidadania sem restrições.

Na mesma época, porém, uma triste notícia abalou o país: em 21 de fevereiro, Malcolm X foi assassinado no Harlem, a mando de lideranças da Nação do Islã, embora para muitos parecesse certa a participação de agentes governamentais na conspiração. Milhares de negros lamentaram profundamente sua morte, que acirrou ainda mais os ânimos de uma parcela que não enxergava esperanças na linha tradicional do movimento por direitos civis. Em 1966, foi criado na Califórnia o Partido dos Panteras Negras, que pregava a auto-defesa armada dos negros e enfatizava a importância do orgulho negro para a formação de uma comunidade forte o suficiente para derrubar o poder branco²². A retórica inflamada de Malcolm X foi apropriada por essa nova geração de ativistas, que consideravam as iniciativas de Martin Luther King restritas à segregação formal do Sul e incapazes de extinguir o racismo profundamente arraigado na sociedade norte-americana.

Nos anos seguintes, King voltou seus esforços para campanhas em estados do Norte como Chicago e Los Angeles, sem obter sucessos significativos. Ainda assim, seu assassinato em 1968 por um supremacista branco em Memphis, Tennessee, provocou consternação em todas as lideranças do movimento, independente de suas diferenças de pensamento. A partir de então, apesar das iniciativas da SCLC continuarem sob a liderança de Ralph Abernathy, melhor amigo de King, o movimento parecia então destituído de uma liderança suficientemente forte a nível nacional, e a luta foi irremediavelmente enfraquecida. Por um lado, o saldo parecia infinitamente positivo: o sistema Jim Crow estava definitivamente sepultado; por outro, os desafios a serem enfrentados pelos afro-americanos para viver uma cidadania plena estavam longe de terminar.

²² CHAVES, Wanderson da Silva. *O Partido dos Panteras Negras*. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 359-364, jan./jun. 2015.

Nas décadas seguintes, os nomes de Martin Luther King Jr. e Malcolm X se tornaram inextricavelmente ligados a este movimento que tanto modificou a história dos EUA. Por isso, é importante recuperar suas trajetórias individuais a fim de compreender suas contribuições para o movimento e o legado deixado para as gerações posteriores. Destas novas gerações emergiram Spike Lee e Ava DuVernay, que enxergaram no cinema um veículo de valorização da memória do movimento e propagação das idéias destes dois líderes.

1.2 –Dois líderes, dois caminhos

1.2.1 – Malcolm X

Nascido em 19 de maio de 1925 em Omaha, Nebraska, Malcolm Little cresceu numa família muito pobre. O pai, Earl, sustentava a família com um modesto ordenado de carpinteiro, além de pequenas ofertas que recebia nas igrejas em que atuava como pregador. Em 1931, com a família já morando em Michigan, Earl, seu pai, foi assassinado, provavelmente por indivíduos ligados à Ku Klux Klan, devido às suas opções políticas – ele e a esposa, Louise, eram defensores do nacionalismo negro. Louise acabou desenvolvendo doenças psiquiátricas, e foi internada num manicômio. Seus filhos mais velhos tiveram de trabalhar para sobreviver, e Malcolm foi acolhido na casa de uma família de sua cidade. Em sua Autobiografia, escrita na verdade pelo jornalista Alex Haley a partir de entrevistas concedidas por Malcolm, ele diz sobre essa época que

“... nunca passou pela cabeça deles (os brancos em geral) que eu podia compreender tudo, que não era meramente um animalzinho de estimação, mas sim um ser humano [...] Mas historicamente, os brancos sempre foram assim em relação aos pretos; podemos estar com eles, mas jamais fomos considerados sendo iguais a eles. Muito embora tivessem aparentemente aberto a porta, a verdade é que ela continuava fechada. Assim, eles nunca chegaram a descobrir realmente quem eu era, nunca me viram de verdade²³”.

Aqui, é possível perceber o quanto suas lembranças negativas da infância impactaram sua visão sobre pessoas brancas, colaborando para sua descrença na possibilidade de integração entre brancos e negros. Esta mesma desconfiança o acompanhou durante a juventude, quando foi morar em Boston na casa de Ella Little, sua meia-irmã. Lá se viu seduzido pelo dinheiro

²³ HALEY, Alex. *Autobiografia de Malcolm X*. Rio de Janeiro: Record, 1992, pág 37.

fácil advindo do mundo do crime. Conhecido na cidade como Detroit Red – nome inspirado na capital do estado de onde viera, e também na cor de seus cabelos – ele transitou entre empregos formais e atividades ilícitas como venda de drogas, agenciamento de prostitutas e arrombamentos de casas, até ser preso em 1946.

Na cadeia, onde foi apelidado de Satã devido à sua postura de desafio ao cristianismo, conheceu os ensinamentos da *Nation of Islam* (NOI). A experiência de conversão religiosa transformou profundamente sua visão de mundo e sua conduta. A partir daquele momento, desvinculou-se dos vícios da vida pregressa, tornando-se um muçulmano dedicado e austero. Sua transferência para outra penitenciária, a Prisão-Colônia de Norfolk, em Massachusetts, voltada para a reabilitação dos presos, possibilitou que Malcolm desfrutasse de maior liberdade. Malcolm tornou-se frequentador assíduo da biblioteca, onde estudou diferentes áreas do conhecimento, como literatura, arqueologia e até genética. Mas nenhuma lhe impactou tanto quanto a História. Ao ler sobre os mais diferentes povos do mundo, Malcolm deslumbrou-se ao descobrir que ao contrário do que os homens brancos diziam, os negros possuíam uma riquíssima história, que incluía impérios e grandes civilizações, e eram os brancos os responsáveis pelo declínio de tais povos:

“Livro após livro mostrou-me como o homem branco investira contra o mundo dos povos pretos, pardo, vermelho e amarelo, impondo todos os sofrimentos e explorações. Descobri como, desde o século XVI, o homem branco supostamente “mercador cristão” começou a percorrer os mares, em sua ânsia de dominar os impérios africanos e asiáticos, em sua ânsia de poder e pilhagem”²⁴.

Embora nunca tenha concluído os estudos numa instituição formal de ensino, Malcolm fez da prisão de Norfolk sua universidade, onde somou os conteúdos aprendidos nos livros aos conhecimentos práticos adquiridos nas ruas. Durante sua trajetória como líder, representou assim a junção de duas figuras centrais na cultura popular norte-americana, a do espertalhão/vigarista e a do pregador/ministro²⁵. Ao mesmo tempo em que ensinava às multidões os preceitos religiosos e prometia salvação religiosa, possuía a esperteza de quem está acostumado a sobreviver nos guetos. Quando falava sobre a dureza da miséria e a revolta diante da falta de oportunidades para os negros nas grandes cidades dos EUA, Malcolm sabia do que estava falando.

²⁴ HALEY, Alex. *Autobiografia de Malcolm X*. Rio de Janeiro: Record, 1992, pág 173.

²⁵ MARABLE, Manning. *Malcolm X: uma vida de reinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, pág 20.

Ao sair da prisão, em 1952, passou imediatamente a trabalhar para a Nação do Islã, tornando-se o Ministro Malcolm X. Como já dito, em 1954 mudou-se para o Harlem para servir como ministro do Templo nº 7, e lá encontrou aquela que se tornaria sua esposa, a irmã Betty X. Betty Sanders era formada em enfermagem e ministrava aulas às mulheres muçulmanas sobre higiene e cuidados médicos, e sua modéstia e inteligência chamaram a atenção de Malcolm, que após a conversão não pensara em se envolver amorosamente com mulheres. Após observar de longe sua conduta sóbria, adequada para uma boa esposa e mãe muçulmana, e obter a aprovação de Elijah Muhammad, Malcolm ligou de Detroit para Betty pedindo-a em casamento. Dias depois, em 14 de janeiro de 1958, os dois se casaram. Desta união nasceram seis filhas: Qubilah, Atallah, Ilyasah, Malukah, Gamilah e Maalak.

Por 14 anos, o Ministro Malcolm desempenhou com extremo zelo o papel de porta-voz nacional da NOI, durante os quais a organização viu seu número de membros crescer de algumas centenas de membros para cerca de 75 mil. Sua notoriedade e seu comprometimento com as demandas políticas, e não apenas religiosas, do povo negro, acabaram despertando a desconfiança dos líderes da NOI e do próprio Elijah Muhammad. As dissidências atingiram um nível crítico em 1963, quando Malcolm, desobedecendo uma ordem expressa de Muhammad, pronunciou-se publicamente sobre o assassinato do presidente John Kennedy. Perguntado por repórteres se lamentava a morte de Kennedy, ele respondeu que o assassinato era um caso de “galinhas voltando para o galinheiro”²⁶, e que ele, como menino de fazenda que sempre fora, “não ficava triste, e sim feliz”²⁷. Kennedy era um presidente querido, inclusive por muitos negros, o que fez com que a declaração causasse escândalo. Muhammad resolveu então suspendê-lo por 90 dias de suas funções. Nesse período, tornou-se claro para Malcolm que boa parte dos líderes da NOI o odiava e queria afastá-lo de Muhammad; ao mesmo tempo, tornou-se impossível ignorar que seu líder, por quem nutria verdadeira adoração, não tinha uma moral tão ilibada quanto requeria o Islã: Muhammad tivera vários filhos fora do casamento com suas secretárias, dezenas de anos mais jovens que ele, e rejeitara todos eles. Isto afastou Malcolm irremediavelmente da NOI, abrindo caminho para que ele se desligasse da organização e fundasse um novo movimento, onde teria liberdade para expor suas próprias opiniões. Nasceram então a *Organization of Afro-American Unity* (OUAA) e a *Muslim Mosque Incorporated* (MMI). A OAAU era uma organização política destinada a

²⁶ Em inglês, “The chickens coming home to roost”, expressão idiomática que se refere a um castigo aplicado por erros cometidos no passado.

²⁷ MARABLE, Manning. *Malcolm X: uma vida de reinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, pág 306.

conscientizar os negros e lutar por melhores condições de vida, enquanto a MMI era uma organização religiosa, uma alternativa espiritual à Nação do Islã. Nesta nova fase, pontuada por sua viagem à Meca e sua conversão ao islamismo sunita, ele se tornou Al-Hajj Malik Al-Shabazz e adotou um tom mais secularista e conciliador, propondo ações conjuntas entre os diferentes movimentos negros e reconhecendo que a cor da pele não determinava o comportamento moral de um ser humano:

“No passado, é verdade, fiz acusações amplas contra todos os homens brancos. Nunca mais voltarei a ser culpado disso... Porque sei agora que alguns brancos são realmente sinceros, que alguns são realmente capazes de ser fraternais com um homem preto. O verdadeiro Islã ensinou-me que uma acusação indiscriminada contra todos os brancos é tão errada quanto a acusação indiscriminada contra todos os pretos”²⁸.

Isso não significa que ele tenha abandonado completamente suas mais profundas convicções. Permaneceu acreditando que os povos não-brancos da América, da África e da Ásia irmanavam-se por compartilharem a herança da opressão dos brancos, devendo sacudir de si o jugo da escravidão legada a eles. Esta visão o aproximou de lideranças muçulmanas, como o príncipe Faisal bin Abdulaziz Al Saud, da Arábia Saudita. Na África, também foi muito bem recebido, especialmente em Gana, onde havia uma comunidade de expatriados afro-americanos na capital Acra. Nas oportunidades que teve de discursar diante de platéias internacionais, denunciou a hipocrisia dos EUA ao se arrogarem defensores das liberdades enquanto em seu próprio território negavam os direitos mais básicos aos seus cidadãos negros.

A viagem de Malcolm representou um breve descanso em meio à escalada de tensão entre ele e a NOI. Após sua saída e rompimento com Elijah Muhammad, suas pesadas críticas exasperaram Muhammad e seus aliados, alguns dos quais começaram a articular uma forma de calar o Ministro. No dia 21 de fevereiro de 1965, um domingo de reunião da OAAU no Audubon Ballroom, no Harlem, a segurança de Malcolm X estava inusitadamente frágil. Os participantes da reunião não foram revistados – por decisão do próprio Malcolm, que não gostava de demonstrar desconfiança em seus irmãos negros - seus seguranças estavam desarmados, com exceção do guarda-costas pessoal, Reuben X Francis, e os policiais que normalmente eram destacados pela polícia de Nova York para fazer a segurança dos eventos liderados por Malcolm no Harlem estavam distantes. Não havia sequer um na entrada do Audubon, e apenas dois foram mandados para dentro do prédio, onde permaneceram no Rose Ballroom, o menor dos dois salões de baile do Audubon, distantes do evento. Tudo isto

²⁸ HALEY, Alex. *Autobiografia de Malcolm X*. Rio de Janeiro: Record, 1992, pág 341. No dia 21

contribuiu para que os conspiradores da NOI alcançassem seu intento: treze tiros dados à queima-roupa derrubaram o corpo sem vida de Malcolm X. Não conseguiram, entretanto, calar sua voz.

1.2.2 – Martin Luther King Jr.

O mesmo trágico e violento fim de Malcolm também acometeu, em 1968, Martin Luther King Jr, o outro grande líder do movimento por direitos civis analisado neste trabalho. Antes que viesse o triste episódio, contudo, as trajetórias destas duas figuras seguiram rumos muito diferentes. Filho de Martin Luther King e Alberta Williams, King nasceu em Atlanta, na Geórgia, no dia 15 de janeiro de 1929. De acordo com seus relatos, teve uma infância bastante tranquila com os pais e os irmãos, Christine King e Alfred Daniel, numa comunidade de renda média em Atlanta. Foram seus pais os responsáveis por transmitirem a ele os preceitos cristãos e também o repúdio ao sistema segregacionista do Sul – seu pai era pastor da Igreja Batista Ebenezer e presidente da NAACP em Atlanta. Apesar de ter sido educado num ambiente caloroso e acolhedor, não havia como Martin Luther King não ser afetado pela segregação que permeava todas as áreas da sociedade. Durante toda a infância, não pôde frequentar parques e piscinas públicos, cinemas e teatros, nem escolas para brancos, o que lhe causava revolta.

Cedo começou a se posicionar contra a injustiça do sistema Jim Crow: aos 14 anos, participou de um concurso escolar de oratória em Dublin, outra cidade da Geórgia, e venceu com o tema “O negro e a Constituição”, no qual defendia ser impossível que os EUA fossem uma democracia verdadeiramente justa enquanto permitisse que os negros continuassem vivendo em meio à miséria, sem desfrutar dos direitos garantidos pela Constituição norte-americana. Com apenas 15, ingressou no Morehouse College, uma faculdade privada para negros em Atlanta, onde se tornou presidente do clube de sociologia e membro da equipe de debates²⁹. Isto só foi possível devido ao fato de ter pulado anteriormente algumas séries no colégio. Sua experiência em Morehouse foi extremamente significativa por duas razões. Lá teve o primeiro contato com o ensaio de Henry David Thoreau sobre a desobediência civil, que exerceu influência fundamental em seu pensamento; e decidiu-se definitivamente pelo ingresso no sacerdócio. Embora neto e filho de pastores, Luther King cogitara ser médico ou advogado, e enfrentara sérias dúvidas sobre a veracidade da Bíblia. Até que, influenciado pelo

²⁹ *Morehouse College*. King Encyclopedia, The Martin Luther King Research and Education Institute, Stanford.

exemplo do reitor de Morehouse, que era ao mesmo tempo pastor e intelectual, King se certificou de que abraçar o sacerdócio cristão não era oposto a buscar expandir seu conhecimento e posicionar-se politicamente. Em 1948, recebeu o diploma de bacharel em sociologia pelo Morehouse College e seguiu para o Seminário Crozer.

O Seminário Crozer, localizado na Pensilvânia, distinguia-se por sua linha teológica liberal e recebia alunos negros e brancos. Lá King reforçou seu compromisso com o evangelho social cristão, desenvolveu seu interesse inicial por Mahatma Gandhi, foi exposto pela primeira vez ao pacifismo e desenvolveu suas idéias sobre a não-violência como um método de reforma social. Formou-se com honras em 1951, tendo sido escolhido orador da classe³⁰. Sempre desejoso de aprender mais, ele prosseguiu sua carreira acadêmica na Escola de Teologia da Universidade de Boston.

Em Boston conheceu aquela que se tornaria sua companheira de vida, Coretta Scott. Os dois se conheceram através de uma amiga em comum, e em pouco tempo se apaixonaram. Nascida em 1927 no Alabama, Coretta tinha vários aspectos em comum com Martin: também filha de um pastor, frequentara a faculdade e era engajada em movimentos contra a injustiça racial e econômica. À época, Coretta estudava no Conservatório da Nova Inglaterra, onde pretendia se formar como cantora lírica, carreira que desistiu de seguir após o casamento com Martin, em 1953. Juntos tiveram quatro filhos, Yolanda, Martin Luther III, Bernice e Dexter. Em seus escritos autobiográficos, Martin sempre ressaltou a importância de Coretta em sua vida: *“Nos momentos mais sombrios, sempre trouxe a luz da esperança. Estou convencido de que, se não tivesse uma esposa com a coragem, a força e a calma de Corrie, não teria suportado as tensões e provações que cercam o movimento”*³¹.

Em 1954, prestes a terminar seu doutorado, Martin Luther King recebeu algumas ofertas tanto para o pastorado quanto para ser professor universitário. Após ponderar muito sobre os convites junto com Coretta, acabou escolhendo assumir a Igreja Batista Dexter, em Montgomery, Alabama, apesar de ter tido a oportunidade de pastorear uma igreja em Nova York e assim fugir do sistema segregacionista. De modo que no ano seguinte, quando o boicote em Montgomery começou, King estava no lugar e no tempo certos. A prisão de Rosa Parks foi o estopim para que ele se visse diante da necessidade de transformar seus anseios por justiça racial em um projeto prático de ação. Quando o primeiro dia de boicote foi um sucesso, os líderes decidiram se reunir para decidir os próximos passos, e seu nome foi

³⁰ *Seminário Crozer*. King Encyclopedia, The Martin Luther King Research and Education Institute, Stanford

³¹ CARSON, Clayborne (org). *A autobiografia de Martin Luther King*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, pág 55.

imediatamente cogitado para assumir a liderança de uma nova organização, a MIA (Montgomery Improvement Association), responsável por organizar e dar continuidade ao boicote. Na noite de 5 de dezembro, a segunda-feira em que Rosa Parks foi levada a julgamento, King pronunciou o primeiro de muitos discursos que faria à frente do movimento. Em seus escritos autobiográficos, ele relata o nervosismo gerado pela grande tarefa em suas mãos:

“Eu tinha apenas vinte minutos para preparar o discurso mais decisivo de minha vida. Fui possuído pelo medo. Agora eu enfrentava a inescapável tarefa de preparar, quase sem tempo para isso, um discurso do qual se esperava que proporcionasse um senso de direção a um povo imbuído de uma nova e desconhecida paixão por justiça. Também estava consciente de que repórteres e homens de televisão estariam lá com suas canetas, câmeras e microfones a postos para registrar minhas palavras e difundi-las por toda a nação”³².

É importante ressaltar que o relato autobiográfico, escrito *a posteriori*, expressa muito mais a percepção que Luther King tinha do episódio do que efetivamente os fatos ocorridos. Aqui, a narrativa pode parecer um tanto quanto romantizada, conferindo ao evento uma importância capital que só pôde se comprovar muito depois. Mas o fato é que o discurso daquela noite de 5 de dezembro já revelava a grandiosidade das aspirações de King:

De pé e sentados aqui nesta noite, preparando-nos para o que nos espera adiante, sigamos com a implacável e corajosa determinação de permanecermos juntos. Vamos trabalhar juntos. Aqui mesmo em Montgomery, quando os livros de história estiverem sendo escritos no futuro, alguém terá de dizer: ‘Ali viveu uma raça de pessoas, um povo negro, de cabelo lanoso e pele escura, um povo que teve a coragem moral de lutar por seus direitos’. E que assim injetou um novo significado nas veias da história e da civilização”³³.

O tom monumental e o apelo à História seriam marcas de seus discursos posteriores, que se tornaram cada vez mais frequentes quanto mais o movimento se expandia pelo país. Em janeiro de 1957, King ajudou a criar uma nova organização, a SCLC (Southern Christian Leadership Conference), ocupando-se em levar à luta pela dessegregação para outros lugares do Sul. A esta altura, ele já era conhecido em todo o país e fora dele, sendo identificado como uma grande líder na luta por justiça e igualdade. Em março daquele ano, fez uma viagem à África, a fim de participar das comemorações pela independência de Gana. Em 1959, foi a

³² Ibidem, pág 78.

³³ Ibidem, pág 81.

vez de conhecer a Índia, aproveitando a oportunidade para observar de perto as implicações da estratégia de resistência não-violenta praticada por Gandhi. No início da década de 1960, liderou campanhas em Albany, Geórgia, em 1961, Birmingham, no Alabama, em 1963, St. Augustine, Flórida, e algumas cidades do Mississippi, em 1964. No fim do ano fez uma breve pausa em suas campanhas para viajar a Oslo, na Noruega, a fim de receber o prêmio Nobel da Paz. O passo seguinte, em 1965, foi a campanha de Selma, que, como já relatado, conduziu à aprovação da Lei do Direito ao Voto.

Durante a campanha em Selma a notícia da morte de Malcolm X impactou Martin Luther King. Apesar de todas as diferenças entre eles, King o considerava um genuíno defensor da causa dos negros, e em seus escritos lamentou profundamente a morte deste líder:

“O assassinato de Malcolm X foi uma terrível tragédia. Que possamos aprender com esse trágico pesadelo que a violência e o ódio só alimentam a violência e o ódio. [...] Penso ser ainda mais triste que essa grande tragédia tenha ocorrido num momento em que Malcolm estava reavaliando seus pressupostos filosóficos e caminhando rumo a uma compreensão mais ampla do movimento não violento e a uma tolerância maior em relação aos brancos de maneira geral. Acho que uma lição que podemos extrair disso: a violência é inviável e agora, mais do que antes, precisamos seguir o curso da não violência para atingir o reino da justiça e o domínio do amor em nossa sociedade, e o ódio e a violência devem ser atirados eternamente ao limbo se quisermos sobreviver”.³⁴

Neste trecho, King defende que Malcolm foi vítima da própria violência que ajudou a cultivar na comunidade negra. Em favor de Malcolm, King admitiu que sua inteligência e vigor haviam sido canalizados para a religião, e não para a continuidade no crime; além disso, reconheceu que sua oratória inflamada era eficaz em apontar a raiz do problema racial nos EUA, e considerou fora de qualquer dúvida a honestidade de suas intenções. Porém, como o esforço de desqualificar o caminho da não-violência não era acompanhado da proposição de uma alternativa positiva, seus discursos apenas estimulavam a desesperança e o ódio na comunidade negra. Na visão de King, ao denunciar as chagas do sistema racista sem, contudo, estabelecer uma estratégia criativa de superação destes problemas, Malcolm prestava um desserviço a si mesmo e ao povo negro.

Fica assim nítida a diferença de perspectivas entre estes dois líderes: Martin Luther King pregava a importância do orgulho negro e da mobilização da comunidade negra para atingir

³⁴Ibidem, pág 319.

um alvo específico: o fim do sistema segregacionista. Contudo, nunca deixou de valorizar a tradição democrática norte-americana e apelava à consciência branca para produzir além de uma mudança nas leis, uma mudança nos paradigmas da sociedade. Já Malcolm demonstrava uma profunda descrença nas instituições governadas por brancos, e denunciava a hipocrisia dos valores norte-americanos. Mesmo após as transformações ocasionadas por sua viagem a Meca, ele acreditava ser necessário que primeiro os negros superassem a herança de opressão e miséria deixada pelos brancos em suas comunidades e tomassem consciência de seu valor e de sua força, para que só num tempo futuro fosse possível haver integração real. As origens destes líderes podem ajudar a compreender a formação de perspectivas tão diferentes: enquanto Luther King nasceu numa família cristã de classe média, nunca passou por privações materiais e teve uma brilhante carreira acadêmica, Malcolm ainda na infância enfrentou a ausência dos pais e a miséria, sendo exposto desde muito cedo à virulência do racismo e à falta de oportunidades que o levaram a condenar a hipocrisia do sonho americano.

Contudo, não devemos incorrer no erro de enxergá-los sob um viés determinista. Ao contrário do que afirmavam muitos de seus detratores, Luther King não era um humanista excessivamente crédulo, mas um grande líder político capaz de aliar sua moral cristã ao pragmatismo necessário para a organização do movimento. Ao longo de sua trajetória, defendeu que a resistência não-violenta era não só a melhor, mas a única alternativa realmente eficaz, visto que os negros, empobrecidos, sem aparatos militares e numericamente inferiores, jamais teriam condições de fazer uma revolução violenta. E ainda que pudessem fazê-la, disso não resultaria uma sociedade mais justa, visto ter sido fundada a partir do ódio, e não do amor que ele considerava tão necessário para a felicidade da vida humana. Isto nunca o impediu de tomar posições firmes contra os abusos do capitalismo e do imperialismo, como fez em seu discurso “Além do Vietnã”, proferido em 4 de abril de 1967 numa igreja de Nova York, em que diz:

“Os jovens negros que foram frustrados pela nossa sociedade são enviados ao Sudeste Asiático, para garantir, a mais de 12 mil quilômetros de distância, liberdades que inexistem aqui no sudoeste da Geórgia ou no leste do Harlem. Assim fomos repetidamente confrontados pela cruel ironia de assistir pela televisão a jovens negros e brancos morrerem lado a lado por uma nação que não permitiu que dividissem os mesmos bancos escolares. Assistimos, então, a essa brutal solidariedade que os levava a incendiar juntos as casas de uma aldeia, mas

percebemos que dificilmente eles morariam no mesmo quarteirão em Chicago. Não poderia me silenciar diante de tão cruel manipulação dos pobres”³⁵.

Durante os doze anos em que permaneceu à frente de boicotes, marchas pacíficas e protestos, Martin Luther King não foi o primeiro nem o único a se levantar corajosamente a fim de defender as causas dos negros. Porém, conferindo ao movimento uma direção clara e levando-o a uma amplitude num nível até então desconhecida, King foi alçado à categoria de herói nacional, passando a personificar o movimento. Em 1968, Coretta Scott King fundou o *The Martin Luther King Jr. Center for Nonviolent Social Change*, a fim de manter viva a memória de King e a luta do movimento por direitos civis. O reconhecimento da relevância de King para a história norte-americana levou à aprovação, em 1983, de um feriado nacional em sua homenagem. Em 1985, o historiador Clayborne Carson, da Stanford University, foi convidado por Coretta para dirigir o King Papers Project, destinado a organizar e publicar a obra completa de Martin Luther King, composta por sermões, discursos, correspondências e manuscritos não-publicados. Em 2005, foi criado em Stanford o “*The Martin Luther King Jr. Research and Education Institute*”, que se dedica a fazer avançar e divulgar as pesquisas sobre a vida e o legado de King.

Já a morte de Malcolm X parece ter causado emoções tão controversas como fora em sua vida. A comunidade negra do Harlem mostrou-se leal – mais de trinta mil pessoas foram prestar uma última homenagem a ele na funerária onde seu corpo esteve exposto; outros líderes do movimento por direitos civis foram respeitosos – alguns, como Bayard Rustin, John Lewis e James Forman, do SNCC compareceram ao funeral, enquanto outros, como Martin Luther King, enviaram ao menos mensagens de pêsames. Amigos e leais servidores de Malcolm mostraram-se inconsoláveis, e chegaram a acusar a polícia de Nova York e o FBI de estarem envolvidos no assassinato. Por todo o país, uma nova geração de jovens negros, cansados dos lentos avanços do movimento tradicional, fez de Malcolm um modelo de militância. A leitura de sua Autobiografia, publicada no fim de 1965, impactou estes jovens que, rejeitando a moderação política e a não-violência, fundaram movimentos como o Black Power e o Partido dos Panteras Negras.

Na sociedade mais ampla, porém, o acontecimento não provocou a mesma comoção. A versão oficial veiculada pela polícia e pela imprensa conferiu toda a culpa à rixa existente entre Malcolm e à NOI, cujo fundamentalismo levara ao crime. Em alguns casos, jornalistas

³⁵ CARSON, Clayborne (org). *Um apelo à consciência: os melhores discursos de Martin Luther King*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

aproveitaram a ocasião para demonstrar a aversão que sentiam por ele: “*Malcolm tinha sido gigolô, viciado em cocaína e ladrão. Era um demagogo descarado. Seu evangelho era o ódio [...] O assassinato de Malcolm, quase certamente, veio das mãos dos muçulmanos negros que ele desertara*”, dizia a revista Time³⁶. Para muitos brancos, Malcolm não passava de um militante radical intransigente, que representava a lembrança incômoda do que o racismo fora capaz de gerar. Durante as décadas seguintes, o reconhecimento do legado de Malcolm esteve restrito a alguns setores do movimento negro, situação que mudou sensivelmente na década de 1980, como veremos no capítulo a seguir.

³⁶ MARABLE, Manning. *Malcolm X: uma vida de reinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, pág 504.

Capítulo 2 – *Malcolm X (1992): um monumento ao herói afro-americano*

2.1 – O contexto de uma geração pós-direitos civis

Após a turbulência dos anos 60 e 70, na década de 1980 os debates raciais pareciam ter esfriado na sociedade norte-americana. Os *sit-ins*, marchas e protestos pacíficos, que haviam consumido as energias de figuras como Medgar Evers e Martin Luther King, pareciam coisa do passado; nem mesmo os discursos incendiários de Malcolm X ou dos Panteras Negras mostravam o mesmo poder de mobilização das massas de afro-americanos, que permaneciam debaixo do jugo de um sistema político, econômico e social marcado pelo racismo.

A ascensão do republicano Ronald Reagan (1981-1988) à presidência explica em parte este retrocesso. Ávido por recuperar os bons índices econômicos após as crises do petróleo na década de 70, e afirmar a superioridade dos EUA sobre a URSS, Reagan abriu o país para uma nova onda de liberalismo e investiu pesado no desenvolvimento de novas tecnologias militares para fazer frente ao poderio bélico soviético. Após o retumbante fracasso na Guerra do Vietnã, ocorrido também na década anterior, era importante silenciar as vozes internas de oposição para levar adiante o projeto de “reerguer a nação”. Num governo que gastava milhões de dólares em mísseis balísticos, não havia interesse em tratar de demandas sociais. Projetos como a “Guerra contra a pobreza”, do governo de Lyndon Johnson (1963-1969)³⁷ não tinham mais espaço devido à ênfase na iniciativa individual e à redução da intervenção do Estado na economia. Os cortes orçamentários propostos pelo presidente para os anos de 1981-1984 afetavam, sobretudo, os programas de assistência aos mais pobres: buscava-se uma redução de 11,4% em direitos de previdência social, 27,7% em assistência baseada em testes de recursos (como pensões para veteranos de guerra e programas de nutrição infantil) e 60,2% em outros programas de assistência (como programas de incentivo ao trabalho e bolsas para serviços comunitários)³⁸.

Historicamente prejudicados por séculos de falta de oportunidades, os negros dependiam em maior número desses programas assistenciais, além das ações afirmativas e leis de igualdade civil. Por isso, foram muito mais afetados pelos cortes orçamentários que os

³⁷Guerra contra pobreza foi um programa governamental idealizado e implementado pelo presidente democrata Lyndon Johnson em 1964. O programa tinha como objetivo utilizar os recursos provenientes da prosperidade econômica vivida pelo país após a Segunda Guerra Mundial para reduzir os índices de pobreza; as áreas da saúde e educação, com ênfase na educação infantil e na qualificação para o trabalho, foram eleitas como prioritárias para mitigar as desigualdades sociais.

³⁸ NAVARRO, Vicente. *WelfareState e “keynesianismo militarista” na Era Reagan*. Lua Nova, São Paulo, n° 21, p. 195, set. 1991.

brancos. Reagan, em seus discursos, opunha os “verdadeiros” estadunidenses, aqueles que se identificavam com valores norte-americanos tais como a liberdade individual e o empreendedorismo, àqueles que sobreviviam às custas dos programas sociais do governo, e que não eram realmente “necessitados”. Seu argumento era que os cortes combateriam a recessão econômica causada pela excessiva concessão de benefícios sociais³⁹.

Além dos cortes na assistência social, outra área ganhou especial destaque durante o governo de Reagan: o combate ao tráfico de drogas. Em 1986, Reagan editou a *National Security Decision Directive on Narcotics and National Security* (NSDD-221), documento no qual o governo norte-americano identificava a associação entre o terrorismo de esquerda e o narcotráfico como a principal ameaça não só aos Estados Unidos, mas a todo o hemisfério ocidental, e advogava a necessidade de que os EUA defendessem a si mesmos e a todo o continente de uma grande trama “narcoterrorista”⁴⁰. No plano interno, o surgimento e a rápida popularização do *crack*, droga potente e barata resultado da mistura de cocaína e bicarbonato de sódio, levou ao endurecimento das leis contra o tráfico e à generalização da repressão policial, principalmente nos bairros mais pobres das grandes cidades, onde o consumo era mais elevado.

Os governos posteriores, do republicano George W. Bush (1989-1993) e do democrata William Clinton (1994-2001) prosseguiram investindo nesta verdadeira “guerra às drogas”, que afetava desigualmente o país. Nos guetos, onde a violência e a criminalidade cresciam em ritmo assustadoramente veloz, o problema das drogas era considerado exclusivamente “caso de polícia”: os investimentos em educação, saúde e segurança foram drasticamente reduzidos e o governo continha o problema prendendo milhares de afro-americanos, muitas vezes sem levá-los a julgamento. Décadas depois do movimento por direitos civis, os negros permaneciam ocupando as posições mais subalternas da sociedade norte-americana, tendo que conviver com moradias e escolas de baixa qualidade, altas taxas de mortalidade infantil e a violência trazida pelo crime e o tráfico de drogas.

³⁹NETO, Roberto Moll. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo)conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. 2010, 265 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, pág 163.

⁴⁰RODRIGUES, Tiago M. S. *A infundável guerra americana: Brasil, EUA e o narcotráfico no continente*. São Paulo em perspectiva, p. 102-111, 2002.

2.2 – Spike Lee e a ascensão de um cinema feito por negros e sobre eles

Esta desigualdade se refletia também no cinema hollywoodiano. Durante toda a década de 1980, era difícil encontrar filmes dirigidos ou estrelados por negros. No Oscar, só o ano de 1982 consagrou vencedor um negro: Louis Gosset Jr., na categoria de Melhor Ator Coadjuvante pelo filme *A força do destino*⁴¹. Apenas no fim da década surgiria em Hollywood uma figura capaz de reacender o debate em torno das temáticas raciais: Spike Lee. Com o filme *Faça a coisa certa* (*Do the right thing*, no original), Lee, então com 32 anos, seria alçado à fama nacional e internacionalmente, por ter abordado de forma destemida e inovadora o tema do racismo nos EUA. Escrito, produzido e estrelado por ele, o filme narra a história de um dia quente num gueto do Brooklyn, em Nova York, em que a tensão racial entre os donos italianos de uma pizzeria e sua clientela negra acaba levando a um episódio de violência que resulta na morte de um jovem por policiais, e na destruição da pizzeria. As interações – bastante conflituosas - entre afro-americanos, italianos, hispânicos e coreanos residentes no gueto são o mote do filme; não mais mascarando as tensões latentes na sociedade norte-americana, Lee torna patentes as dificuldades enfrentadas no gueto, em que o racismo e a violência policial faziam parte do cotidiano.

Faça a coisa certa não foi o primeiro filme deste diretor. Shelton Jackson Lee formou-se em cinema na Clark Atlanta University, onde recebeu um prêmio estudantil em 1983 pelo filme *Joe's Bed-stuy Barbershop: We Cut Heads*. Em 1986 lançou *She's gotta have it*, que custou 175 mil dólares e arrecadou 8 milhões. Este primeiro grande sucesso possibilitou a abertura de sua própria produtora, a *Forty Acres and A Mule – Filmworks*. Em seguida vieram outros filmes, como *Febre da selva* (*Jungle Fever*), em 1991, e *A hora do show* (*Bamboozled*), em 2000⁴².

A revolução trazida por Lee abarca diversos aspectos da composição de um filme. No aspecto técnico, seu trabalho tem uma forte marca autoral, com o uso recorrente de recursos como o *travelling shot* e o *dolly shot*⁴³ conferindo grande dinamismo às cenas. O giro de 360° com a câmera, que vira a cena de cabeça para baixo, é outra técnica usada por Lee e

⁴¹DASILVA, Hernani Francisco. *13 negros vencedores do Oscar*. 13 fev. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/13-negros-vencedores-do-oscar/>. Acesso em 28 fev.2018.

⁴² FEBUS, Jeffrey S. *Hollywood and History: Spike Lee's Malcolm X*. 1994, 127 f. Master of Arts, Drake University.

⁴³ *Travellingshot* é a técnica em que a câmera acompanha o movimento de algum personagem ou de algo que se mexe na mesma velocidade; já o *dollyshot* é um recurso no qual a câmera foca num personagem e se situa na altura de seus olhos, causando no espectador a sensação de estar olhando através da tela. COMPARATO, Doc, *Da criação ao roteiro*, 1996 apud RODRIGUES, Vladimir Miguel. *O X de Malcolm e a questão racial norte-americana*. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p.312-7.

apropriada por diretores como Ryan Coogler em *Pantera Negra* (2018). Mas de fato foi pela inovação nas temáticas que ele se tornou tão relevante. Em suas obras, são os negros que exercem protagonismo: eles trabalham, brigam, amam e consomem como qualquer cidadão americano, embora vivam em condições muito diferentes das desfrutadas por outros cidadãos. A inserção dos afro-americanos na sociedade de consumo norte-americana é, aliás, um tema importante para Lee. Em seus filmes, a identidade cultural do negro nos meios urbanos parece intimamente relacionada ao que ele consome. Isso é observável sobretudo em *Faça a coisa certa*: alinhado à moda da época, Mookie, o protagonista interpretado pelo próprio Lee, veste camisas de times de basquete, shorts de lycra coloridos e tênis Nike. No filme, o estilo de se vestir traduz a personalidade, e estabelece uma divisão entre o *nós* e o *eles*, os “diferentes”, como os latinos ou os coreanos. Na esteira do sucesso, Lee abriu sua própria loja de roupas no Brooklyn.⁴⁴

Além do aspecto visual, o estabelecimento de um estilo característico dos guetos também está ligado à música. A importância das trilhas sonoras é facilmente observável na filmografia de Lee, seja para embalar momentos românticos, divertir, traduzir a atmosfera de tensão ou conscientizar o espectador. Dentre os muitos gêneros musicais criados pelos afro-americanos, o que mais diretamente se conecta à obra deste diretor é o *rap*. Segundo Douglas Kellner, “a sigla RAP é uma forma de falar ou fazer música em que o R significa rima e ritmo, e o P, poesia – e em alguns casos, política”⁴⁵. Desde a década de 1970 alguns *rappers* já utilizavam a música como forma de protestar contra a desigualdade social e o racismo; mas foi na década de 80 que a cultura urbana do *hip-hop* – que engloba música, dança, grafite e outras manifestações artísticas – se estabeleceu com mais força em grandes cidades norte-americanas como Nova York, Los Angeles, Chicago e Detroit. Grupos como *Ice-Cube*, *Public Enemy* e *2 Live Crew* tomaram as paradas de sucesso com suas letras que traduziam a raiva e a insatisfação diante das desigualdades e da opressão enfrentadas na sociedade. O refrão da música *Fight the Power*, do Public Enemy, é repetido incansavelmente em *Faça a coisa certa*, através do aparelho de som de Radio Raheem, o jovem que no fim é morto por policiais. A emblemática letra diz: “*Faça todo mundo ver/ A fim de lutar contra os poderes constituídos*”. Através do rap, os autores comentavam sobre fatos do cotidiano e expressavam as aspirações de um povo que não se sentia parte do sonho americano. Nos guetos, os ícones da cultura norte-americana não representavam muita coisa: “*Elvis era um herói para a maioria/ Mas ele*

⁴⁴KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2011.p. 211.

⁴⁵Ibidem, pág 230.

*nunca significou nada para mim, veja/ Da direita, racista, que otário ele era/ Fodam-se ele e John Wayne/ Porque eu sou negro e tenho orgulho*⁴⁶. Como os personagens de *Faça a coisa certa*, que desejavam ver nas paredes da pizzaria imagens de afro-americanos ilustres a fim de se sentirem representados, gerações de jovens negros buscavam referenciais com que pudessem se identificar. Neste contexto, a figura de Malcolm X assumiu um importante significado.

Visto como o mais radical dos líderes negros da década de 1960, Malcolm X foi reverenciado pela cultura hip-hop. Enquanto Martin Luther King passou a maior parte de sua vida lutando pelo fim das barreiras legais aos negros no sul do país, Malcolm conheceu por dentro a realidade dos guetos do norte e alçou sua voz para denunciar a discriminação e a miséria que assolavam essas áreas. Provavelmente por esta causa foi com Malcolm, e não com Luther King, que a maioria dos jovens mais pobres das áreas urbanas pôde se identificar. A cultura *hip hop* foi responsável por resgatar e ressignificar a figura de Malcolm: em 1983, o *rapper* Keith LeBlanc lançou a música *No Sell Out*, em que afirma que Malcolm não se vendeu diante dos jogos de poder. O Public Enemy citou Malcolm em algumas de suas canções, como *Bring the noise* e *Party for your right to fight*. Já no início da década de 1990, o *rapper* Paris introduziu no meio de uma de suas canções um trecho de um dos mais famosos discursos de Malcolm, *By any means necessary*⁴⁷.

Como ocorre com qualquer figura histórica, a vida de Malcolm foi interpretada por diferentes grupos de acordo com suas próprias visões de mundo e seus interesses. Privilegiando seus discursos mais incendiários, os *rappers* não abordavam o fato de que após o rompimento com a Nação do Islã e a viagem à Meca ele rejeitara algumas de suas posições mais extremistas. Para a geração *hip hop*, era justamente a fase mais radical de sua trajetória que o tornava um ícone; destemidamente, Malcolm enfrentara o racismo, atirando ao rosto das elites brancas sua própria hipocrisia e preconceito. Nas letras, ele aparece como o herói que havia vivido para falar as verdades que as autoridades não queriam ouvir, e morrido por amor a seu povo.

Em 1992, Spike Lee coroou os esforços de resgate e valorização da imagem de Malcolm ao produzir a cinebiografia *Malcolm X*. Lançado no início de 1993, o filme alcançou uma nova geração, que não havia vivido a época do movimento por direitos civis, e rendeu duas indicações ao Oscar – nas categorias de Melhor Figurino e Melhor Ator. O impacto de toda

⁴⁶ *Fight the Power*, Public Enemy. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/publicenemy/31847/traducao.html>

⁴⁷ MARABLE, Manning. *Rediscovering Malcolm's Life*. Souls, Columbia, n° 7, pág 24, 2005.

esta “redescoberta” em fins da década de 80 e início da década de 90 levou o nome de Malcolm a estar por toda parte: nas músicas, no cinema e nas dezenas de produtos licenciados, como cartazes, canecas e camisas. Esta verdadeira “Malcolmania” não alcançou apenas as ruas: em 1999 o governo dos EUA reconheceu oficialmente a importância de seu legado, incluindo-o na série de selos oficiais *Black Heritage Stamp Series*, onde já figuravam nomes como Harriet Tubman, W. E. DuBois e Martin Luther King Jr. O fato foi comemorado numa cerimônia sediada no Teatro Apollo, no Harlem, em que compareceram importantes celebridades negras como Ossie Davis e Harry Belafonte, além das convidadas de honra Betty Shabazz, a viúva de Malcolm, e suas filhas.⁴⁸

Levar a história de Malcolm para as telas não era uma ideia recente. Já em 1968, apenas três anos após sua morte, o produtor de cinema independente Marvin Worth convocou James Baldwin, importante escritor e dramaturgo que também participou do movimento por direitos civis, para escrever um roteiro baseado na Autobiografia, mas o projeto não foi adiante⁴⁹. Nos anos posteriores algumas dramatizações foram feitas – como o telefilme *Death of profet*, exibido na televisão em 1981 e que trouxe Morgan Freeman como protagonista. Mas de fato só em 1992 um cineasta empreendeu a tarefa de narrar a trajetória de Malcolm explorando todas as suas fases – de criança abandonada a criminoso, até se tornar ministro muçulmano e líder político.

Em *Faça a coisa certa*, Malcolm X aparece, junto de Martin Luther King, no centro da discussão sobre a representatividade negra nas paredes da pizzaria italiana. O fim do filme traz citações dos dois líderes: a de Martin Luther King defende a não-violência em qualquer circunstância, enquanto a de Malcolm afirma que a legítima defesa do negro não é violência, mas inteligência. Apesar de Spike Lee reconhecer a importância de ambos na luta pela conquista de direitos, a atitude do protagonista Mookie no fim – de se rebelar contra a violência policial investindo contra a pizzaria – e o fato de a frase de Malcolm ecoar por último, após a de Luther King, parecem ser indícios claros o suficiente de uma maior identificação com Malcolm. Como ele, Spike Lee encontrava-se imerso no contexto dos guetos nortistas, e buscava denunciar as desigualdades presentes nestes locais.

Ao investir num longa-metragem voltado exclusivamente para a vida de Malcolm, Lee ratificou esta admiração. O resultado é um filme com ares de superprodução, que contou com

⁴⁸ .MARABLE, Op.cit., p.25.

⁴⁹ MARABLE, Manning. *Malcolm X: uma vida de reinvenções*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Pág 17.

a colaboração de Marvin Worth, ainda interessado no projeto, e reuniu um talentoso elenco encabeçado por Denzel Washington. Washington havia trabalhado com Lee em *Mais e melhores blues*, e à época já era considerado um dos atores mais notáveis de sua geração, tendo alcançado o status de galã, como já acontecera com Sidney Poitier nas décadas de 50 e 60. Seu desempenho brilhante em cena demonstra o cuidado em estudar os trejeitos de Malcolm e explorar as nuances de sua personalidade.

O roteiro, escrito por Lee e Arnold Pearl, foi baseado na *Autobiografia de Malcolm X*, escrita em colaboração com o jornalista Alex Haley e lançada em 1965. O lançamento do livro no mesmo ano da morte de Malcolm contribuiu para que se tornasse um grande sucesso; movidos por curiosidade ou admiração, muitos procuraram conhecer melhor a trajetória deste controverso líder. O livro vendeu milhões de cópias e chegou a ser adotado na bibliografia de cursos universitários. A história de Malcolm, emocionante e cheia de reviravoltas, tornou-se para muitos um exemplo da emancipação e do orgulho do homem negro⁵⁰.

Relatos lançados bem posteriormente, como a biografia *Malcolm X – Uma vida de reinvenções*, do historiador Manning Marable, de 2011, trouxeram à tona uma série de imprecisões e alterações presentes na Autobiografia, além de aspectos obscuros, como os conflitos conjugais de Malcolm com Betty, e um encontro dele com a Ku Klux Klan, em 1961. Estas descobertas realçam o fato de que ninguém está imune aos defeitos inerentes a todo ser humano, desmistificando a aura que comumente cobre uma figura histórica. Apesar de quaisquer controvérsias, o Malcolm X que encontramos na autobiografia, assim como no filme de Spike Lee, parte de uma infância traumática e uma juventude desregrada para inscrever-se numa trajetória ascendente a partir de sua conversão: constantemente amadurecendo e aperfeiçoando suas ideias, ele se tornou um dos grandes nomes na busca pela igualdade racial, cuja luta foi interrompida bruscamente devido a seu assassinato.

Ao contrário da Autobiografia, que começa quando ele ainda estava no ventre de sua mãe e segue uma cronologia tradicional até sua morte, o filme se inicia em sua juventude, quando já morava na cidade de Boston. Neste ponto notamos uma diferença fundamental entre a autobiografia e o filme: no texto escrito, a meio-irmã mais velha de Malcolm, Ella Little, é uma figura importante, constantemente citada. Foi ela a responsável por acolhê-lo em Boston em 1941, quando ele tinha apenas 16 anos de idade, depois de ter tido alguns problemas de comportamento em Lansing, cidade onde viviam seus irmãos. Segundo Manning Marable,

⁵⁰ MARABLE, Manning. *Rediscovering Malcolm's Life*. Souls, Columbia, nº 7, pág 24, 2005.

Ella continuou dando-lhe apoio emocional e financeiro durante toda a vida, visitando-o na prisão e emprestando-lhe dinheiro diversas vezes. Ela vivia de pequenos crimes, como furtos, e chegou a ser presa algumas vezes; sua conduta errática pode ter influenciado na entrada de Malcolm para o mundo do crime, que o conduziria à prisão em 1946⁵¹.

De acordo com Marable, a razão pela qual Ella não é sequer mencionada no filme de Spike Lee envolve questões familiares. Embora ela tenha tido influência sobre Malcolm ao longo de sua vida, e assumido a liderança das duas organizações fundadas por ele após sua saída da NOI – a MMI e a OUA –, foi Betty Shabazz, sua esposa, a escolhida para ser consultora do filme. De fato, é comum que jornalistas e historiadores recorram à viúva de um grande líder para resgatar suas memórias; contudo, Ella acreditava que Betty não conhecia Malcolm bem o suficiente para narrar sua vida, como disse a um repórter numa entrevista. Betty então exigiu excluir Ella do filme, afirmando que esta nunca fora uma boa influência para Malcolm⁵². Além de Ella, outras ausências importantes são sentidas: Louis Farrakhan, ministro da NOI, discípulo de Malcolm e posteriormente seu detrator junto a Elijah Muhammad; e Cassius Clay, famoso lutador de boxe que recebeu o nome de Muhammad Ali e foi amigo pessoal de Malcolm durante alguns anos, rompendo relações com ele por ocasião da saída de Malcolm da NOI.

Na Autobiografia, Louis X – como era então conhecido – é citado poucas vezes por Malcolm, mas sempre em termos elogiosos, sendo descrito como um antigo cantor popular que após a conversão ao islamismo se tornara um ministro esforçado e competente. Quando Malcolm saiu da NOI, Louis soube aproveitar o vazio de poder deixado pelo principal pupilo de Elijah Muhammad e adquiriu prestígio crescente, até tornar-se o líder da NOI muitos anos depois. Por ocasião do assassinato de Malcolm, muitos vincularam Louis X ao crime, por ter ele afirmado num artigo do *Muhammad Speaks* (o jornal oficial da NOI) que “um homem como Malcolm merecia morrer”⁵³, insuflando ainda mais a ira dos muçulmanos contra o antigo protegido de Muhammad. Porém, seu envolvimento nunca foi comprovado, e sua influência na NOI contribuiu para sepultar rumores em torno de seu nome. Certamente não gostaria de se ver envolvido em qualquer polêmica relacionada a seu antigo desafeto; incluí-lo num filme sobre Malcolm poderia trazer a Spike Lee uma série de problemas, desde processos judiciais a ameaças de membros da NOI leais a Louis Farrakhan. Cassius Clay também

⁵¹MARABLE, Manning. *Malcolm X: uma vida de reinvenções*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. pág 46.

⁵²Ibidem, pág 522.

⁵³Ibidem, pág 143.

buscou ao máximo se dissociar da imagem de Malcolm logo após o rompimento deste com a Nação do Islã.

Tais omissões – quer tenham ocorrido por problemas familiares ou questões de direitos de imagem – são bons exemplos de que lidar com a vida de alguém que realmente existiu é uma tarefa espinhosa. Levar História ao cinema sempre envolve disputas de memória; tratando-se de um passado recente e de uma figura controversa, a questão torna-se ainda mais complicada. Desviando-se de polêmicas, Spike Lee nos apresenta a história de um jovem alienado e mergulhado no crime que se transformou num líder político internacional, digno de ser colocado no panteão negro dos EUA. Para isso, utilizou-se de todas as potencialidades oferecidas pelo cinema para construir uma narrativa monumental, lançando mão de recursos diferentes daqueles presentes na Autobiografia.

Como defendido na introdução deste trabalho, a narrativa fílmica possui uma estrutura inevitavelmente diferente do discurso escrito; por isso, não se pode exigir destes dois tipos de narrativa que preencham os mesmos requisitos. No caso em questão, a cinebiografia *Malcolm X*, mesmo os 201 minutos de filme – uma duração acima da média dos filmes hollywoodianos – não foram suficientes para abordar todos os fatos da trajetória de Malcolm; em meio a tantas identidades assumidas por ele, fez-se nítida a necessidade de fazer escolhas a fim de apresentar uma narrativa clara e coesa. As muitas diferenças entre o filme e a autobiografia (ou qualquer outro relato histórico escrito) encontram-se tanto em fatores externos à obra – o contexto social da época em que o filme foi lançado, suas condições de produção e distribuição, as questões legais implicadas em retratar figuras históricas – quanto internos – os enquadramentos da câmera, a composição de cenários, figurinos e trilha sonora, e principalmente a escolha de privilegiar os elementos de maior potencial dramático.

O historiador Robert Rosenstone acredita ser possível identificar algumas características gerais no gênero do drama histórico: motivações sentimentais, ação, enfrentamentos pessoais, clímax e desenlace. Mais que cativar o espectador, o drama histórico o conduz a acreditar que está, por um momento, vivendo outra época. Através dos ambientes cuidadosamente arranjados e da ação dos personagens, o que se vê não são descrições pormenorizadas do passado, mas uma representação tridimensional bastante convincente dele:

“... o pensamento histórico envolvido nos dramas comerciais é, em grande parte o mesmo: indivíduos (um, dois ou um pequeno grupo) estão no centro do processo histórico. Através de seus olhos e vidas, aventuras e amores, vemos greves, invasões, revoluções, ditaduras, conflitos étnicos, experiências científicas, batalhas

jurídicas, movimentos políticos, genocídios. Mas fazemos mais do que apenas ver: também sentimos. Usando imagem, música e efeitos sonoros, além de diálogos falados (e berrados, sussurrados, cantarolados e cochichados), o filme dramático mira diretamente nas emoções⁵⁴.

Por isso, é preciso não perder de vista que um filme encena o passado, não o reproduz. Mesmo assim, ainda que seja antes de tudo uma ficção, é possível que contribua para uma melhor compreensão do passado na medida em que pode se constituir uma reflexão, um comentário ou uma crítica sobre o corpo de informações já existentes sobre um tema histórico. Historiograficamente embasadas ou não, o fato é que toda representação cinematográfica da História veicula uma determinada versão do passado que possui uma imensa capacidade de produzir identificação e comoção nos espectadores. No caso de *Malcolm X*, mais importante que avaliar se houve perfeita reconstituição de cenários e figurinos históricos, ou se o filme abordou com absoluta fidelidade todos os detalhes da vida de Malcolm, é analisar o processo através do qual Spike Lee construiu seu próprio Malcolm X, monumentalizando sua trajetória a fim de apresentar às massas o retrato de um verdadeiro herói afro-americano. Para isso, importa procedermos à análise interna da obra.

2.3 – A construção da narrativa monumental

2.3.1 - Abertura

Uma retumbante música de fundo, a voz de Denzel Washington como Malcolm X, proferindo um de seus discursos mais emblemáticos, imagens de um negro sendo espancado por policiais, intercaladas com a bandeira dos EUA ardendo em chamas: assim foi construída a explosiva abertura do filme.

Antes que se possa formar qualquer opinião, nos deparamos com uma tela preta e uma voz em *voice over*⁵⁵ anunciando a uma platéia entusiasmada que Malcolm X estaria mais uma vez discursando. Em seguida, vem as palavras presentes no discurso conhecido como *I charge the white man (Eu acuso o homem branco)*, em que Malcolm X acusa o homem branco de ser o maior assassino e sequestrador da Terra. Este discurso na verdade se chama *I have a*

⁵⁴ ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2015. Pág 33.

⁵⁵ Técnica utilizada quando a voz de um narrador é adicionada a um programa, filme, propaganda, etc, sem que sua imagem seja visível. Cambridge Dictionary, disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/voice-over>

*nightmare (Eu tenho um pesadelo), numa clara alusão ao discurso I have a dream, de Martin Luther King. Enquanto King sonhava com o dia em que veria seus filhos assentados à mesa da fraternidade junto com os filhos dos brancos, Malcolm X afirmava: “Ter nascido aqui não faz de você um americano. Você e eu não somos americanos. Você é um dos 22 milhões de negros que são vítimas da América. [...] Não há democracia no Harlem, no Brooklyn, em Detroit, em Chicago. Não há nenhuma democracia lá. Nós nunca conhecemos a democracia. Nós não conhecemos nenhum sonho americano. Nós conhecemos somente o pesadelo americano”.*⁵⁶



Enquanto essas cáusticas palavras são proferidas, um elemento muito presente no cinema hollywoodiano é revestido de um novo significado: a bandeira dos Estados Unidos da América. Constantemente exibida nos filmes como símbolo dos valores da sociedade norte-americana, com Spike Lee a bandeira é mostrada sendo consumida pelas chamas, até formar a letra X, que se tornou uma espécie de “marca registrada” de Malcolm. Além destas, são mostradas as imagens reais do espancamento de Rodney King, caso que ganhou repercussão internacional. Rodney King era um taxista em liberdade condicional que, na noite de 3 de março de 1991, em Los Angeles, foi abordado e perseguido por policiais por dirigir em alta velocidade, e após ser capturado foi brutalmente espancado. Estes policiais foram mais tarde inocentados por um júri exclusivamente branco, o que gerou revolta nos guetos e conduziu a episódios de sublevação social que ficaram conhecidos como *Los Angeles Riots*. O saldo

⁵⁶RODRIGUES, Vladimir Miguel. O X de Malcolm e a questão racial norte-americana. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013. págs 157, 158

dessas revoltas urbanas foi de 53 mortos, cerca de mil feridos e mais de 1 bilhão de dólares em prejuízos econômicos.⁵⁷

A escolha de incluir na abertura do filme imagens de um caso tão candente à época denota a intenção de Spike Lee de expor a atualidade do discurso de Malcolm X frente aos problemas que na década de 1990 ainda grassavam em todo o país e especialmente nos guetos das grandes metrópoles. Embora o filme retrate a vida de um líder da década de 1960, isto é feito a partir da perspectiva da época em que o filme foi produzido. O tema da violência policial contra os negros, assunto muito caro a Spike Lee, já ocupara o centro de *Faça a coisa certa*. Trazê-lo mais uma vez para o grande público através de um filme que aborda a vida de uma figura histórica tão combativa, traduz o desejo de conectar passado e presente na busca por uma denúncia mais contundente e uma conscientização mais eficaz contra o racismo.

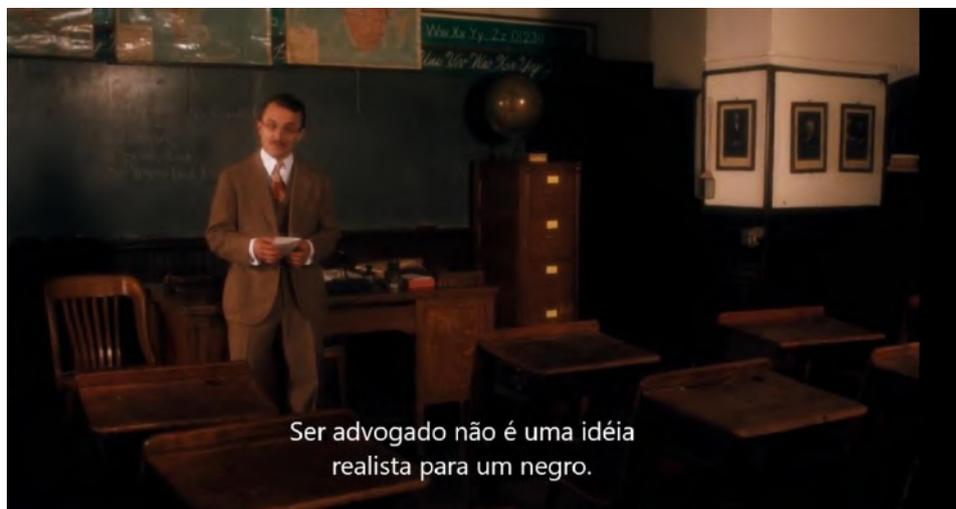
Buscar no passado as raízes históricas de um fenômeno social do presente para compreender melhor suas implicações: não é isso comumente praticado na historiografia? Contudo, é preciso lembrar que o cinema, seja o de matriz hollywoodiana ou qualquer outro, obedece a critérios distintos e tem objetivos diferentes dos acadêmicos. O que Spike Lee pretende não é nos apresentar um retrato perfeito de quem Malcolm X foi – e isso tampouco uma obra historiográfica pode fazer –, mas sim afirmar a atualidade de suas reivindicações e a relevância de seu legado para as gerações posteriores. Tudo isto, atendo-se aos códigos próprios do cinema hollywoodiano, segundo os quais é preciso mesclar elementos como romance, ação e humor para dar origem a uma narrativa emocionante, que faça o espectador mergulhar no universo criado por aquela obra. Na abertura, Spike Lee traça em linhas gerais suas intenções: combinando uma trilha sonora impactante, um discurso incendiário e imagens chocantes, ele compõe um início apoteótico, que de imediato captura a atenção do espectador e gera a expectativa de um filme igualmente arrebatador.

2.3.2 - Infância e juventude: de Malcolm Little a Red

Como já afirmamos, o drama histórico tende a focar nas emoções do espectador; numa cinebiografia, isto é facilmente perceptível. No caso aqui analisado, o tratamento dispensado à infância de Malcolm ilustra bem esta afirmação. Embora o filme contenha poucas cenas retratando este período de sua vida, cada uma delas exerce uma função importante: nos

⁵⁷ *Ódio racial explode em Los Angeles, em 1992, deixando 53 mortos e mil feridos*. Jornal O Globo, 3 de maio. 1992. pág. 32. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/odio-racial-explode-em-los-angeles-em-1992-deixando-53-mortos-mil-feridos-13654177>

apresentar as profundas marcas deixadas pelo racismo na vida de Malcolm. Sua história, por si só cheia de sofrimento, é pintada em cores fortes. O assassinato do pai e a ausência de justiça quanto ao crime, as dificuldades financeiras, os distúrbios psiquiátricos da mãe e a discriminação sofrida na escola compõem um quadro que explica a revolta de Malcolm com as injustiças da sociedade norte-americana.. Discursos duros como “Eu acuso o homem branco” ganham novo significado levando-se em consideração que de fato ele experimentou, desde a mais tenra idade, vivências próprias de um pesadelo. Para o espectador, o sofrimento de uma criança torna mais pungente o apelo emocional; a trajetória de Malcolm é mobilizada então como exemplo das dificuldades enfrentadas por muitas outras crianças negras dos EUA do século XX.



Num dos *flashbacks*, seu professor de inglês o aconselha a desistir de seu sonho de ser advogado. Presente também na Autobiografia, o episódio mostra que, apesar de Malcolm ser um dos melhores alunos da turma, não poderia almejar tal carreira unicamente pela cor de sua pele. Querendo parecer simpático, o professor sugere o ofício de carpinteiro, que, segundo ele, seria mais “realista”. A cena, capaz de provocar revolta no espectador, objetiva mostrar a desigualdade no tratamento escolar entre negros e brancos, que contribuiu para que Malcolm nunca mais retornasse à escola. Sua ausência de formação acadêmica, no entanto, não o impediu de dedicar sua vida a advogar a causa dos negros oprimidos.

Conforme o enredo se desenvolve, acompanhamos a transformação do pequeno Malcolm Little num jovem seduzido pelos prazeres existentes no submundo da grande cidade de Boston. Os primeiros 60 minutos de filme, dedicados à sua juventude, são ricos em detalhes. Esteticamente, as cores utilizadas atraem atenção imediata; na primeira cena, a forte

luminosidade do sol é valorizada, e parece banhar de amarelo o cenário que reconstitui a Boston dos anos da Segunda Guerra Mundial. Prevaecem as tons quentes (amarelo, laranja, vermelho) nos ternos espalhafatosos usados pelo jovem Malcolm e seu melhor amigo, Shorty, interpretado pelo próprio Spike Lee. A trilha sonora exprime a mesma vivacidade: Terence Blanchard, um ator e produtor musical responsável por outros filmes de Lee como *Febre da Selva* (1991) e *Chi-raq* (2015), se valeu de sucessos do blues e do jazz na voz de artistas como Big Joe Turner, Lionel Hampton e Billie Holliday, para embalar a fase mais elétrica da vida de Malcolm.

O tom descontraído se afirma na primeira sequência do filme. O primeiro a ocupar a tela é Spike Lee, que com seu figurino berrante se dirige até uma barbearia, onde se reúne um grupo de amigos no meio dos quais encontramos pela primeira vez Denzel Washington caracterizado como o jovem Malcolm. A performance de Denzel Washington é superlativa: em sintonia com Spike Lee, seus gestos exagerados, até mesmo caricatos, pintam um Malcolm extremamente carismático. Embora se torne um criminoso, Red é sedutor, e sua parceria com Shorty adiciona boas doses de ação e humor à história.



A cena retrata a primeira vez que Malcolm alisa seus cabelos crespos, processo doloroso feito à base de lixívia (hipoclorito de sódio), que se repete algumas vezes ao longo da história. Na Autobiografia, Malcolm critica duramente o fato de muitos negros se submeterem a este tipo de procedimento apenas para tentar se parecer com os brancos, e diz que apenas devido à cegueira na qual estava mergulhado antes da conversão ao Islã, é que se tornara capaz de tamanha estupidez. No filme, é divertido acompanhar a expectativa de todos quanto ao resultado do alisamento. A dor causada pela aplicação da lixívia no fim se revela compensadora: “*Está igual ao de um branco*”, Malcolm diz, e com essa frase objetiva-se

mostrar sua alienação e rejeição às características físicas negras, que aparecem a ele como defeitos.

Esse desejo de se inserir a qualquer custo no mundo dos brancos torna-se ainda mais explícito na relação de Malcolm com o gênero feminino. A princípio comprometido com Laura, uma moça negra “de família”, ele não hesita em trocá-la por Sophia, uma branca rica que gostava de se aventurar pelos salões de baile dos guetos afro-americanos. Na Autobiografia ficamos sabendo que Laura era moradora de um bairro mais abastado do gueto, vivia com sua avó, uma senhora muito religiosa, e conhecera Malcolm na *drugstore* em que ele trabalhava. Ao contrário dele, que aos 16 anos já conhecia o álcool e as mulheres, Laura, aos 17, tinha poucas experiências fora de casa. Os dois se tornaram amigos e parceiros no *lindy hopping* (gênero de dança surgido no Harlem que misturava elementos de jazz e swing), até a noite do baile em que ele conheceu Sophia, descrita como “*a branca mais espetacular que já havia entrado naqueles bares e clubes*”.⁵⁸ Sentindo-se rejeitada, Laura nunca mais voltaria a procurar Malcolm, que passaria a desfilar com Sophia por toda a cidade, ostentando o fato de ter conseguido conquistar uma mulher branca. Manning Marable, em *Malcolm X – Uma vida de reinvenções* esclarece que o verdadeiro nome de Laura era Glória, e que ela e Malcolm chegaram a namorar por alguns meses; porém, Malcolm nunca quis assumir um compromisso sério, e realmente preferiu trocá-la por uma branca. Porém, essa mulher não se chamava Sophia nem era rica; seu verdadeiro nome era Bea Caragulian, uma armênia dançarina profissional, que se apresentava em pequenos clubes. Porém, estas diferenças não impedem que o filme cumpra um objetivo específico: utilizar a relação de Malcolm com cada mulher que passou por sua vida como símbolo de um tema mais profundo.

Sophia marca uma primeira mudança na vida de Malcolm. De um adolescente irreverente, ele vai se transformando progressivamente num criminoso intempestivo e arrogante. Ela é responsável por elevar seu prestígio no gueto; todos passam a invejar o negro que fisgara uma branca. No filme, a satisfação em exibir uma bela mulher branca como um troféu ganha uma dimensão que vai além do desejo sexual. Durante um dos flashbacks que narram sua infância, Malcolm explica que sua mãe era fruto do estupro de uma negra por um branco, e que por isso herdara uma cor de pele mais clara; detestando este fato, ela escolhera se casar com um homem bem negro a fim de ter filhos mais escuros. A revolta com a violência sofrida pelas mulheres negras é considerada importante para explicar a obsessão de Malcolm pelas

⁵⁸ X, Malcolm e HALEY, Alex. Autobiografia de Malcolm X. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.pág 75

mulheres brancas, como ele narra: *“Nessa altura, acho que isso pesou muito em mim e em muitos negros de hoje. Por tantas das nossas irmãs terem sido estupradas por brancos, os negros sonham apanhar o bem mais valioso do branco: a mulher branca”*. Mais que possuir, Malcolm quer submeter Sophia. Frantz Fanon, em sua obra *“Peles negras, máscaras brancas”*, observa que o que levava muitos homens negros a valorizarem o amor de uma branca era a seguinte concepção: *“amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco [...] Nestes seios brancos que minhas mãos onipresentes acariciam, é da civilização branca, da dignidade branca que me aproprio”*⁵⁹.



Numa das cenas em que os dois estão juntos, Malcolm obriga Sophia a dar-lhe comida na boca e beijar seus pés, e a acusa de ser capaz de denunciá-lo por estupro se fosse necessário. Apesar da desconfiança, ela permanece com ele durante toda sua fase criminoso, estando ao seu lado quando ele planeja seus golpes e ajudando a executá-los. Sophia vincula-se aos piores aspectos da personalidade de Malcolm: a misoginia, a ambição desmedida, o comportamento agressivo e manipulador; está inextricavelmente ligada a uma etapa da vida dele em que só importavam dinheiro e poder. Seus caminhos só se separam quando ambos são presos por assalto a residências. A quadrilha formada por Malcolm, Shorty, Sophia e sua irmã tem fins bem diferentes: enquanto ele e Shorty recebem uma pena de 8 a 10 anos, as mulheres são condenadas a apenas dois anos de reclusão. Em *off*, Malcolm afirma que, para os brancos, o pior crime cometido por ele e Shorty não havia sido o roubo, e sim o fato de terem “dormido com brancas”. Mais adiante no filme, quando Malcolm começa a dar ouvidos ao discurso pregado pela NOI, que afirmava que o homem branco era o demônio, a câmera passa

⁵⁹FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2008. pág 69.

em revista uma sequência de personagens brancos que cruzaram sua vida; Sophia é a última a tomar a tela, servindo a Malcolm como a prova final de que o contato com brancos só poderia trazer males. É possível acusar Spike Lee de abordar os relacionamentos interracialis de forma excessivamente desfavorável; porém, considerando-se a seriedade das convicções religiosas de Malcolm e a importância que ele conferia à valorização da beleza da mulher negra, é difícil exagerar sua reprovação em relação a envolvimento amoroso como o que experimentara em sua vida pregressa.

2.3.3 - De Satã a convertido

Na prisão, onde ocorre o grande ponto de virada da vida de Malcolm, sua personalidade contestadora fica mais uma vez evidente. Apelidado de Satã pelos outros detentos devido à sua rebeldia contra as autoridades e total rejeição ao cristianismo, ele conhece os ensinamentos da Nação do Islã através de um muçulmano chamado Irmão Baines, percebendo o profundo impacto do racismo em sua vida e a necessidade de se libertar dos grilhões sociais e culturais impostos pela civilização branca. Baines não existe na Autobiografia: no relato escrito, Malcolm se converte à fé muçulmana por influência de seus familiares, que já frequentavam os cultos da NOI, e de um prisioneiro chamado Bimbi. Malcolm conta que conheceu Bimbi na penitenciária estadual de Charlestown, para onde foi encaminhado logo após a condenação. Em meio ao sofrimento causado pela abstinência das drogas e as péssimas condições de higiene, ele se viu atraído pelo discurso de Bimbi. O prisioneiro mais velho não cometia quaisquer violações às regras da prisão e se fazia respeitar pelos outros presos e até mesmo pelos carcereiros por causa de sua erudição. enxergando em Malcolm mais que um jovem revoltado, Bimbi investiu nele seus esforços, acreditando que sua inteligência poderia ser utilizada em prol de atividades mais proveitosas. Estimulado por seu exemplo, Malcolm passou a frequentar a biblioteca da prisão e utilizar seu tempo livre para fazer cursos por correspondência, que eram permitidos aos presos; quando conseguiu ser transferido para a Prisão-Colônia de Norfolk, com regras bem mais brandas, seu compromisso com a fé muçulmana e seu interesse pela leitura já estavam arraigados.

No filme, a substituição de Bimbi por Baines cumpre uma dupla função: centralizar a responsabilidade pela conversão de Malcolm – já que seus irmãos pouco aparecem na história – e posteriormente ser o símbolo dos detratores de Malcolm junto a Elijah Muhammad. Numa cena fiel à Autobiografia, Malcolm e seu preceptor na fé muçulmana analisam um dicionário, pesquisando o significado das palavras “branco” e “negro”.



A conclusão a que chegam é que a dominação branca possuía também dimensões ideológicas. Malcolm então volta seus esforços não mais para obter vantagens através do crime, mas para repensar toda sua trajetória até então, e questionar o *status quo*. Após a conversão ao islamismo, o irmão Baines continua tendo importante função na trama: tendo saído da cadeia antes de Malcolm, ele o ajuda a encontrar Elijah Muhammad e cair em suas graças; mas com o extraordinário aumento da popularidade de Malcolm, passa a invejá-lo e trabalha para minar seu bom relacionamento com o Mensageiro, chegando ao ponto de acusá-lo de pretender usurpar a liderança da Nação do Islã.

Baines a princípio serve como agente de transformação; mais tarde, se torna um antagonista importante, o símbolo da traição de que Malcolm seria alvo. Num filme, o tempo e o espaço para introdução de personagens é mais reduzido que num livro; por isso, é comum que um mesmo personagem cumpra diferentes funções. Neste caso, a escolha por criar um novo personagem não prejudica o entendimento sobre a conversão de Malcolm ao islamismo, nem as razões pelas quais suas relações com a Nação do Islã foram se deteriorando anos mais tarde, fator que culminaria em seu assassinato pelas mãos de seus antigos aliados. Pelo contrário, a invenção de Baines sintetiza fatos reais, conferindo maior agilidade à trama, e estabelece o conflito entre protagonista X antagonista, oposição muito comum no cinema.

2.3.4 - Ministro Malcolm

A partir de sua conversão e saída da prisão, Malcolm se torna rapidamente o pupilo favorito de Elijah Muhammad. A relação entre os dois homens, tão explorada na Autobiografia, também recebe tratamento especial no filme; mais que admiração, Malcolm devotava a seu líder verdadeira adoração. Durante todo o tempo em que trabalharam juntos,

os ensinamentos de Muhammad foram responsáveis por nortear a trajetória de Malcolm nos campos moral, religioso e político, levando-o a defender idéias polêmicas tais como a teoria de que os negros descendiam da tribo perdida dos Shabazz e eram a raça eleita por Deus. Porém, a intimidade entre Elijah Muhammad e seu discípulo não foi capaz de esconder suas divergências: enquanto Muhammad preocupava-se sobretudo com o crescimento numérico e financeiro da Nação, Malcolm enveredava progressivamente para uma defesa política dos direitos dos negros. Inconformado com o estado das comunidades negras, ele constantemente abordava em seus sermões assuntos que ultrapassavam a esfera religiosa e tinham como objetivo despertar a consciência dos negros para as injustiças perpetradas pelos brancos. Malcolm buscava fornecer através da Nação do Islã um alento para as almas, mas também para os corpos de seus irmãos. Esta era, aliás, uma de suas principais críticas aos líderes negros vinculados ao cristianismo: a de que estes esperavam apenas uma solução espiritual para problemas de implicações materiais. No filme, Malcolm é retratado logo no início de sua trajetória como ministro muçulmano abordando fiéis na saída de uma igreja cristã, entregando-lhes panfletos e questionando o fato de que muitos perdiam tempo nos templos buscando o céu, enquanto viviam num verdadeiro inferno. Enquanto Malcolm profere seu discurso em plena rua, a câmera conduz o espectador a uma volta ao redor, que permite ver outros líderes em tribunas, propondo outras soluções, como o empreendedorismo negro nos guetos e o boicote econômico a empresas racistas. Este giro nos situa no contexto da década de 50, em que o movimento por direitos civis germinava e dividia-se em diferentes correntes.

Imerso neste contexto, Malcolm relacionou-se com o movimento por direitos civis de diferentes formas: por vezes criticando severamente, por vezes unindo esforços. Representando a NOI, buscou sempre fincar uma posição independente, desencorajando o alistamento eleitoral dos negros e outras formas de engajamento cívico por acreditar que a solução para os problemas enfrentados pelos negros não era buscar reformas num sistema já corrompido, como faziam outros líderes. No filme, a relação de Malcolm com o movimento ganha maior destaque a partir da segunda metade, quando ele já havia se tornado famoso nacionalmente. Na sequência dedicada a sintetizar suas principais idéias políticas, são realçadas as diferenças fundamentais entre a visão de Malcolm e a dos líderes ligados ao método da resistência não-violenta. Numa das cenas, ele está sentado num sofá, em frente a uma televisão que expõe imagens de negros sendo agredidos e até enforcados por populações brancas hostis, e tendo suas casas queimadas por membros da Ku Klux Klan; enquanto isso, aparece também num grande comício da NOI, discursando para uma multidão sobre a

necessidade de os negros se defenderem. O conteúdo de seu discurso é um ataque frontal ao método da resistência não-violenta: ele alerta sobre a existência de líderes negros “Pai Tomás”⁶⁰, que, segundo ele, “nada faziam a não ser rezar por seus inimigos”. Malcolm X frequentemente usava em seus discursos a figura do personagem Pai Tomás para criticar os líderes negros que buscavam a integração entre negros e brancos, acusando-os de serem demasiadamente cautelosos e assumirem uma postura servil diante dos brancos, assim como no livro. Para ele, o método da resistência não-violenta não corrigia os danos irreparáveis causados pela violência dos brancos contra os negros; apenas a auto-defesa e, se necessário, a revolta dos negros, seria capaz de reverter este quadro de injustiça.

Na cena posterior, Malcolm participa de um debate televisionado junto a outro líder negro não especificado, em que explica dois conceitos fundamentais de seu ideário: a identidade perdida dos negros, simbolizada pela letra X após o primeiro nome, e os conceitos de “negro da casa” e “negro do campo”. Respondendo a uma pergunta do entrevistador, ele explica que o X representava uma incógnita – como na matemática - identitária, pois os negros haviam sido roubados de sua pátria e destituídos de sua história. Como, ao chegarem ao continente norte-americano, receberam nomes de acordo com a família de seus escravizadores, e não conseguiam mais recordar seus nomes africanos, o X serviria para lembrá-los de suas raízes; ele deveria ser substituído apenas quando os negros voltassem à sua pátria, a África.

Em seguida, acusado por seu oponente de ser um demagogo que exagerava a gravidade da situação dos negros, ele alerta sobre o fato de que muitos membros da classe média negra, especialmente os que tinham diploma universitário, não atentavam para as dificuldades enfrentadas pelos mais pobres. Por isso era importante diferenciar os “negros da casa” dos “negros do campo”. Segundo ele, os negros da casa eram os escravos que, fazendo trabalhos domésticos, tinham uma vida menos penosa e mantinham uma relação mais estreita com os senhores; enquanto que os negros do campo, responsáveis pelo trabalho na lavoura, enfrentavam as mais duras condições de vida, sendo considerados por seus senhores como meras mercadorias. Os negros da casa se posicionavam sempre ao lado dos senhores, não se solidarizando com seus irmãos que trabalhavam nas colheitas, e não sendo capazes de enxergar melhores perspectivas de futuro; enquanto que os negros do campo odiavam seus

⁶⁰Pai Tomás é o personagem principal do livro “A cabana do Pai Tomás” (UncleTom’sCabin), escrito pela autora norte-americana Harriet Beecher Stowe e considerado um dos primeiros romances abolicionistas dos EUA. O livro narra a história de um escravo idoso, Pai Tomás, que suporta com paciência e resignação as severas aflições causadas pela escravidão, e que por fim acaba morrendo sem sua liberdade. STOWE, Harriet Beecher. *A cabana do Pai Tomás*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

senhores e desejavam a liberdade a qualquer custo. Para Malcolm, essa diferenciação ainda persistia, e se revelava na medida em que alguns negros se contentavam com as migalhas lançados pelos brancos, ascendendo socialmente e condenando aqueles que se rebelavam contra a opressão sofrida. Em todos os seus discursos, ele afirmava de modo veemente a oposição entre os negros, o povo escolhido por Alá, e os brancos, responsáveis por toda sorte de injustiças perpetradas na face da Terra. Os líderes negros que se aproximavam dos brancos não passavam de seus aliados, obstruindo o caminho para a obtenção de verdadeira liberdade para os negros.



Todos estes discursos são inteiramente ficcionais: no filme, o conteúdo de suas falas precisa cumprir o papel de condensar as mudanças sofridas por Malcolm. Isso não significa que não haja embasamento histórico; através das cartas, sermões e discursos por ele deixados, é possível mapear as idéias centrais de seu pensamento e identificar quais aspectos foram privilegiados por Spike Lee. A condensação das idéias é um recurso frequentemente utilizado no cinema; no que se refere à trajetória política de Malcolm, ela é fundamental para cumprir o propósito de Lee de apresentar as idéias de Malcolm X de forma simples, até mesmo didática, para gerações que não estavam familiarizadas com seus conceitos.

Laura, a namorada esnobada no início do filme, assim como Sophia e Baines, cumpre uma função específica na narrativa, ressurgindo em dois momentos a fim de deixar sua contribuição. No primeiro, Malcolm a encontra num bar do Harlem acompanhada de seu namorado, um viciado em drogas; ele se espanta ao constatar que ela agora frequentava o submundo. No segundo momento, Malcolm já havia se transformado num ministro muçulmano e deplorava suas antigas práticas, que julgava provenientes da alienação gerada

por séculos de opressão dos brancos contra os negros. Para ele, prostituição e criminalidade resultavam da falta de oportunidades nos guetos, e eram responsáveis por perpetuar as desigualdades sociais. Numa cena marcante, ele está numa rua cheia de prédios em ruínas, frequentada por prostitutas, que oferecem a ele seus serviços; entre elas está Laura. Enquanto Malcolm caminha impassível, sem dar ouvidos aos convites das mulheres, Laura o observa, com semblante triste; em *off*, a voz potente dele reverbera as seguintes palavras: *“Onde estão nossas mulheres, mulheres que poderiam ter se tornado médicas ou professoras? Quem vai cuidar dos nossos filhos? O que aconteceu com nossos homens? Podiam ter sido matemáticos, médicos... Que fará o menino, quando procurar o pai que está na cadeia? Que fará a garota, quando procurar a mãe que anda por aí se vendendo? O diabo nos transformou, a mim e a vocês, em almas mortas. Vocês estão mortos para vocês próprios. Estão mortos para suas consciências, para seu povo, para seu Deus. O branco devia ajoelhar-se. Devia pedir a nossa misericórdia, irmãos e irmãs.”* As últimas frases ecoam enquanto Laura se ajoelha aos pés de um cliente branco, sugerindo a prática de sexo oral, e a cena termina. Ela se torna assim o símbolo da degradação moral vivida por milhões de negros, que os relegava às posições mais humilhantes da sociedade; é o epítome de todas as gerações de afro-americanos que foram privados de sua dignidade.



A decadência de Laura representa a realidade de vulnerabilidade social vivida pelas mulheres negras, abordada por Malcolm num discurso proferido em Los Angeles em 1962, *“Quem te ensinou a se odiar?”* (*Who taught you to hate yourself*): *“Não, antes de você perguntar ao Sr. Muhammad se ele ensina o ódio, você devia se perguntar quem te ensinou a odiar ser o que Deus te deu. Nós ensinamos você a amar o cabelo que Deus te deu.[...] A pessoa mais*

*desrespeitada nos Estados Unidos é a mulher negra. A pessoa mais desprotegida nos Estados Unidos é a mulher negra. A pessoa mais negligenciada nos Estados Unidos é a mulher negra*⁶¹.

A tríade feminina que conta com Sophia e Laura completa-se com Betty Shabazz, aquela que seria escolhida por Malcolm como única e legítima esposa. Embora não ocupe uma parcela muito grande de tempo do filme, a figura de Betty tem um significado importante: ser a calma em meio à agitação na qual a vida de Malcolm estava imersa. Na Autobiografia – que ele dedica a Betty e às filhas dos dois – encontramos a história de como o casal se conheceu. Malcolm relata que tinha uma grande desconfiança com relação às mulheres, devido às suas decepcionantes experiências amorosas anteriores, e também por que os ensinamentos de Elijah Muhammad concebiam a mulher como naturalmente sedutora e potencialmente destrutiva para a moral do homem. Mesmo após 10 anos de absoluta abstinência, ele não pensava em se casar, até conhecer Betty Sanders. Malcolm acreditava que a esposa ideal deveria atender a critérios bem peculiares, como ter a estatura proporcional à de seu marido e também ter metade da idade de seu marido mais sete anos. Além disso, era primordial que não falasse demais e que soubesse administrar seu lar.

A atuação de Betty como consultora do filme ajuda a explicar a abordagem que o filme confere ao casamento dos dois. Interpretada pela atriz Angela Bassett, Betty é representada no filme como uma mulher dedicada e culta – ao contrário de Malcolm, ela vinha de uma família negra de classe média de Detroit e tinha formação superior – que atraiu a atenção do proeminente Ministro por sua beleza e inteligência, além de sua moral ilibada. Como diz a personagem na cena que retrata o encontro do casal no Museu de História Natural, seu maior desejo era “*ser uma boa muçulmana, uma boa enfermeira e uma boa esposa*”. O relacionamento entre eles é retratado de forma bem diferente da abordagem utilizada em relação a Sophia e Laura – há pouco espaço para demonstrações físicas de afeto. Ainda assim, Spike Lee demonstra sensibilidade ao compor uma relação pautada em carinho e companheirismo, capaz de satisfazer o interesse do público pelo elemento romântico de uma narrativa sem deixar a fidelidade ao contexto religioso no qual ambos estavam inseridos. Apesar das constantes viagens de Malcolm, das dificuldades financeiras enfrentadas pela

⁶¹RODRIGUEZ, Mathew. “*Here’s the Malcolm X Speech About Black Women Beyoncé Sampled in “Lemonade”*”. 2016. Disponível em: <https://mic.com/articles/141642/here-s-the-malcolm-x-speech-about-black-women-beyonce-sampled-in-lemonade#.JQomkOFsY>. Acesso em: 30 de mar. 2018.

família após a saída da NOI e das constantes ameaças de morte, Betty mantinha-se firme, como uma rocha em meio à tempestade.



Sua força revela-se fundamental também nos momentos de conflito. Ao perceber a necessidade de abrir os olhos do marido para a existência de perigosos inimigos dentro da NOI, ela torna-se responsável por iniciar mais um processo de profunda transformação na vida de Malcolm, alertando-o para o fato de que sua dedicação durante tantos anos não fora suficiente para que ele recebesse as devidas recompensas. A conduta moral de Elijah Muhammad estava longe de ser admirável – ele teve inúmeros casos com suas jovens secretárias, engravidando várias delas – e enquanto seu patrimônio e o de outros líderes aumentavam rapidamente, Malcolm recebia apenas o suficiente para viver de modo frugal. Mesmo estando certa em todas as suas colocações, Betty não recebe o devido crédito do marido – e neste trecho o pensamento patriarcal e até mesmo machista de Malcolm é flagrante –; ele a acusa de se preocupar demasiadamente com prosperidade material. Apenas depois de investigar as infidelidades conjugais de Muhammad e ouvir de um dos filhos do Mensageiro que uma tentativa de assassinato estava em curso, é que ele se dá conta de que estava sendo vítima de uma conspiração.

2.3.5 – Uma nova etapa e o abrupto fim

O alerta deixado por ela sinaliza a entrada do filme em sua terceira fase – quando as relações de Malcolm com a NOI deterioram-se de modo irremediável e ele passa a ter independência para defender idéias próprias. Nesta etapa, chama atenção o uso que Spike Lee faz das imagens em preto-e-branco nas cenas que retratam episódios importantes

historicamente, como o assassinato do presidente democrata John F. Kennedy, em 1963. Neste caso, mesclaram-se cenas reais do episódio – o momento em que o tiro acerta o presidente, bem como o cortejo fúnebre e a bandeira dos EUA a meio mastro – e cenas ficcionais capturadas a partir de câmeras diferentes daquelas utilizadas no restante do filme. Na coletiva de imprensa em que Malcolm afirma que a morte de Kennedy era um episódio de “galinhas voltando ao galinheiro, fato que nunca o havia deixado triste”⁶² – o espectador do filme assiste a cena de diferentes ângulos, que simulam a posição de vários cinegrafistas presentes na entrevista. Esta declaração, aliás, foi a causa de sua suspensão por 90 dias da função de porta-voz da Nação do Islã, ao fim dos quais ele rompeu com a organização. Finalmente assumindo a impossibilidade de conciliação, Malcolm deixa a NOI, realizando uma peregrinação à Meca a fim de obter uma nova iluminação espiritual. Betty permanece nos EUA com suas filhas, assumindo a responsabilidade de transmitir a seus seguidores as novas idéias que caracterizavam uma ruptura com os pontos de vista defendidos por Malcolm até então. Em todas estas circunstâncias, Betty esteve ao lado de seu marido, resistindo bravamente a todas as dificuldades e zelando por sua imagem.

Outras entrevistas importantes são retratadas: numa delas, ele anuncia a criação da OAAU e da MMI, nas quais teria plena liberdade de expor e defender suas idéias; em outra, concedida após sua volta de Meca, ele anuncia estar preparado para ir à ONU denunciar as violações aos direitos humanos cometidos contra os negros dentro dos Estados Unidos. Em todas, é usado o mesmo recurso de câmeras em preto-e-branco em diferentes perspectivas, que lembram a estética de um documentário, criando um efeito de realidade que tem como objetivo conferir maior veracidade à narrativa. As mais radicais idéias de Malcolm, como a separação espacial entre negros e brancos e a volta dos negros à África, sofreram mudanças substanciais após seu rompimento com a Nação do Islã. No filme, através da narração de uma carta à esposa, ele conta sua experiência de iluminação religiosa, por meio da qual entendeu ser o Islã o caminho para a igualdade e fraternidade entre todas as raças. Apesar de reconhecer o fato de que *“o negro americano não pode ser censurado pela sua animosidade racial. Só está reagindo a 400 anos de opressão”* ele repensa sua trajetória ao afirmar: *“No passado, fazia condenações generalizadas dos brancos. Estas generalizações fizeram mal a muitos brancos que não o mereciam. Por causa do renascimento espiritual pelo qual tive a benção de passar em resultado da minha peregrinação à cidade de Meca, não continuo dando apoio a condenações generalizadas de uma raça.”*

⁶²Expressão idiomática da língua inglesa que se refere a um castigo aplicado por erros cometidos no passado.



Após voltar da viagem à Meca, o filme encaminha-se para o clímax e desenlace, retratando a escalada de tensão que culminou em seu assassinato. Os conflitos entre Malcolm e a Nação do Islã atingem seu ápice após um atentado a bomba à sua casa no Harlem, cuja posse estava sendo disputada na Justiça. Malcolm imediatamente acusa a Nação de ter executado o plano por ordem direta de Elijah Muhammad; representantes da NOI argumentam que o atentado havia sido um golpe publicitário de Malcolm para não perder a casa. Cada vez mais Malcolm e sua família se tornam alvo de ameaças de morte. Aqui, o filme põe em dúvida o fato de apenas a Nação do Islã foi responsável pelo crime, mostrando que Malcolm vinha há muito tempo sendo seguido e monitorado pelo governo norte-americano, como ocorrera durante sua peregrinação a Meca. Num diálogo pelo telefone com Betty - grampeado pela CIA - Malcolm diz que pararia de dizer que apenas a NOI o estava perseguindo, pois sentia que havia organizações ainda mais poderosas envolvidas. Essa interpretação põe em revista a explicação prevalecente sobre a morte de Malcolm; à época, a imprensa afirmou veementemente que Malcolm havia sido assassinado pela organização que ajudara a construir, se tornando vítima do ódio por ele mesmo gerado. Embora a Nação do Islã tenha sido reconhecida pela polícia como responsável pelo crime, o filme chama atenção para o fato de que muitas outras pessoas estavam interessadas em sua morte. Neste sentido, contribui para revisar o conhecimento histórico existente sobre este episódio, sugerindo que uma pesquisa mais acurada poderia dar origem a um conhecimento mais preciso das forças que levaram ao assassinato.

Como se pressentisse o perigo iminente, Malcolm aparece combalido em sua última noite de vida. No último telefonema para Betty, ele reitera seu amor pela família e procura tranquilizá-la, mas não soa convincente. Numa cena marcante, a câmera gira lentamente 360°

num *close-up* em seu rosto, dando a impressão de mergulhar o espectador na aflição mental vivenciada por Malcolm. Após a noite no hotel, o dia também lhe parece penoso; ele não demonstra ânimo para ir à reunião, mas prossegue para honrar seu compromisso. Enquanto isso, os conspiradores se organizam, preparando as armas, se encaminhando para o local e tomando seus postos nas cadeiras dispostas no salão. Ao chegar ao Audubon, Malcolm preocupa-se com a ausência do reverendo Galamison, o principal orador daquela tarde, e acaba irritando-se com seus ministros. Todos percebem o quanto está nervoso e cansado; questionado por um de seus assessores sobre o que estava se passando, ele responde: “*Chegou a hora dos mártires*”. Spike Lee sugere assim que Malcolm sabia ser aquela a hora crucial, o momento em que teria de abrir mão de sua vida por amor à sua causa. Com isto, a cena ganha um tom ainda mais dramático: para o espectador, acompanhar cada passo de Malcolm rumo à morte torna a tensão quase palpável. Quando seu assistente sugere cancelar o evento, ele recusa, demonstrando estar conformado com seu destino. Assim que sobe à tribuna, é interrompido pela falsa briga entre dois conspiradores, que pretendiam com isso desviar a atenção do público e dos seguranças. A tática surte efeito, pois os seguranças de Malcolm abandonam seus postos; a balbúrdia torna-se ainda maior quando outro conspirador acende uma bomba no salão, causando pânico. Deixado completamente sozinho no palco, Malcolm é alvo fácil para o atirador sentado na segunda fila, que mira diretamente em seu coração. No ápice da resignação característica dos mártires, ele dá um meio sorriso diante de seu algoz, enquanto um *close-up* no rosto de Betty expressa seu desespero. Depois que a confusão cessa, reina o silêncio, abafado apenas pelo choro inconsolável de Betty sobre o corpo sem vida do marido. Depois que a polícia chega ao local, as cenas seguintes, mais uma vez em preto-e-branco, mostram o corpo de Malcolm sendo levado às pressas para um hospital; contudo, qualquer esperança é sepultada quando um médico decreta, diante da imprensa: “*O homem conhecido como Malcolm X faleceu*”.

2.3.6 – Vivo na memória

Dentre as muitas opiniões sobre a morte de Malcolm, Lee escolheu exibir imagens reais de Martin Luther King Jr expondo seu pesar. Após o impacto da cena do brutal assassinato, o espectador é apresentado a uma espécie de mini-documentário, narrado pelo ator Ossie Davis, que relê o discurso por ele mesmo escrito e proferido no enterro de Malcolm em 1965. Nele, uma ênfase é notória: Davis faz questão de afirmar que Malcolm era um ilustre afro-americano, ressaltando a importância de sua herança africana, mas também de seu lugar como cidadão dos Estados Unidos da América. Isto é uma notável mudança em relação ao início do

filme, no qual o discurso proferido ressalta que os negros descendentes de escravos não eram cidadãos plenos da nação norte-americana.

Dezenas de fotos e filmagens se alternam para nos apresentar não só a vida de Malcolm, mas todo o contexto no qual ele estava inserido. Martin Luther King, James Baldwin, Huey P. Newton e Angela Davis também estão presentes. Esta homenagem não busca apenas lembrar o passado: Malcolm é apresentado como o herói vivo na memória dos negros, homenageado com nomes de ruas no Harlem ou em cartazes erguidos em Soweto, na África do Sul. Seu legado torna-se digno de ser celebrado em todo o mundo, esta é a verdade que a última cena afirma. Numa sala de aula do Harlem, uma professora primária explica aos alunos a importância de lembrar a história de Malcolm naquele dia 19 de maio, no qual ele faria aniversário. Reagindo à afirmação da professora, de que *“você são todos Malcolm X”* cada uma das crianças se levanta e diz *“Eu sou Malcolm X”*, até que a sala de aula muda de lugar e crianças sul-africanas dizem a mesma frase. Nesta classe africana, o professor é nada menos que Nelson Mandela, o herói da resistência ao *apartheid*, que proclama: *“Como disse nosso irmão Malcolm X, declaramos o nosso direito na terra de sermos homens, de sermos seres humanos, de nos serem dados os direitos de seres humanos, de sermos respeitados como seres humanos, na sociedade, na terra, no tempo presente, o que tencionamos tornar realidade...”* e a cena é cortada para que o próprio Malcolm X possa arrematar o filme com sua mais famosa frase: *“por quaisquer meios necessários”*.



Defender a relevância do legado de Malcolm para a história da nação norte-americana é o principal objetivo do filme, e nenhum outro momento torna isso mais evidente que seu desfecho. Tecendo uma narrativa emocionante sobre todas as fases da vida de Malcolm,

retratando seus defeitos, mas pondo em realce suas qualidades, Spike Lee expõe com propriedade as razões pelas quais Malcolm jamais deve ser esquecido. O final trágico potencializa a importância de sua luta e a grandiosidade de seu caráter; o filme torna-se mais que mero entretenimento, possuindo o ensejo de inscrever um herói no imaginário de toda uma geração.

Malcolm X permanece, 26 anos depois de seu lançamento, como um monumento à memória deste grande líder afro-americano, acessível a todo aquele que fizer uma busca virtual ou comprar um DVD⁶³. Entender o contexto histórico no qual o filme foi produzido e a sociedade que o recebeu, mas também a estrutura e coerência interna da obra, nos ajuda a compreender as razões pelas quais se tornou um sucesso que extrapolou os limites de Hollywood, tornando-se objeto de estudo acadêmico. Certamente o espectador que hoje se submete à experiência fílmica não é o mesmo: com a velocidade das transformações na tecnologia cinematográfica e na conjuntura global, a “Malcolmania” da década de 1990 parece distante. Contudo, o filme mantém-se capaz de trazer-nos vividamente o sentimento de uma época em que alunos negros precisavam ser escoltados por policiais para entrar em colégios de brancos, e em que atletas perdiam suas medalhas por fazerem gestos que remetiam aos Panteras Negras. O mérito é de Spike Lee, que, perpassando todas as reinvenções de Malcolm, nos apresenta uma obra de qualidade técnica, profundidade dramática, e, por que não? relevância histórica.



⁶³Utilizo nesta pesquisa uma edição especial do filme, veiculada pela Versátil Home Video, que contém dois DVDs. O primeiro contém o filme completo em versão restaurada, além de mais de duas horas de extras, e o segundo traz o documentário *Malcolm X*, de 1972, dirigido por Arnold Perl.

Capítulo 3 – Martin Luther King em *Selma* (2014): o homem por trás do mito?

3.1 – Avanços e retrocessos para os negros nos EUA do século XXI

Após décadas turbulentas no século XX, o século XXI se iniciou nos Estados Unidos trazendo em seu bojo uma nova ofensiva conservadora. Em 20 de janeiro de 2001 chegava a Casa Branca George W. Bush, filho do ex-presidente George Bush e também representante do Partido Republicano. Bush tomava nas mãos o controle de uma nação que desde a queda definitiva da União Soviética, em 1991, se afirmara incontestavelmente como a maior potência mundial, desfrutando de influência sem precedentes. No mesmo ano de sua posse, o país foi alvo de um ataque que chocou a população norte-americana e invadiu todos os veículos de comunicação mundiais: os atentados terroristas realizados pela rede terrorista muçulmana Al-Qaeda contra a sede do Pentágono, no estado da Virgínia, e os edifícios do World Trade Center, em Nova York. No dia 11 de setembro de 2001, a Al-Qaeda lançou aviões comerciais sequestrados contra prédios que representavam o coração do poder político e econômico dos EUA, deixando um saldo de quase 3.000 mortos e outros milhares de feridos⁶⁴.

O atentado de 11 de setembro conduziu a política norte-americana a uma nova etapa, que ficou conhecida como Guerra ao Terror. Este termo é usado para definir o projeto político levado a cabo pelo governo de George W. Bush, que visava combater não só o terrorismo muçulmano, mas qualquer ameaça externa ou interna à segurança dos EUA⁶⁵. A ideia de que os EUA precisavam investir todas as forças e recursos contra o terrorismo levou a defesa de uma guerra preemptiva, ou seja, que previa um ataque ao inimigo antes que este tivesse a possibilidade de atacá-lo. Isto foi posto em prática através da intervenção de tropas norte-americanas no Afeganistão, em 2001, e no Iraque, em 2003. No primeiro caso, o Afeganistão era acusado de favorecer e acobertar os projetos terroristas da Al-Qaeda; no segundo, os EUA alegavam que o presidente Saddam Hussein mantinha em seu país um arsenal de armas químicas que ameaçavam a paz mundial.

⁶⁴ 20 imagens que contam como foi o ataque de 11 de setembro de 2001. Veja, 11/09/2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/20-imagens-que-contam-como-foi-o-ataque-de-11-de-setembro-de-2001/>. Acesso em 28/08/18.

⁶⁵ FERREIRA, Marcos Alan S.V. *Panorama da política de segurança dos Estados Unidos após o 11 de setembro: o espectro neoconservador e a reestruturação organizacional do Estado*. In: *Do 11 de setembro de 2001 à Guerra ao Terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI*. Brasília, Ipea, 2014.

A Guerra ao Terror foi responsável por modernizar as Forças Armadas e elevar enormemente os gastos com o setor de defesa: em 2001, o orçamento incluía 310 bilhões de dólares; em 2008, quando Bush deixou a presidência, contava com 667 bilhões, mais que o dobro⁶⁶. Economicamente, o governo Bush seguiu as tendências neoliberais em voga desde a década de 1980. Enquanto os gastos com a defesa não paravam de crescer, Bush reduziu impostos e diminuiu os juros, mantendo-se fiel às concepções republicanas. A redução dos impostos e juros contribuiu para a expansão dos negócios imobiliários, que em 2008 levou a uma grave crise econômica causada pela especulação imobiliária⁶⁷. A intervenção do governo federal no fim deste ano foi fundamental para impedir o colapso do sistema financeiro.

No plano interno, a Guerra ao Terror levou a um endurecimento das políticas de imigração e à aprovação do *Patriot Act*, que dava aos órgãos de segurança livre acesso a informações particulares e confidenciais de cidadãos norte-americanos, e o direito de efetuar prisões imediatas. Tudo isto contribuiu para um quadro de paranóia geral, em que qualquer contestação ao governo era vista como uma ameaça à segurança do país⁶⁸. Como na guerra às drogas de Ronald Reagan na década de 1980, o rigor da polícia afetou desigualmente a população norte-americana: em 2008, com o fim da era Bush, a população carcerária do país era composta por 38% de afro-americanos, 19% de hispano-americanos e 37% de brancos, embora a população nacional fosse 13% afro-americana, 76% branca e 15% hispano-americana⁶⁹. Estes índices não podem ser explicados apenas pela política de segurança máxima de Bush; devem muito à herança dos governos anteriores, e se perpetuaram no governo seguinte, do democrata Barack Obama.

Barack Hussein Obama construiu sua proposta de governo nas eleições de 2008 buscando rupturas com a administração de Bush: mais recursos seriam investidos em saúde e ciência, a agenda ambiental receberia maiores atenções, e as tropas militares presentes no Iraque seriam retiradas. Sua campanha também ficou marcada pelo grande investimento nas redes sociais, visando alcançar influência principalmente entre os mais jovens. Aos 42 anos, Barack Obama buscava apresentar-se como a alternativa ao conservadorismo republicano, um sopro de

⁶⁶ FERREIRA, Marcos Alan S.V. *Panorama da política de segurança dos Estados Unidos após o 11 de setembro: o espectro neoconservador e a reestruturação organizacional do Estado*. In: *Do 11 de setembro de 2001 à Guerra ao Terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI*. Brasília, Ipea, 2014.

⁶⁷ COELHO, Jaime César. *Trajetórias e interesses: os EUA e as finanças globalizadas num contexto de crise e transição*. Revista de Economia Política v. 31, 2011.

⁶⁸ PACHECO, Cristina Carvalho. *Os "combatentes inimigos e o governo Bush: as relações entre Executivo, Legislativo e Judiciário entre 2001 e 2008*. Mediações, Londrina, v. 16, n.2, p. 72-88, jul/dez 2011.

⁶⁹ *Reducing Racial Disparity in the Criminal Justice System*. The sentencing Project, 2008. Disponível em: <https://www.sentencingproject.org/wp-content/uploads/2016/01/Reducing-Racial-Disparity-in-the-Criminal-Justice-System-A-Manual-for-Practitioners-and-Policymakers.pdf>. Acesso em 08/08/2018.

novidade em meio à instabilidade gerada pela conjuntura política e econômica. Porém, o principal motivo para a tremenda repercussão da vitória de Obama nas eleições de 2008 teve um outro motivo: pela primeira vez um negro chegava à Casa Branca. Veículos de comunicação de todo o mundo espalharam a notícia de que a posição mais importante da nação mais poderosa da terra seria finalmente ocupado por um negro. Num país em que até meados do século XX ainda havia segregação racial formal, e em que a maioria dos cargos públicos permanecia sendo monopólio dos brancos, a eleição de Obama representou um avanço digno de atenção, que parecia acenar para a superação da velha ordem conservadora racista.

Obama teve sucesso na aprovação pelo Congresso de um pacote de estímulo financeiro, fundamental para deter a crise; outra realização importante foi a aprovação da Lei de Proteção e Cuidado ao Paciente, conhecida como Obama Care, que estendeu a proteção do seguro de saúde a milhões de cidadãos norte-americanos⁷⁰. Na prática, porém, foram muitos os desafios para driblar a grave crise econômica e promover mudanças sociais efetivas. No meio de sua administração, Obama teve de lidar com o aumento da participação republicana no Congresso e a influência do *Tea Party*, um movimento de caráter liberal e ultraconservador que surgiu em 2009 e ganhou força a partir de 2010. O grupo, que uniu alguns representantes mais radicais do Partido Republicano a uma ampla parcela da população que nunca havia se envolvido ativamente na política, canalizou seus esforços contra Obama por considerar sua administração excessivamente intervencionista. Um dos setores do movimento, o *Tea Party Express*, chamou a atenção da opinião pública por seu tom fortemente racista e xenofóbico. Declarando que Obama não havia nascido nascido nos EUA – ele nasceu no Havaí, mas tem ascendência queniana – representantes desta ala demonstraram sua opinião sobre os programas sociais de Obama redigindo uma carta satírica endereçada a Lincoln, pretensamente assinada por escravos, na qual afirmavam que os negros viveriam uma vida de privilégios subsidiada pelo trabalho dos brancos⁷¹. Embora esta ala tenha sido expulsa pela direção do *Tea Party*, o acontecimento tornou nítida a resistência de parte do eleitorado branco às propostas de Obama, e a persistência do racismo na sociedade norte-americana.

Em muitos aspectos, o governo de Obama não conseguiu reverter índices desiguais: na cidade de Nova York, no período compreendido entre 2001 e 2013, 36% dos indivíduos com

⁷⁰ PECEQUILO, Cristina Soreano. *Introdução às relações internacionais: temas, atores e visões*. Petrópolis: Vozes, 2004.

⁷¹ BOTELHO, Teresa. *O novo populismo conservador do movimento Tea Party e as intercalares americanas*. Revista Relações Internacionais, Lisboa, p. 105-114, setembro de 2010.

mais de 16 anos eram brancos, 26% hispano-americanos e 25% negros; contudo, o índice de prisões por contravenção era de 48% para negros, 34% para hispano-americanos e 13% para brancos⁷². Casos semelhantes ao do espancamento de Rodney King continuaram acontecendo, como as mortes de Michael Brown e Eric Garner, assassinados por forças policiais no Missouri e em Nova York. Michael Brown era um adolescente de 18 anos que, após ter supostamente assaltado uma loja, mesmo desarmado foi alvejado por seis tiros disparados por Darren Wilson, um policial da cidade de Ferguson; já Eric Garner, um homem de 43 anos, obeso e asmático, morreu após ser imobilizado por policiais que queriam prendê-lo por vender cigarros a varejo em Staten Island⁷³. Estes casos evidenciaram mais uma vez a truculência policial contra os negros e contribuíram para o surgimento do *Black Lives Matter*, em 2014. O movimento, que visa combater as desigualdades raciais no sistema criminal, utiliza a internet como uma poderosa ferramenta de conscientização e mobilização popular⁷⁴, evidenciando que a histórica eleição de um negro para a presidência não significou a solução para todos os problemas da comunidade negra dos EUA.

3.2 – Ava DuVernay: uma mulher negra em Hollywood

Chamar a atenção da sociedade norte-americana para as desigualdades raciais permaneceu sendo também uma responsabilidade partilhada por cineastas e artistas negros em Hollywood. Após a explosão de Spike Lee e a indicação ao Oscar de outro diretor negro, John Singleton, à categoria de Melhor Diretor pelo filme *Os donos da rua*, de 1991, o século XXI trouxe novos diretores negros para a cena. Nomes como Lee Daniels, de *Preciosa – Uma história de esperança* (2009), Steve McQueen, de *12 anos de escravidão* (2013) e Ryan Coogler, de *Fruitvale Station – A última parada* (2013), levaram às telas histórias retratando as dificuldades enfrentadas por homens e mulheres negros em seu cotidiano, desde os tempos da escravidão até os dias atuais. Além da questão racial, outras desigualdades perpassam o mundo do cinema. No século XXI, dirigir um filme ainda é uma função dominada por homens. Em noventa anos de Oscar, cinco mulheres foram indicadas à categoria de Melhor Direção, e apenas uma levou o prêmio: Kathryn Bigelow, em 2008, pelo filme *Guerra ao*

⁷² *Reducing Racial Disparity in the Criminal Justice System*. The sentencing Project, 2008.

⁷³ MACHADO, Renato. Protestos em Ferguson e outros casos de revolta contra a polícia americana. Revista Época, 26 de novembro de 2014. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/11/bprotestos-em-ferguson-e-outros-casos-de-revolta-contra-policia-americana.html>. Acesso em 21/08/2018.

⁷⁴ Black Lives Matter: eliminating racial inequity in the criminal justice system. The sentencing Project, 2015. Disponível em: <https://sentencingproject.org/wp-content/uploads/2015/11/Black-Lives-Matter.pdf>. Acesso em 15/07/2018.

*Terror*⁷⁵. Neste cenário, ainda desfavorável, surgiu Ava DuVernay, que se tornou conhecida internacionalmente com o filme *Selma*, emergindo como uma figura importante na busca por igualdade.

Mulher e negra, esta diretora, roteirista e produtora nasceu em Long Beach, na Califórnia, em 1972, e viveu nos bairros majoritariamente negros de Lynwood e Compton. Iniciou sua carreira profissional na área de publicidade cinematográfica, porém começou a investir no papel de diretora, um antigo sonho, a partir de 2008, quando lançou o documentário *This is the life*, que abordava a história do grupo de hip-hop *The good life*. Em 2010 veio o longa *I Will follow*, financiado com seus próprios recursos. No ano seguinte Ava decidiu se dedicar em tempo integral ao cinema: fechou sua agência de publicidade e mudou-se para um endereço mais modesto na Califórnia, investindo seus recursos num novo filme. O resultado foi *Middle of nowhere*, que lhe rendeu o prêmio de Melhor Diretora no Sundance Film Festival e fez dela a primeira mulher negra a receber este prêmio. Mas foi mesmo com *Selma – Uma luta pela igualdade*, que Ava se destacou no mundo do cinema.

Lançado em 2014, o filme retrata a campanha pelo direito ao voto dos negros nos EUA, ocorrida em 1965 na cidade de Selma, em Montgomery. Liderada pelo pastor batista Martin Luther King Jr., a campanha tinha como objetivo realizar uma marcha de Selma até Montgomery, capital do estado, como forma de protestar contra as restrições ao voto dos negros presentes nas legislações dos estados sulistas. Atraindo a atenção da mídia para as desigualdades e a violência perpetradas contra os negros no Sul, o sucesso da marcha foi fundamental para a aprovação da Lei do Direito ao Voto. Trazendo Martin Luther King como protagonista, o filme narra seus esforços de mobilização dos negros, suas manobras políticas junto a Lyndon Johnson e também aspectos de sua vida particular, como a relação com a esposa, Coretta Scott King, e sua amizade com outros líderes do movimento por direitos civis, como Ralph Abernathy e John Lewis.

O filme teve grande repercussão nacional e internacionalmente, tendo sido indicado ao Oscar em 2015 nas categorias de Melhor Filme e Melhor Canção Original. Na primeira, perdeu para *Birdman*; na segunda, levou a estatueta por *Glory*, canção de Jonh Legend e do rapper Common, que faz parte do elenco. Ava não foi sequer cogitada na categoria Melhor Diretor, tendo sido indicada apenas no Globo de Ouro. A despeito disso, *Selma* alçou a diretora a um novo patamar em sua carreira. No mesmo ano, a companhia de brinquedos Mattel lançou uma Barbie com seu nome, que faz parte de uma coleção que homenageia

⁷⁵O GLOBO, 21 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/greta-gerwig-a-quinta-mulher-indicada-direcao-na-historia-do-oscar-22319119>. Acesso em 17/07/2018.

figuras do cinema, intitulada *Hollywood Dolls*. Em 2016, a diretora lançou o documentário “A 13ª Emenda”, que aborda as desigualdades raciais presentes no sistema prisional norte-americano. Em 2018, foi a vez de *A Wrinkle in Time*, uma superprodução da Disney, que a tornou a primeira mulher negra a dirigir um filme com orçamento de mais 100 milhões de dólares⁷⁶. Em *Selma*, a liderança de Ava permeou cada detalhe de composição. Neste projeto, ela contou com a colaboração de antigos conhecidos, como Spencer Averick, produtor da maioria de seus trabalhos, e do ator David Oyelowo, protagonista de *Middle of nowhere* que em *Selma* interpretou Martin Luther King.

Como já afirmamos anteriormente, o cinema histórico precisa ser julgado de acordo com critérios que levem em consideração suas especificidades, e o desafio do historiador é explorar, sem preconceitos, essas possibilidades de uso das imagens na produção de conhecimento histórico verossímil e passível de ser apreendido pelo público não acadêmico. Por isso, ao analisar as representações do passado presentes em *Selma*, é preciso deixar claro que nosso interesse não está em avaliar se o filme reproduziu de forma absolutamente fidedigna o movimento por direitos civis ou a trajetória pessoal de Martin Luther King, e sim entender de que forma o passado é apropriado e contado pelo presente, adquirindo novos matizes.

Neste sentido, *Selma* inova ao apresentar uma nova visão sobre Martin Luther King, diferente daquela presente na memória oficial. Apesar da relevância histórica do movimento por direitos civis, e do reconhecimento do legado deixado por King, nenhuma cinebiografia sobre ele havia sido feita até então. Em entrevista à revista britânica *The gentlwoman*, Ava DuVernay revelou que o roteiro original era do britânico Paul Webb. Após vários diretores recusarem o projeto, Ava decidiu assumi-lo, consciente da responsabilidade de abordar uma figura histórica tão importante. Para conseguir lançar o filme no Natal – visando arrecadar uma maior bilheteria com as festas de fim de ano – seria preciso filmá-lo em apenas 32 dias. E ao contrário de seus projetos anteriores, com poucos atores e sem grandes custos de produção, *Selma* demandava meticulosidade nas locações, cenários e figurinos para retratar os anos 1960, e efeitos especiais para as cenas de violência. Além disso, os direitos autorais sobre os discursos e cartas de Martin Luther King pertencem à Warner Bros e à DreamWorks, empresas que à época visavam a concretização de um filme biográfico dirigido por Steven Spielberg. Por isso, ela poderia abordar todos os acontecimentos ocorridos em Selma, mas

⁷⁶ *The film director who tells epic tales through intimate stories*. *The gentlwomen*, nº 11, Spring & Summer 2015. Disponível em: <https://thegentlwoman.co.uk/library/ava-duvernay>. Acesso 18/07/2018.

sem utilizar os famosos textos que tornaram Luther King tão ilustre. Todos estes problemas não a fizeram desistir do projeto, e a tarefa de reescrever os discursos de King acabou se tornando uma oportunidade de lançar um novo olhar sobre ele⁷⁷.

Desvincilhando-se da rigidez do discurso oficial que sempre o colocou como mais um grande líder pacifista, Ava construiu uma nova narrativa, que privilegiou os aspectos mais humanos de Martin. O filme não se furta às polêmicas, expondo episódios menos honrosos de sua trajetória, como a infidelidade conjugal e os momentos de profundo desânimo com os rumos do movimento. Embora o protagonismo de Martin Luther King seja evidente em toda a narrativa, a escolha de Ava DuVernay de trazer no título o nome da cidade de Selma revela um aspecto muito importante para ela: o desejo de contar a história de pessoas que exerceram papel fundamental na conquista dos direitos civis, mas que não receberam sobre si os holofotes. Por isso, o filme traz diversos coadjuvantes que contribuem significativamente para a história.

Durante o processo de edição do filme irromperam na mídia as notícias sobre as mortes de Michael Brown e Eric Garner. Posicionando-se como artista e como ativista, Ava comparou estes acontecimentos com os fatos ocorridos em Selma, chamando a atenção para o fato de que os avanços obtidos pelo movimento por direitos civis não significaram a solução para todos os problemas da comunidade negra dos EUA. No filme, Ava questiona as narrativas históricas que tendiam a conferir grande importância às iniciativas de Lyndon Johnson em detrimento da ação de milhares de negros que se manifestaram em busca de seus direitos.

3.3 – Martin Luther King entre a fraqueza e a glória

3.3.1 - Abertura

Antes que qualquer imagem apareça, a voz de David Oyelowo como Martin Luther King inicia um discurso: “Eu aceito essa honra, em nome daqueles que perdemos, cujas mortes marcam nosso caminho”. O fundo negro é então substituído por um *closeup* no rosto de King, que continua: “E pelos 20 milhões de negros e negras motivados pela dignidade e que desprezam o desespero”.

⁷⁷ Ibidem.



Desta forma somos apresentados à presença mais importante do filme, e situados na ocasião em que King se prepara para ganhar o prêmio Nobel da Paz, em Oslo, na Noruega, em 1964. A sós com a esposa, ele expõe seu receio de aparentar esbanjar dinheiro enquanto seus irmãos sofrem com a segregação racial no sul dos Estados Unidos. Tranquilizado por Coretta, ele aceita discursar para uma plateia internacional no Nobel, e a câmera nos conduz a outra cena, em que quatro meninas negras conversam animadamente enquanto descem as escadas de uma igreja, até que o barulho de uma bomba estremece o ambiente. O estrondo, que impacta o espectador, é acompanhado da imagem dos destroços voando próximos à tela. A cena retrata um evento real: a explosão de uma bomba na igreja Batista da Rua 16 em Birmingham, Alabama, que vitimou quatro jovens meninas. Ocorrido em 15 de setembro de 1963, o atentado atribuído à Ku Klux Klan chocou o país ao expor o racismo extremado dos supremacistas brancos do Sul.

Parece haver então um problema factual: como unir a premiação de Luther King em 1964 ao atentado ocorrido um ano antes? Observamos aqui um deslocamento de datas, que para muitos pode significar uma adulteração da História, mas que no filme cumpre a função de introduzir o espectador à atmosfera de tensão que permeia todo o filme, no qual a alegria das vitórias conquistadas pelo movimento por direitos civis mistura-se ao sabor amargo da injustiça e da violência. Como defendido por Robert Rosenstone:

“Sem a enorme quantidade de invenções, condensações e compressões realizadas até nas tentativas cinematográficas mais ‘precisas’, o filme histórico não seria dramático, mas teria uma forma solta, difusa e muito menos capaz de tornar o passado interessante, compreensível e significativo [...] Esses recursos incluem

compressão ou condensação, o processo por meio do qual vários personagens ou momentos históricos são concentrados num só. Deslocamentos, ou a mudança de um acontecimento de um período para outro. Alterações, ou o processo no qual os personagens realizam ações ou expressam sentimentos que talvez fossem de uma figura histórica diferente ou de ninguém⁷⁸.

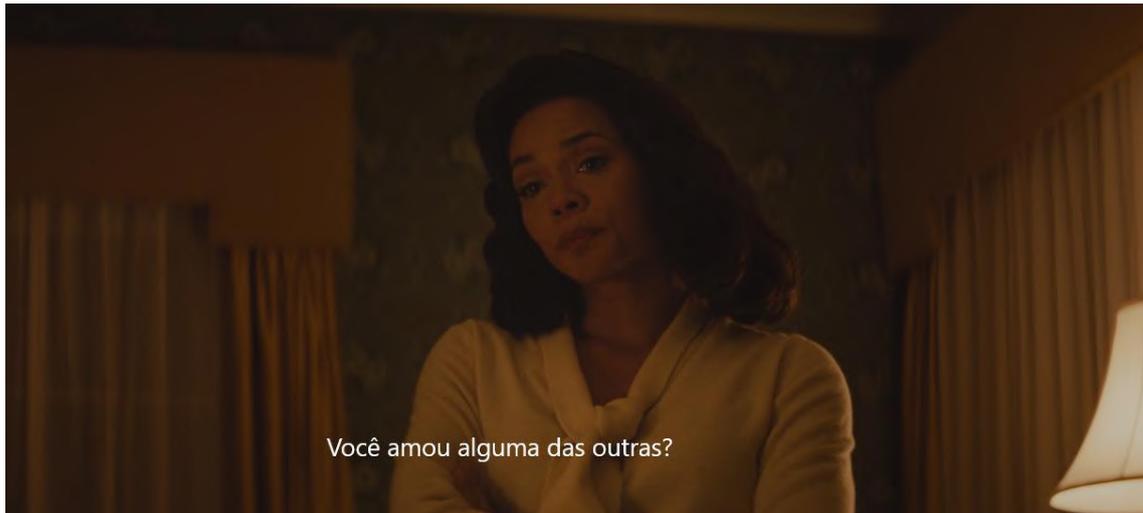
A sequência seguinte nos apresenta Annie Lee Cooper – ativista dos direitos civis interpretada por Oprah Winfrey – tentando se alistar num cartório da cidade de Selma para votar. Tratada com rispidez pelo funcionário do governo, Annie é obrigada a recitar o prefácio da Constituição dos Estados Unidos, tarefa que cumpre com seriedade. Não satisfeito, o funcionário lhe pergunta os nomes dos 67 juízes regionais do estado do Alabama; sem ser capaz de responder à pergunta, ela observa desolada sua ficha eleitoral receber o carimbo de “negado”. Esta cena, embora ficcional, resume a realidade enfrentada pelos negros na década de 1960 nos EUA: embora tivessem direito ao voto desde a 15ª Emenda à Constituição, assinada em 1870, eles experimentavam diversas formas de oposição por parte do governo e dos cidadãos nos estados sulistas. Testes de literacia, taxas altíssimas e intimidações eram alguns dos recursos usados para impedir o registro eleitoral dos negros. Toda a potencialidade dramática do cinema é mobilizada para impactar o espectador: a atuação de Oprah, que imprime uma força e dignidade impressionantes à sua personagem mesmo em momentos de prolongado silêncio na cena, aproxima o espectador da sensação de injustiça vivenciada.

3.3.2 – O lado mais humano de Martin Luther King

O uso dos silêncios, aliás, é utilizado ao longo de todo o filme, e parece conferir maior profundidade dramática às cenas. Apesar de possuir uma trilha sonora muito bem construída, assinada por Jason Moran, pianista de jazz, o filme de Ava DuVernay privilegia em diversos momentos a crueza do silêncio, dando tempo para que suas personagens pensem enquanto o espectador espera o desenrolar da trama. Numa cena marcante, Martin Luther King está sentado na sala de sua casa, a sós com Coretta, que atende ao telefone e ouve mais uma das dezenas de ameaças dirigidas contra eles por parte de agentes ligados ao mais poderoso desafeto de King, John Edgar Hoover, diretor do FBI. Junto com as ameaças, o casal ouve a gravação de vozes gemendo durante um ato sexual. O desconforto quase palpável é quebrado por Coretta, que, ponderando sobre as dificuldades enfrentadas pelos dois ao longo da trajetória juntos, questiona: “Você me ama?”, ao que King responde “Sim.” A pergunta

⁷⁸ ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.p 64.

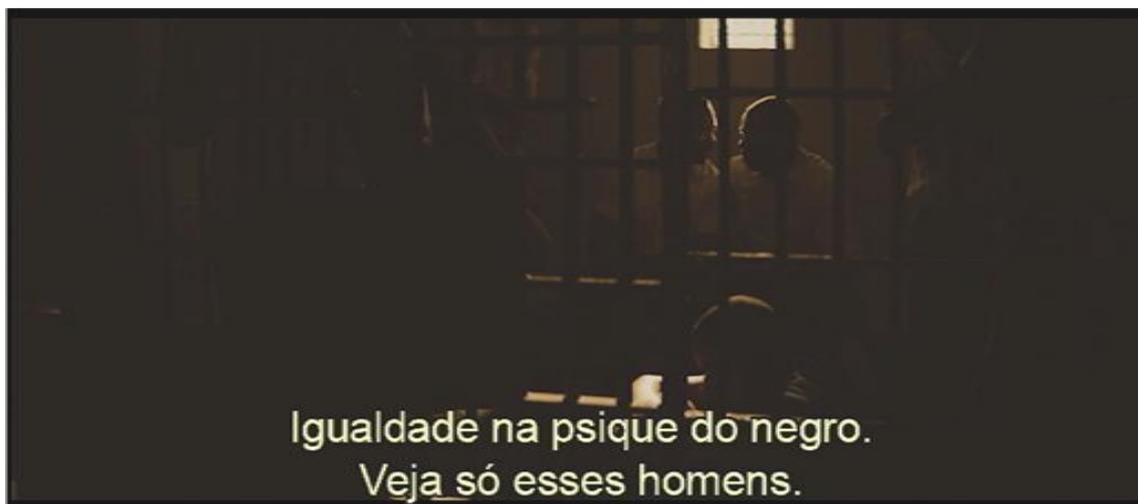
seguinte, “Você amou alguma das outras?” não recebe uma resposta imediata; transcorrem alguns segundos de absoluto silêncio até que King responde, não sem certa hesitação, “Não”. As infidelidades conjugais de Martin, que não são encontradas em seus relatos autobiográficos e não costumam ser expostas na memória oficial, chocam-se contra a aura de inviolabilidade que comumente o recobre.



Não deveríamos, contudo, considerar esta a principal faceta da relação entre Martin e Coretta. Enquanto Martin percorria o país liderando marchas e protestos, Coretta na maioria das vezes permanecia na residência do casal, em Atlanta, cuidando de seus quatro filhos. Em muitas ocasiões, contudo, como a premiação do Nobel e o fim da marcha em Selma, ela pôde compartilhar as conquistas do marido. Por vezes precisou desempenhar papel mais ativo nos rumos do movimento, como quando encontrou-se com Malcolm X durante a visita deste a Selma, representando Martin, que se encontrava preso na cadeia da cidade. Cuidando da família ou visitando-o nas prisões, recebendo prêmios ou chorando com as injustiças sofridas pelos manifestantes, sua presença no filme é fundamental. Além de Coretta, Selma retrata outras personagens femininas que participaram da campanha de Selma, como a já citada Annie Lee Cooper, e as ativistas Amelia Boynton e Diane Nash. Mais que uma esposa, Coretta é mostrada como a companheira inabalável de Martin em todos os momentos de sua vida. Falecida em 2006, aos 89 anos, Coretta Scott King não pôde testemunhar esta homenagem.

Deixando de lado uma visão excessivamente reverente, o filme apresenta outros momentos nos quais King comporta-se como um ser humano comum, passível de erros e sujeito a sentimentos como medo e desânimo. Na escuridão da cela de uma prisão em Selma, após ser

preso devido às manifestações feitas na cidade, ele desabafa com seu melhor amigo, Ralph Abernathy: “Estou cansado de tudo isso. [...] Olhe para eles. Maltratados e humilhados por gerações. É pecado pedir mais? O que acontece quando um homem chega a seus limites?”. A cena nos apresenta dezenas de homens e mulheres na penumbra, presos após serem agredidos pelo xerife da cidade, Jim Clark, e por suas tropas. Os tons escuros não estão presentes apenas nesta sequência, mas permeiam todo o filme, que não apresenta muitas cores fortes em sua composição. Predominam branco, azul, preto, marrom, compondo um quadro harmonioso, mas algo triste, adequado para a narrativa sem excessos a que Ava DuVernay se propõe.



Em meio à desolação, Ralph responde: “Iremos aos poucos. Construiremos nosso caminho da forma que pudermos. De pedra em pedra”. King questiona o amigo, e a si próprio, sobre a efetividade de seus métodos, que mesmo extinguindo a segregação formal não se mostravam capazes de romper outras barreiras, como a desigualdade econômica e o sentimento de inferioridade. Aqui, King demonstra uma visão mais profunda dos problemas que assolavam a comunidade negra, enfatizando a necessidade de iniciativas que concedessem oportunidades iguais para os negros. Em sua trajetória, é possível observar com o passar dos anos uma preocupação crescente com a superação da pobreza como arma contra a desigualdade. Quando faleceu, em abril de 1968, King estava na cidade de Memphis apoiando uma greve de garis, que lutavam contra as terríveis condições de trabalho.

Em Selma, é Ralph que o resgata de seu pessimismo. Trazendo à memória de King um famoso texto bíblico em que Jesus assegura seus discípulos de que Deus sempre sustentaria seus filhos, e que estes não deveriam se preocupar com o futuro, Ralph evoca a fé que tantas vezes os fizera prosseguir apesar das dificuldades. Em meio ao ambiente de pesada tristeza,

Martin diz: “Esta cela deve estar grampeada”, ao que Ralph responde: “Provavelmente”. Acostumados a serem constantemente vigiados, os dois substituem as lágrimas pelas risadas. O monitoramento da vida de Luther King era algo com que ele tinha de lidar: no filme, cada nova sequência é acompanhada por uma legenda que, imitando a escritura de um memorando oficial do governo, diz quando, onde e com quem King está. A cuidadosa vigilância sobre sua vida era movida principalmente por Edgar Hoover, que através de uma extensa rede de monitoramento obtinha informações privilegiadas de King, e não hesitava em usá-las para tentar destruir a imagem do líder máximo do movimento por direitos civis. Quando Johnson o inquire sobre o conteúdo das informações coletadas sobre King, Hoover diz que o ativista é uma “besta imoral” e que seria fácil arruiná-lo divulgando sua conduta sexual. Johnson diz que prefere manter tudo em sigilo a ter outros líderes, mais radicais, à frente do movimento; mais tarde, contudo, decide lançar mão deste trunfo, atingindo diretamente a família de King.

3.3.3 – Martin X Malcolm

Devido à prisão, é Coretta a responsável por lidar com o problema de ter na mesma cidade a presença de Malcolm X. Num filme que retrata o movimento por direitos civis, o nome de Malcolm assoma como incontornável, especialmente porque ele de fato esteve em Selma, discursando para uma audiência em 4 de fevereiro de 1965. Visto por muitos como a alternativa radical à Martin Luther King, sua presença no filme a princípio parece ser tão impactante quanto o foi na vida real. O governador George Wallace questiona seus funcionários “como permitiram este negro chegar aqui no meu estado bem debaixo do meu nariz”, enquanto os correligionários de King receiam que a presença de Malcolm acirre os ânimos num contexto já complicado. Apreensiva por se ver frente a frente com um dos maiores críticos de seu marido, e receando a influência negativa do discurso de Malcolm nos cidadãos de Selma, Coretta é dura: “Você disse coisas desrespeitosas sobre meu marido no passado, Ministro. Por isso deve entender porque há desconfiança”. Ao que ele responde: “Eu entendo isso. Seu marido e eu não concordamos em como conseguir progresso para os negros. E sim, fui exagerado nas críticas à não-violência. Mas nossa discordância não implica que eu sou o inimigo. [...] Digo que meus olhos vêem de um jeito diferente. Mas o xerife daqui não sabe disso. Então permita-me ser uma alternativa ao seu marido. Uma alternativa tão assustadora que busquem refúgio no Dr. King. Deixe-me representar as facções que virão se não derem o que o reverendo está pedindo, e rápido”. Coretta surpreende-se com o conteúdo do encontro: esperando encontrar um Malcolm tão combativo quanto de costume, ela se

depara com um líder em busca de conciliação, que demonstra respeito por King e pretende até mesmo ajudar suas pretensões. Suas palavras à Sra. King são radicalmente diferentes das comumente associadas a ele.



Em sua breve aparição no filme, o Malcolm construído por Ava DuVernay ocupa o lugar de um coadjuvante sem muito brilho. Isto pode dever-se tanto à brevidade da participação de Malcolm nos acontecimentos ocorridos em Selma, quanto a uma opção deliberada de não dar a ele papel de destaque numa narrativa protagonizada por Martin Luther King. É grande o contraste com o Malcolm criado por Spike Lee: em *Selma*, Malcolm mostra-se muito mais contido e menos combativo, e parece quase submisso; enquanto aquele defendido por Denzel Washington possui uma personalidade indômita e arrebatadora, mesmo quando aproxima-se do fim trágico. Como já abordado no capítulo anterior, seu rompimento com a Nação do Islã e sua viagem à Meca contribuíram para uma nova fase em sua vida, na qual a colaboração com outras lideranças do movimento por direitos civis era almejada. Porém, Malcolm manteve sua autonomia em relação a quaisquer vertentes do movimento, não tendo se tornado um líder de direitos civis convencional.

A reação de King à aproximação de Malcolm é indócil: lembrando as críticas ferinas do passado, ele rejeita qualquer ajuda, afirmando que fora verdadeiramente seu movimento – e não os discursos incendiários de Malcolm – que haviam conquistado avanços reais para o povo negro. Coretta o adverte de que ele parecia muito rancoroso, ao passo que ele a acusa de estar apaixonada pela oratória de Malcolm – ou por sua presença. Na Autobiografia, Martin Luther King descreve o encontro em termos muito mais brandos:

“Durante sua visita a Selma, ele conversou longamente com minha mulher, Coretta, sobre suas lutas pessoais e expressou interesse em trabalhar mais próximo ao movimento não-violento, mas ainda não era capaz de renunciar à violência e superar a amargura que a vida havia projetado sobre ele. Houve também indicações de um interesse pela política como forma de enfrentar os problemas do negro. Tudo isso eram sinais de um homem dedicado e zeloso em busca de um programa pelo qual pudesse canalizar os seus talentos”⁷⁹.

3.3.4 – King como estrategista

A ênfase na vida particular de King e em seus momentos de fraqueza não significa que o filme o retrate como um líder movido unicamente por suas emoções. Ao longo de toda a campanha de Selma, sua frieza de raciocínio e suas estratégias são fundamentais para o sucesso do movimento. Os embates entre King e Lyndon Johnson, que ocupam uma parte central do filme, expõem de forma evidente a inteligência de King e sua determinação férrea. Desde o início, a relação entre estes dois grandes homens é repleta de tensão. A princípio Lyndon Johnson busca tê-lo como aliado; porém, quando surge a cobrança por uma legislação que extermine as limitações ao voto dos negros, um acordo se torna cada vez mais difícil. Johnson, argumentando que a prioridade do governo naquele momento era erradicar a pobreza, recusa a aprovação de mais uma lei contra a segregação. Sem desistir, King argumenta ser impossível ter igualdade real enquanto os negros não pudessem contribuir através do voto para desmontar as estruturas políticas racistas.



⁷⁹ CARSON, Clayborne (org). A autobiografia de Martin Luther King. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p.318.

Por um lado elogiando King por seus méritos, por outro esquivando-se de um compromisso mais estreito com a causa negra, Lyndon Johnson é construído no filme como uma figura extremamente dúbia: embora tenha efetivamente feito avanços nas leis do país, foi extremamente relutante durante todo o processo. Ava DuVernay chegou a ser severamente criticada por um assessor de Lyndon Johnson, Joseph Califano Jr., que a acusou de colocar Johnson sob um prisma excessivamente negativo. Califano afirmou que a oposição de Johnson à marcha e a relutância à aprovação da Lei de Direito ao Voto foram inventados, e que o presidente foi o verdadeiro idealizador da legislação que garantiu aos negros igualdade no direito ao voto. Segundo ele, os dois líderes foram parceiros durante todo o processo, e Johnson não poupou esforços para garantir que o projeto de lei passasse no Congresso. Para comprovar suas afirmações, Califano disse que as fitas dos diálogos entre os dois, assim como os relatórios de Johnson feitos por seus assessores, estão disponíveis na biblioteca Presidencial LBJ (Lyndon Baines Johnson), e poderiam ter sido consultados pela equipe de produção⁸⁰. Em sua defesa, Ava apenas afirmou que “todo cineasta faz um filme com um ponto de vista. O roteiro original era essa coisa de Lyndon Johnson e King, mas muito mais tendencioso a Johnson. Não estava interessada em fazer um filme com um ‘salvador’ branco. Eu estava interessada em fazer um filme centrado nas pessoas de Selma”⁸¹.

Polêmicas à parte, o que nos interessa neste ponto é a construção do perfil de Martin Luther King como líder político. Em outra situação, fica mais uma vez evidente sua capacidade de negociação e mobilização, quando os líderes do núcleo do SNCC – Student Nonviolent Coordination Committee (Comitê de Coordenação Não-Violenta Estudantil), que trabalhavam com a conscientização e o registro eleitoral dos negros na cidade, reprovam sua chegada a Selma, considerando que o trabalho de base feito pelo comitê durante os anos anteriores seria eclipsado por ele. Numa cena, os aliados de King discutem com dois jovens líderes do SNCC, James e John. James é o primeiro a criticar a presença de King na cidade, argumentando que suas estratégias mobilizavam as pessoas por um período muito curto de tempo e não traziam mudanças reais. Ele argumenta que após as campanhas, as comunidades negras de cidades como Birmingham e Albany se viam “órfãs”, tendo que continuar com suas

⁸⁰ JR, Joseph A. Califano. *The movie ‘Selma’ has a glaring flaw*. The Washington Post, 26 de dezembro de 2014. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/opinions/the-movie-selma-has-a-glaring-historical-inaccuracy/2014/12/26/70ad3ea2-8aa4-11e4a08534e9b9f09a58_story.html?noredirect=on&utm_term=.c19ea5b5652e. Acesso em 06/08/2018.

⁸¹ EDWARDS, Gavin. Conheça a história da diretora de Selma. Revista Rolling Stone, 21 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/conheca-historia-da-diretora-de-iselma-uma-luta-pela-igualdadei-indicado-ao-oscar-de-melhor-filme/#imagem0>. Acesso em 17/07/2018.

rotinas em meio à segregação. Já John, o mesmo John Lewis que mais tarde se tornaria aliado fiel de King, reconhece a importância de trazer notoriedade para a luta em Selma.

Em meio à confusão, King chega e, com voz de comando, ordena: “Chega. Parem com isso. Não tenho tempo para isso, nenhum de nós têm. [...] Creio que todos aqui entendem que vocês, jovens, acreditam que o trabalho em comunidade é uma forma de criar uma conscientização negra. É um trabalho magnífico. Não consigo dizer o quanto admiramos isso. Mas o que fazemos é negociar, protestar e resistir. E uma grande parte disso é conscientizar os brancos. Em particular o homem branco que ocupar o Salão Oval. Agora, Johnson tem outros problemas para resolver, e vai nos ignorar se puder. A única maneira de evitar que ele faça isso é estando nos jornais todas as manhãs e nos noticiários da TV todas as noites. E isso requer drama”. Enquanto King expõe suas estratégias, a câmera se detém em cada um de seus aliados, que exprimem tensão, e nos dois líderes dos estudantes: James mostra-se contrafeito, enquanto John parece esperançoso.

Reconhecendo seus erros nas campanhas de Birmingham e Albany, King expõe seus motivos para acreditar na vitória em Selma. Em primeiro lugar, a escolha da cidade havia sido premeditada: cerca de metade da população era negra, porém menos de 2% dos eleitores eram negros. O trabalho de conscientização e registro eleitoral já vinha sendo feito, e a população mostrava-se esperançosa quanto à organização de um movimento de grandes proporções. Mesmo os inimigos poderiam colaborar: a defesa extremada de George Wallace, governador do Alabama, da supremacia branca, e a truculência de Jim Clark, xerife da cidade, certamente levariam a uma resistência violenta, que atrairia a atenção dos meios de comunicação de todo o país. O discurso de King cumpre duas funções: explica de modo didático ao espectador a estratégia concebida pela SCLC – Southern Christian Leadership (Conferência da Liderança Cristã do Sul) - e praticada ao longo dos anos de ação do movimento por direitos civis, e nos convence da capacidade de conciliação e poder de persuasão de King, fundamentais para conseguir unir os diferentes grupos em prol de interesses comuns. Após o desenrolar dos argumentos de King, os líderes do SNCC reconhecem a importância da marcha para elevar a luta em Selma a um novo patamar. Assim, King “vence” a batalha. Mais tarde, entretanto, James retira qualquer apoio do SNCC à marcha, enquanto John se desliga do comitê.

3.3.5 – A crueza da segregação

Enquanto King está em Atlanta, num breve período de repouso com sua família, a estratégia de protesto e resistência é articulada por seus correligionários. A primeira tentativa

da marcha de Selma a Montgomery é impedida por Jim Clark. A sequência se inicia com a narração de um jornalista do New York Times, que descreve a saída dos manifestantes da cidade em direção à ponte Edmund Pettus, sobre o rio Alabama. Munidos apenas de víveres para a caminhada e de uma confiança inabalável, eles avançam organizadamente, enquanto alguns moradores da cidade os observam. A trilha sonora, de melodia dramática, ajuda a compor um cenário monumental. Tensos, os manifestantes observam as tropas enfileiradas do outro lado da ponte. Atrás dos policiais, estão bandeiras confederadas, hasteadas por civis brancos. Junto destes, há ainda os jornalistas, ansiosos por capturar as imagens do embate. Os policiais ordenam a retirada imediata dos manifestantes, e rejeitam a tentativa de negociação feita por Hosea Williams, outro grande líder do movimento, encarregado de liderar a marcha. A um sinal do xerife, policiais e jornalistas vestem máscaras de oxigênio, e um tiro dado para o alto anuncia o início da repressão. A partir daí, testemunha-se o horror: os manifestantes correm desesperados tentando escapar dos policiais, que, a pé ou a cavalo, golpeiam furiosamente homens e mulheres indefesos. Enquanto o jornalista narra as ações da polícia, os cidadãos brancos de Selma à beira da ponte comemoram, e somos conduzidos às casas de Martin Luther King e seus apoiadores, que assistem consternados às cenas. Além deles, a transmissão televisiva alcança milhões de pessoas ao redor do país, que observam horrorizadas as imagens do massacre. Entre os espectadores, estão também George Wallace e Lyndon Johnson. Ambos parecem contrafeitos; o primeiro, por saber que a ação exigiria dele explicações; o segundo, por saber que os acontecimentos exigiriam dele uma ação.



Esta sequência pode ser considerada por vários motivos a mais marcante do filme. Em primeiro lugar, seu apelo é emocional. Ava DuVernay compõe um quadro impactante: usando a narração de um jornalista como fio condutor, alterna momentos de trilha sonora retumbante

com outros em que só é possível os gritos de dor dos manifestantes. Imagens em câmera lenta realçam a crueza da violência, enquanto a névoa das bombas de gás lacrimogênio turva a tela e transmite a sensação de caos reinante.

Além disso, observamos como se efetivava a estratégia central do movimento por direitos civis: colocando seus próprios corpos como instrumento de resistência, os manifestantes se posicionavam contra as estruturas de poder segregacionistas. Desarmados, eram presa fácil da violência policial, desencadeando uma furiosa reação que atraía a atenção de todo o país; desta forma, expunham aos olhos de todos o ódio racial presente no Sul. Plano suicida? Para King, significava nada mais que trazer à plena luz o que já acontecia há décadas na obscuridade: os espancamentos de negros, as violações aos direitos civis, o preconceito virulento não só das forças policiais, mas também de boa parte da população. Para que fosse possível denunciar este câncer na sociedade, a imprensa exercia papel fundamental. Através dela, a injustiça deixava de ser apenas um problema do Sul para se tornar uma questão moral para todo o país. Como King afirma num trecho do filme já citado: “[...] o que fazemos é negociar, protestar e resistir. E uma grande parte disso é conscientizar os brancos”. As pessoas, especialmente do Norte, passaram a ter contato direto com a situação dos negros no país a partir da cobertura feita pela imprensa. A televisão, popularizada nos EUA a partir da década de 1950, tornava-se assim uma aliada poderosa do movimento.

É também através da televisão que Martin Luther King transmite seu apelo à consciência branca liberal. Após o massacre, ele convoca homens e mulheres de boa vontade de todo o país para se juntarem aos esforços dos habitantes de Selma. O resultado é a chegada de centenas de pessoas de todo o país, ávidas por colaborar com a causa da justiça e da igualdade. A segunda tentativa de fazer a marcha também acaba falhando, desta vez não pela resistência policial. Quando as tropas decidem abrir o caminho para o outro lado da ponte Edmund Pettus, Luther King duvida das intenções deles e prefere voltar para Selma. A decisão confunde e frustra até mesmo seus apoiadores, que não entendem a razão de um recuo; nem o próprio King parece ter certeza das razões que o levaram a isso. A sensação de derrota torna-se ainda mais amarga devido a outro triste episódio: a morte de James Reeb, clérigo de Boston assassinado por brancos racistas ao ir para Selma apoiar os protestos.

Questionado e acuado, King tem mais uma tensa conversa por telefone com Lyndon Johnson. Nela, o presidente mostra-se intransigente, reclamando que toda a exposição gerada em Selma somente prejudicava seu governo e o deixava sem alternativas. Sem arrefecer suas convicções, King investe todas as suas forças para levar Johnson à ação: “Não ficaremos

sentados enquanto você espera um ou dois anos para fazer passar essa lei adiante. Isso deveria estar claro. Continuaremos a nos manifestar até que o senhor decida agir. E se nosso presidente não protege nossos direitos, levaremos essa batalha aos tribunais”. E apela para a consciência do presidente: “Eu sou um pastor de Atlanta. O senhor é o presidente da nação mais poderosa do mundo pela maior margem da história há quatro meses. E você é um homem destruindo seu próprio legado a cada dia que passa. Ninguém vai se lembrar da lei dos direitos civis, mas vão se lembrar da manifestação de Selma, quando você sequer pisou nesse estado. Lembrarão de você dizendo: ‘Espere, não posso’, a menos que você aja, senhor”. Aqui, é possível percebermos um elemento comum em filmes históricos: os diálogos que, prevendo o desenlace do enredo, são construídos para serem monumentais e apontarem para o futuro. Após o fim da conversa, Johnson mostra-se pensativo, enquanto o próprio King não parece muito esperançoso.

3.3.6 – O triunfo final

Sentindo que a campanha de Selma estava prestes a terminar sem nenhum ganho, King é amparado por John Lewis, que relembra a importância do legado construído até ali. Num discurso emocionante, Lewis recorda as dificuldades enfrentadas pelo caminho, mas diz a King que milhares de jovens, inclusive ele próprio, encontraram alento em suas palavras. Esta cena marca um ponto de virada: a partir de então a situação, que parecia insolúvel, ganha novos contornos com a permissão concedida pelo Judiciário do estado do Alabama para a realização da marcha de Selma a Montgomery. John Lewis representa assim uma nova geração de ativistas, que, inspirada pela figura de Luther King, comprometeu-se com a causa dos direitos civis e fez avançar o movimento. No filme, em todos os momentos de tristeza e decepção, a presença de seus amigos e admiradores é fundamental para fazê-lo voltar a acreditar na vitória. Além da grandeza de sua personalidade, se sobressaem o trabalho em equipe e a força de pessoas que decidem se unir por um ideal comum.

Outra conversa conduz também a esta virada na trama: quando Lyndon Johnson encontra-se pessoalmente com George Wallace para tratar dos acontecimentos de Selma, Wallace diz com ar cínico que o dever do governo federal era garantir a ordem no estado, que vinha sendo perturbada por descontentes. Johnson questiona o desumano tratamento concedido aos negros no Alabama, e aponta que era Wallace quem deveria agir para resolver o problema. Ansioso por uma solução rápida e sem tumultos, Johnson propõe: “Bem, vamos até lá, nós dois, anunciar que você decidiu deixar os negros votarem sem intimidação. Todo esse tumulto

passará”. Diante da recusa de Wallace, Johnson diz: “Não devíamos nem pensar em 1965. Devíamos pensar em 1985. Nós dois estaremos mortos até lá. Em 1985, o que quer ver ao olhar para trás? Quer que se lembrem que disse: ‘Espere’, ‘Não posso’ ou ‘É muito difícil?’”, ao que o governador responde: “Não me importo com o que pensam. Não devia se importar também”. Após alguns instantes de silêncio, Johnson encerra: “Raios me partam se eu deixar a história me colocar no mesmo lugar que tipos como você”.

Aqui, observamos mais uma vez um discurso que evidencia a visão *a posteriori* da História; apela-se mais uma vez para a memória que seria deixada pelos acontecimentos que ali se desenrolavam. Na cena seguinte, a câmera foca numa bandeira norte-americana hasteada, e vai se afastando progressivamente até enquadrar Lyndon Johnson numa tribuna. Em um discurso televisionado, ele fala sobre a necessidade de resolver não um problema dos negros ou do Sul, mas um problema americano, que demandava uma solução em consonância com os valores morais da América. Atendendo ao clamor da justiça, ele anuncia o encaminhamento para o Congresso de uma lei para eliminar todas as restrições ilegais ao voto. Marca-se assim uma espécie de “redenção” para o presidente: embora relutante, no fim Johnson não é encaixado no mesmo rasteiro patamar de homens como George Wallace. Apropriando-se do verso principal de uma canção que tornou-se símbolo do movimento, ele decreta: “We shall overcome”.

Enquanto isso ocorre, somos conduzidos aos homens e mulheres de Selma, que de suas casas assistem emocionados esta conquista. A trilha ao fundo também traduz o sentimento de vitória experimentado quando Coretta pousa sua mão com ternura sobre a mão de Martin Luther King, que apenas sorri timidamente com os olhos marejados. Com a tão sonhada lei tornando-se realidade, a marcha de Selma a Montgomery torna-se uma ocasião festiva. Apenas as ameaças que pairavam intermitentemente sobre a cabeça de King seriam capazes de comprometer a alegria do momento. Alertado por agentes federais sobre a possibilidade de um ataque durante a marcha, ele apenas diz que não pode esconder-se do perigo. Mais uma vez, vemos aqui o perfil de um herói, que avança mesmo em meio às dificuldades, resguardado pela certeza de que a causa pela qual lutava era mais importante que sua longevidade. Sacudindo de si os temores, ele se junta à massa de cidadãos que saem de Selma para celebrar a vitória. Alternam-se então imagens ficcionais com imagens reais da marcha de Selma para Montgomery, em que uma verdadeira multidão reuniu-se em frente à sede do governo estadual do Alabama para declarar que finalmente os negros exerceriam seu direito de votar.



À frente, Martin Luther King encerra o filme exprimindo mais uma de suas mensagens de força e fé: “Nós ouvimos dizerem que nunca chegaríamos aqui. Ouvimos dizerem que iam nos parar, mesmo que fosse a última coisa que fizessem. Ouvimos dizerem que não merecíamos estar aqui. Mas hoje estamos aqui como americanos. Estamos aqui e não vamos deixar que ninguém nos expulse. Essa marcha será lembrada como uma das maiores demonstrações de progresso e protesto e acaba aqui, na capital do Alabama, um local vital. Não lutamos apenas pelo direito de sentarmos onde quisermos. E estudarmos onde quisermos. Não marchamos só para votar como quisermos. Mas, com o nosso comprometimento, damos vida, a cada dia, a uma nova energia que é mais forte do que o nosso mais forte oponente. [...] Não seremos parados. Marchamos pelos nossos direitos. Marcharemos para sermos tratados como cidadãos. Marcharemos até a escuridão dar lugar ao que é certo. Nenhum homem, nenhum mito ou mentira vão parar este movimento. Podem perguntar: ‘quando ficaremos livres desta escuridão?’. Eu digo a vocês, irmãos e irmãs. Apesar da dor, apesar das lágrimas, nossa liberdade logo chegará! Pois a verdade logo irá prevalecer. Quando seremos livres? Logo”. E parafraseando a Bíblia: “Porque meus olhos viram a glória da vinda do Senhor. Ele está pisando a vindima onde as uvas da ira estão guardadas. Ele soltou o relâmpago fatal de sua espada afiada. Sua verdade está marchando. Glória, aleluia!”.



Embora, como já temos afirmado, seja impossível que um filme seja completamente fiel à história, em *Selma* o tecer da narrativa ficcional não inviabiliza o testemunho histórico. Estão presentes os principais personagens envolvidos na campanha, como John Lewis, Hosea Williams, James Bevel, Andrew Young, Amelia Boynton e Diane Nash. Durante o discurso, a câmera se detém em alguns dos personagens principais, enquanto uma legenda nos fornece informações sobre suas trajetórias após o episódio de Selma. Sabemos assim que, além de eleitores, muitos tornaram-se figuras de destaque, como Andrew Young, escolhido embaixador dos EUA na ONU, e John Lewis, que foi eleito deputado pelo estado da Geórgia. Outra manifestante, Viola Liuzzo, uma dona-de-casa branca do Michigan, foi brutalmente assassinada por civis brancos apenas cinco horas após a marcha. Os inimigos da causa também têm seu desfecho: George Wallace, o governador, perdeu quatro eleições presidenciais, e ficou paraplégico devido a um atentado, em 1972; Jim Clark, o xerife, não voltou mais ao posto devido à votação massiva da população negra.

Temos assim uma espécie de *post scriptum*: com a ênfase na punição de George Wallace e Jim Clark, traduz-se a noção de que a justiça se encarrega de retribuir os maus; com Andrew Young e John Lewis, que se tornaram ativistas ilustres, vemos a continuidade do movimento; com Viola, fica nítido que o racismo e o ódio demorariam a ser definitivamente extirpados; com Lyndon Johnson, observamos que os interesses políticos não podem ser mais importantes que a justiça; e com Martin Luther King, conclui-se que a dedicação de 13 anos de trabalho incansável pelo movimento por direitos civis valera a pena. O desfecho moralizador e triunfalista tende a mitigar o impacto da exposição das fraquezas de Martin Luther King: embora pareça ao espectador muito mais humano, King emerge de *Selma* como o grande líder do movimento que com sua coragem e persistência inabaláveis marcou a História ao quebrar as estruturas de poder segregacionistas dos EUA.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho, é possível dizer que *Malcolm X* e *Selma* tem diferenças profundas, mas também semelhanças notáveis. Primeiro, quanto às figuras que retratam: Malcolm X e Martin Luther King seguiram caminhos tão diferentes que constantemente se puseram em aberta oposição de idéias; no entanto, foram filhos de uma mesma geração e lutaram por um mesmo objetivo, maior do que quaisquer desavenças. Enquanto um tornou-se a inspiração daqueles que insistem em denunciar a hipocrisia do sonho americano, o outro foi reconhecido como o grande símbolo da integração racial democrática norte-americana.

Apropriando-se do legado deixado por eles, Spike Lee e Ava DuVernay construíram suas próprios biografias, cada um à sua maneira. Em *Malcolm X*, o toque autoral de Lee está por toda parte: nos inovadores enquadramentos das câmeras, no afiado roteiro que toca em pontos nevrálgicos, na vívida trilha sonora que magistralmente acompanha cada etapa do filme. Em tudo, transparece a personalidade vibrante e contestadora de Spike Lee, que através do cinema buscou recriar o magnetismo da presença de um Malcolm igualmente vibrante e contestador.

Em *Selma*, o superlativo dá lugar à suavidade, numa narrativa que se pretende menos apoteótica e mais fiel à História. Afastando-se da aura de perfeição comumente associada a Martin Luther King, o filme desnuda a alma de alguém que “vira o topo da montanha”, mas que permanecia tendo de lidar com as profundezas de suas próprias fraquezas. Para DuVernay, menos cores e menos sons não significam menos emoção; apresentando a seu público as trajetórias de tantos ativistas que tornaram o trabalho de Luther King possível, a diretora nos brinda com um belo retrato deste episódio tão significativo para a história dos EUA.

Concordando com a afirmação de Jacques Le Goff de que “o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”⁸², concluo que o cinema, possuindo uma extraordinária capacidade de comunicação com as massas, erige monumentos na medida em que cria obras que se tornam um memorial de determinada pessoa, data ou evento histórico, fornecendo uma interpretação sobre a História que se pretende verdadeira e tem a seu favor todas as potencialidades do meio audiovisual. Através da trilha sonora, da interpretação dos atores, dos enquadramentos estratégicos da câmera, o cineasta cria um efeito de realidade dificilmente obtido pelo discurso historiográfico, e que tem por objetivo

⁸²LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora. UNICAMP, 1994. pág 535.

convencer o espectador da importância do conteúdo apresentado. Contudo, assim como diferentes pessoas que visitam o Arco do Triunfo, em Roma, ou qualquer outro monumento físico, podem registrar diferentes impressões, assim também diferentes espectadores saem da experiência fílmica com pontos de vista diversos sobre a mesma obra. Esta variedade nos lembra que, embora tenha sido idealizado como monumento, um filme precisa ser estudado também como um documento, um registro de como um diretor e sua equipe, em determinado lugar e determinada época, construíram uma interpretação sobre um tema; o que, aliás, se aplica não apenas aos filmes históricos, mas a qualquer outro gênero.

Enquanto análise de documentos, este trabalho contribuiu para minha formação como pesquisadora; adentrar um pouco mais na história do movimento por direitos civis me levou a ter contato com diferentes tipos de fontes históricas, e a escolha de filmes como tema abriu minha mente para novas possibilidades de escrever História. O resultado da experiência foi extremamente gratificante; compreender as representações da História veiculadas pelo cinema foi um aprendizado que pretendo levar para além do ambiente acadêmico. Não é apenas a pesquisadora que encerra esta pesquisa; a espectadora que há em mim aplaude de pé estes filmes-monumento, que lembram a cada um que por eles passa a capacidade do ser humano de se mobilizar diante da opressão e da injustiça, e a capacidade de reinventar criativamente seu próprio passado.

5. FILMOGRAFIA

Malcolm X. Direção: Spike Lee. Produção: Marvin Worth. EUA: Warner Bros. Pictures, 1992, 1 DVD.

Selma – Uma luta pela igualdade. Direção: Ava DuVernay. Produção: Spencer Averick. EUA: Harpo Films, 2014, 1 DVD.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARSON, Clayborne (org). *A autobiografia de Martin Luther King*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CARSON, Clayborne (org). *Um apelo à consciência: os melhores discursos de Martin Luther King*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FEBUS, Jeffrey S. *Hollywood and History: Spike Lee's Malcolm X*. 1994, 127 f. Master of Arts, Drake University.

FERRO, Marc. "Cinema e História". São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FOIX, Alain. "Martin Luther King". Porto Alegre: L&PM, 2016.

HALEY, Alex (org). *Autobiografia de Malcolm X*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

KARNAL, Leandro. "*História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*". São Paulo: Contexto, 2017, pág 142.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2011.p. 211.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

MARABLE, Manning. *Malcolm X: uma vida de reinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MORRIS, Aldon. *Origins of the civil rights movement*. Free Press, 1986.

NETO, Roberto Moll. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo)conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. 2010, 265 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, pág 163.

PECEQUILO, Cristina Soreano. *Introdução às relações internacionais: temas, atores e visões*. Petrópolis: Vozes, 2004.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. *O Poder das Imagens: Cinema e Política nos Governos de Adolf Hitler e Franklin D. Roosevelt (1933 - 1945)*. São Paulo: Alameda, 2012.

RODRIGUES, Vladimir Miguel. *O X de Malcolm e a questão racial norte-americana*. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p.312-7.

ROSENSTONE, Robert. *El pasado em imágenes*. Barcelona: Editora Ariel, 1997.

ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

TOTA, Antônio Pedro. “Dos ‘anos dourados’ a uma era de incertezas”. In: Os americanos. São Paulo: Contexto, 2009.

WEISBROT, Robert. *Freedom Bound: a history of America’s Civil Rights Movement*. New York, Norton&Company, 1990.

Periódicos, Links

BOTELHO, Teresa. *O novo populismo conservador do movimento Tea Party e as intercalares americanas*. Revista Relações Internacionais, Lisboa, p. 105-114, setembro de 2010.

CHAVES, Wanderson da Silva. *O Partido dos Panteras Negras*. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 359-364, jan./jun. 2015

COELHO, Jaime César. *Trajetórias e interesses: os EUA e as finanças globalizadas num contexto de crise e transição*. Revista de Economia Política v. 31 , 2011.

COSGROVE, Ben. *Hatred on the Home Front: The Detroit Race Riots During WWII*. Site da revista Time, 18 de junho de 2014. Disponível em: <http://time.com/3880177/detroit-race-riots-1943-photos-from-a-city-in-turmoil-during-wwii/>.

DASILVA, Hernani Francisco. *13 negros vencedores do Oscar*. 13 fev. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/13-negros-vencedores-do-oscar/>. Acesso em 28 fev.2018.

DE LUCA, Kevin Michael, HAROLD, Christine. *Behold the corpse: violent images and the case of Emmett Till*. Rhetoric & Public Affairs, volume 8, número 2, Summer 2005, pp. 263-286.

EDWARDS, Gavin. Conheça a história da diretora de Selma. Revista Rolling Stone, 21 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/conheca-historia-da-diretora-de-iselma-uma-luta-pela-igualdade-indicado-ao-oscar-de-melhor-filme/#imagem0>. Acesso em 17/07/2018.

FERREIRA, Marcos Alan S.V. *Panorama da política de segurança dos Estados Unidos após o 11 de setembro: o espectro neoconservador e a reestruturação organizacional do Estado*. In: *Do 11 de setembro de 2001 à Guerra ao Terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI*. Brasília, Ipea, 2014

FERREIRA, Marcos Alan S.V. *Panorama da política de segurança dos Estados Unidos após o 11 de setembro: o espectro neoconservador e a reestruturação organizacional do Estado*. In: *Do 11 de setembro de 2001 à Guerra ao Terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI*. Brasília, Ipea, 2014.

FRIEDMAN, Ann. *The film director who tells epic tales through intimate stories*. The gentlewomen, nº 11, Spring & Summer 2015. Disponível em: <https://thegentlewoman.co.uk/library/ava-duvernay>. Acesso 18/07/2018.

MARABLE, Manning. *Rediscovering Malcolm's Life*. Souls, Columbia, nº 7, pág24, 2005.

MACHADO, Renato. Protestos em Ferguson e outros casos de revolta contra a polícia americana. Revista Época, 26 de novembro de 2014. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/11/bprotestos-em-fergusonb-e-outros-casos-de-revolta-contra-policia-americana.html>. Acesso em 21/08/2018.

MOMBELLI, Neli Fabiane e TOMAIM, Cássio dos Santos. "Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos". *Lumina* – Vol 8, nº 2, pp. 1-17.

NAVARRO, Vicente. *WelfareState e “keynesianismo militarista” na Era Reagan*. Lua Nova, São Paulo, nº 21, p. 195, set. 1991.

PACHECO, Cristina Carvalho. *Os “combatentes inimigos e o governo Bush: as relações entre Executivo, Legislativo e Judiciário entre 2001 e 2008*. *Mediações*, Londrina, v. 16, n.2, p. 72-88, jul/dez 2011.

RODRIGUES, Tiago M. S. *A infundável guerra americana: Brasil, EUA e o narcotráfico no continente*. São Paulo em perspectiva, p. 102-111, 2002.

ROMANELLI, Sandro Luís Tomás Ballende, TOMIO, Fabrício Ricardo de Limas. *Suprema Corte e segregação racial nos moinhos da Guerra Fria*. *Revista Direito FGV*, São Paulo, v. 13 n. 1, pp. 204-235, jan-abr 2017.

20 imagens que contam como foi o ataque de 11 de setembro de 2001. Veja, 11/09/2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/20-imagens-que-contam-como-foi-o-ataque-de-11-de-setembro-de-2001/>. Acesso em 28/08/18.

Black Lives Matter: eliminating racial inequity in the criminal justice system. The sentencing Project, 2015. Disponível em: <https://sentencingproject.org/wp-content/uploads/2015/11/Black-Lives-Matter.pdf>. Acesso em 15/07/2018.

Constituição dos EUA. Disponível em: <http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/recdida/ConstituicaoEUAREcDidaPESSOALJNETO.pdf>. Acesso em 17/06/2018.

Fight the Power, Public Enemy. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/publicenemy/31847/traducao.html>. Acesso em 13/05/2018.

King Encyclopedia. The Martin Luther King, Jr. Research and Education Institute, Stanford. Disponível em: <https://kinginstitute.stanford.edu/encyclopedia>. Acesso em 30/10/2018.

Greta Gerwig é a quinta mulher indicada à direção na história do Oscar. O Globo, 21 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/greta-gerwig-a-quinta-mulher-indicada-direcao-na-historia-do-oscar-22319119>. Acesso em 17/07/2018.

Here's the Malcolm X Speech About Black Women Beyoncé Sampled in "Lemonade". Prosa Livre. Disponível em: <https://mic.com/articles/141642/here-s-the-malcolm-x-speech-about-black-women-beyonce-sampled-in-lemonade#.JQomkOFsY>. Acesso em 30/03/2018.

Little Rock Nine: the day young students shattered racial segregation. The Guardian, 24 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/sep/24/little-rock-arkansas-schoolsegregation-racism>. Acesso em 20/10/2018.

Lynchings Whites and Negroes 1882-1968. Tuskegee Institute, as cited by University of Missouri-Kansas City School of Law. Disponível em: (<http://law2.umkc.edu/faculty/projects/ftrials/shipp/lynchingsstate.html>). Acesso em 17/07/2018.

Ódio racial explode em Los Angeles, em 1992, deixando 53 mortos e mil feridos. O Globo, 3 de maio de 1992. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/odio-racial-explode-em-los-angeles-em-1992-deixando-53-mortos-mil-feridos-13654177>. Acesso em 21/04/2018.

Reducing Racial Disparity in the Criminal Justice System. The Sentencing Project, 2008. Disponível em: <https://www.sentencingproject.org/wp-content/uploads/2016/01/Reducing-Racial-Disparity-in-the-Criminal-Justice-System-A-Manual-for-Practitioners-and-Policymakers.pdf>. Acesso em 08/08/2018.

The movie 'Selma' has a glaring flaw. The Washington Post, 26 de dezembro de 2014. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/opinions/the-movie-selma-has-a-glaring-historical-inaccuracy/2014/12/26/70ad3ea2-8aa4-11e4a08534e9b9f09a58_story.html?noredirect=on&utm_term=.c19ea5b5652e. Acesso em 06/08/2018.

Voice Over. Cambridge Dictionary. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/voice-over>. Acesso em 11/04/2018.